

UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS



**A RENOVAÇÃO OITOCENTISTA DA  
CAPELA DO PAÇO DUCAL DE VILA  
VIÇOSA**

programas, protagonistas e materiais

MARIANA CORREIA PENEDO DOS SANTOS

Dissertação orientada pela Prof.<sup>a</sup> Doutora Clara Moura Soares,  
especialmente elaborada para a obtenção do grau de Mestre em  
Arte, Património e Teoria do Restauro

2018

## Agradecimentos

O meu primeiro e mais sincero agradecimento é destinado à Professora Doutora Clara Moura Soares, não só pela confiança depositada quando me convidou para participar no projecto PHIM como integrante na equipa do ARTIS-IHA, mas também por toda a disponibilidade e ajuda que me deu durante o mesmo. Como orientadora da minha Dissertação, agradeço por todo o entusiasmo e incentivo com que me recebeu, por toda a atenção e por me ter esclarecido todas as dúvidas e corrigido todas as lacunas. Não seria possível esta abordagem do tema, com todas as suas incertezas e facilidades em ser mal interpretado, sem o rigor que a Professora sempre me exigiu.

Agradeço ao Dr. Carlos Filipe e ao Dr. Armando Quintas, e a toda a equipa do CECHAP e dos integrantes no projecto PHIM, pela oportunidade de poder ter feito parte de um projecto inovador a nível internacional e ao qual reconheço a importância para a Cultura, Património e História. Ao Professor Doutor Vítor Serrão, pelo interesse que mostrou no tema e pela motivação que me deu. À colega de projecto Doutora Rute Massano Rodrigues, por toda a ajuda que me deu não só no projecto, mas também no decorrer da minha Dissertação.

À Fundação da Casa de Bragança, à Directora Maria de Jesus Monge e ao Doutor Tiago Salgueiro, que me receberam com toda a disponibilidade e me responderam a todas as questões que foram surgindo. Por me terem deixado visitar a Capela e espaços inacessíveis à visita guiada do Paço Ducal e pela autorização que me concederam para o registo fotográfico dos espaços. Ao Sr. Carlos Saramago, funcionário do Arquivo Histórico da Casa de Bragança, por toda a atenção e ajuda que me deu quando precisei de consultar manuscritos do Arquivo.

Um agradecimento especial à Doutora Vanessa Henriques Antunes e à Doutora Margarida Helena La Féria Valla, arguentes na minha prova pública de defesa de Dissertação, pelos comentários que teceram durante a mesma, comentários esses que tive em atenção durante a realização da revisão final da Dissertação.

Aos meus pais, por me terem sempre incentivado a prosseguir os estudos e por terem-no tornado possível e pela liberdade que me deram para poder estudar aquilo que realmente gostava.

A todos os docentes da Faculdade de Letras que, de algum modo, me incentivaram, e a todos os meus amigos e restantes familiares que me motivaram à realização deste trabalho.

# Índice

<b>Agradecimentos</b> .....	2
<b>Resumo</b> .....	4
<b>Introdução</b> .....	5
<b>O Tema</b> .....	6
<b>Objectivos</b> .....	8
<b>Metodologia de Investigação</b> .....	10
<b>Estado da Arte</b> .....	13
<b>I. A evolução arquitectónica do complexo paladino até ao século XIX – breve abordagem</b> .....	19
<b>II. A Capela: da construção quinhentista à grande intervenção de D. João V</b> .....	26
1. A primitiva Capela .....	26
2. A campanha de ampliação e engrandecimento promovida pelo rei Magnânimo ....	28
<b>III. A Renovação Oitocentista da Capela</b> .....	38
1. A intervenção dirigida pelo Arquitecto José da Costa e Silva (1806-1807).....	38
1.1 Programa .....	39
1.2 Protagonistas .....	56
1.3 Materiais.....	64
2. No tempo do Almojarife João dos Santos (1815-1823), “Encarregado da reedificação dos Reaes Paços da Provincia de Alentejo” .....	71
2.1 Estado de Ruína do Paço Ducal.....	72
2.2 Restauro e Despesas.....	74
<b>Considerações Finais</b> .....	76
<b>Bibliografia</b> .....	77
<b>Anexos</b> .....	81
<b>Anexo Documental</b> .....	81

## **Resumo**

A presente dissertação de mestrado é realizada no âmbito da História da Arte e visa promover, divulgar, preservar e perpetuar um património que, sendo único, se torna testemunho insubstituível da História. A Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, edificado há mais de cinco séculos, assistiu ao longo da sua existência a diversas alterações e remodelações. No século XIX, a mando do Príncipe Regente D. João VI, 15º Duque de Bragança, durante o reinado de D. Maria I, a Capela vê o seu interior ser alvo de uma remodelação profunda.

Visa esta dissertação dar a conhecer de forma detalhada a renovação oitocentista da Capela, realizada no curto período registado entre 1806 e 1807, procurando contextualizá-la no espaço e no tempo. Assumindo uma metodologia baseada na leitura e análise crítica da bibliografia disponível e em fontes históricas confrontadas com a sua comprovação no terreno, o objectivo é definir os processos de obras que se realizaram à responsabilidade do arquitecto José da Costa e Silva. Para tal, o presente trabalho divide-se em três vertentes: os programas de obras, os seus protagonistas e os materiais que tornaram possíveis a concretização da obra. Esta divisão permitirá ter uma visão alargada e integrada de como a renovação da Capela se realizou nas suas variadas perspectivas, acompanhando todo o seu desenvolvimento até à sua conclusão.

As invasões francesas colidiram com o abandono da obra de Costa e Silva, que só veria a sua conclusão já em 1823, quando o Almojarife João dos Santos assume o cargo de responsável pela campanha de conservação e restauro do Paço Ducal, incluindo a Capela.

A renovação da Capela no século XIX ganha, assim, um novo testemunho, contribuindo para o conhecimento da História da Arte e do Património e para o acrescento de nova informação para a História do Paço Ducal.

### **Palavras-chave**

Capela | Paço Ducal de Vila Viçosa | Renovação | Século XIX | Arquitecto José da Costa e Silva

## Introdução

Esta Dissertação é realizada para a obtenção do grau de Mestre em História da Arte e Património, pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. O tema de trabalho nasce da colaboração do ARTIS num projecto inovador a nível nacional e no qual tive a honra de participar: o projecto *Património e História da Indústria dos Mármore*s.

A Dissertação introduz-se pela explicação do tema, a sua justificação e pertinência no âmbito da História da Arte e, neste sentido, seguem-se os objectivos que pretendo alcançar e qual a metodologia que segui para os cumprir. Após o capítulo introdutório, a Dissertação encontra-se dividida em três partes, a primeira dedicada ao contexto histórico do tema, a segunda ao desenvolvimento das primeiras obras oitocentistas e a terceira à campanha que se desenvolveu após estas. Considerando um tema relacionado com o património, e estando ele inserido num edifício, não poderia deixar de se fazer um contexto que abordasse a história do monumento e a própria história do espaço. Termina com um texto que pretende fazer um resumo de tudo o que foi tratado, incentivando ao estudo contínuo de temas semelhantes, evidenciando a importância que a documentação tem para o património histórico.

É necessário referir de antemão que boa parte das fontes usadas para a realização do trabalho são primárias e manuscritas e, por este motivo foi necessária a transcrição de documentos. O critério de transcrição não altera a linguagem original e abreviaturas, segue apenas em texto corrido e separação de algumas palavras, para facilitar a leitura. As palavras que não foram possíveis de transcrever encontram-se assinaladas com [?], sendo cada ponto de interrogação correspondente a uma palavra.

Esta dissertação não utiliza o Novo Acordo Ortográfico. Os nomes de protagonistas e/ou materiais são adaptados para a linguagem actual, mantendo, contudo, o original em citações.

## O Tema

Como referido, o tema *A Renovação Oitocentista da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, programas, protagonistas e materiais* foi escolhido com base na investigação feita no âmbito do projecto *Património e História da Indústria dos Mármore* (PHIM), no qual a equipa de investigadores do ARTIS do Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (ARTIS-IHA/FLUL) colabora.

O projecto PHIM, lançado em 2013, no contexto dos programas do Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Património (CECHAP), ao qual a equipa do ARTIS se juntou para a realização da 2ª fase com o tema *Os Mármore* do Anticlinal Alentejano: *2000 anos de Memória e Património*, tem como fim último a divulgação do património artístico e, por consequente, a protecção e valorização do mesmo.

A participação de investigadores do ARTIS ganha pertinência quando se trata de um projecto que visa o estudo de uma matéria-prima – o mármore – e a sua concepção e aplicação em elementos arquitectónicos, esculturais e decorativos. Esta participação deverá incidir também na definição de jazidas, intervenientes, tipos de contrato, critérios de selecção dos materiais, técnicas e instrumentos de lavra, bem como qualquer dado relevante que se insira no plano de estudos e objectivos do projecto.<sup>1</sup>

A concretização destes objectivos traduz-se em três componentes fundamentais, nas quais a investigação deve seguir um rumo contínuo. A primeira etapa consiste num levantamento exaustivo de bibliografia, de imprensa periódica e de arquivo, nomeadamente fontes documentais de notariados. A segunda etapa passa pelo levantamento, no terreno, dos bens destacados na primeira etapa. A terceira etapa funciona como organização e consolidação dos dados recolhidos das etapas anteriores. Pretende-se uma sistematização de toda a informação adquirida através da realização de fichas de inventário, que vai permitir estabelecer a correspondência entre a informação das fontes históricas, as jazidas de material pétreo e os bens patrimoniais que com ele foram concebidas. O resultado pretendido será um sistema que permita determinar cronologias, autorias, percursos históricos, intervenções de conservação e restauro e técnicas usadas, aliado a um banco de bibliografia e fontes previamente conferidas e estudadas.

---

<sup>1</sup> SOARES, Clara Moura; SERRÃO, Vitor; FILIPE, Carlos; RODRIGUES, Rute Massano; MONTEIRO, Patrícia; SANTOS, Mariana Penedo dos –Património e História da Indústria dos Mármore: O Papel da História da Arte num Projeto Pluridisciplinar, *ARTis ON*, n.º 5 (2018), p. 250–261

O resultado que se pretende alcançar com o cumprimento dos objectivos propostos pelo ARTIS visa ampliar o conhecimento sobre a arte e o património nacional e contribuir para conhecimento da História do país, promover mecanismos de salvaguarda e conservação desse património que garantam a persistência de testemunhos materiais de diversas épocas históricas e contribuir para a valorização patrimonial das jazidas de mármore do Anticlinal – tanto extintas como as em actividade – entendidas como património cultural que constitui o ponto de partida para a concepção de obras únicas de arquitectura e de arte. Só é possível proteger o património quando se conhece o património e sua história.

No decorrer da investigação para o PHIM, nomeadamente para o previsto no protocolo referente à primeira etapa, cruzei-me, em pesquisa no Acervo Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ), com um conjunto muito significativo de documentação relativa às obras de renovação da Capela Real do Paço Ducal de Vila Viçosa realizadas no século XIX, que se revelou ser inédita.

O tema escolhido visa dar a conhecer e explicar todo o processo de obras de renovação da Capela Real e todo o seu desenvolvimento no decorrer das mesmas, entre os anos de 1806 e 1807. Apesar do curto período, este foi recheado de intensos trabalhos, descritos detalhadamente na documentação que os arquitectos de renome envolvidos produziam. Para se assimilar o processo de intervenção, é necessário definir as obras e os espaços que sofreram alterações, quais os programas seguidos, os protagonistas do processo e os materiais usados na concretização da renovação. De um ponto de vista geral, é também necessário colocar esta intervenção no contexto das obras realizadas no Paço Ducal, e perceber o antes e o depois desta remodelação.

## Objectivos

Cada vez mais o Património se torna alvo de atenções na medida do seu testemunho físico e único da História do Homem. O Património carrega em si uma característica única que transmite uma aura que se torna carimbo de um determinado momento da história, que marca um acontecimento. Neste sentido, a sensibilidade com que se olha para o património tem vindo a crescer e, com ela, cresce também o desejo de o fazer permanecer.

O objectivo da realização deste trabalho é, em primeiro lugar, honrar o nome e as metas propostas pelo ARTIS e Instituto de História da Arte no âmbito do projecto PHIM. O produto final deste trabalho deverá ir ao encontro do proposto não só pelo ARTIS, mas pelo próprio projecto: dar a conhecer a região do Anticlinal, promover o turismo da região e contribuir para a divulgação e, por consequente, a salvaguarda do património.

O que se pretende alcançar com este trabalho é documentar o testemunho de um património que se veio a transformar ao longo de cinco séculos, contribuindo, assim, para a sua permanência na História de Portugal. As obras de renovação da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, levadas a cabo no início do século XIX, testemunham uma preocupação da Família Real em manter em sua Casa um lugar de culto religioso particular, onde se procurou preservar a sua riqueza enquanto obra de arte.

Para alcançar os objectivos, é necessário definir uma metodologia que vá ao encontro das respostas que se pretendem obter com a realização do trabalho. É preciso sintetizar e numerar o processo de obras, dividindo-o em programas, protagonistas e materiais. Atendendo ao programa, é preciso definir o conceito de renovação e restauro. A campanha oitocentista de Costa e Silva foi uma renovação da Capela, na medida em que se alteraram vários elementos da obra, sem que houvesse necessidade de restauro, pois o restauro assume componentes ligadas à perda do património e ao respeito pelo seu estado original. No caso da campanha de 1806 e 1807, não se pode assumir como restauro pois o objectivo não foi preservar o património, mas sim renová-lo ao gosto de quem mandou executar a intervenção.

A preservação e restauro do património não se circunscreve apenas à intervenção prática no mesmo, documentá-la é um dos passos essenciais para o futuro desse mesmo património. Conhecer todo o processo de obras ajuda na manutenção posterior e que medidas tomar em decisões de intervenção futura. O último objectivo e, talvez, o mais importante, é contribuir para a resolução de várias lacunas que existem ainda na História



do Paço Ducal: sendo uma construção de cinco séculos e com sucessivas alterações à sua estrutura, torna-se complicado ter uma percepção do complexo actual vs. antigo, dificultando, por vezes, a interpretação da documentação. A campanha oitocentista de renovação é a última alteração estrutural que se faz na Capela do Paço Ducal, pelo que o espaço que hoje podemos observar deve-se à obra de José da Costa e Silva (1806-1807) e à renovação de João dos Santos (1823).

## Metodologia de Investigação

Como referi no capítulo introdutório, o tema desta dissertação partiu da descoberta de documentação inédita ao abrigo de um trabalho de investigação. A documentação trata-se de correspondência manuscrita, onde constam variadas cartas endereçadas ao arquitecto da obra José da Costa e Silva. Esta correspondência foi encontrada no Acervo Digital da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro (BNRJ), na secção dos Manuscritos, inserida na Coleção Arquitecto Costa e Silva.

A metodologia de investigação adoptada para esta dissertação seguiu um plano de consulta dos arquivos, procurando ir ao encontro da fonte histórica. Baseou-se na pesquisa nos fundos históricos que compreendem o período decorrido entre os anos de 1791 e 1836. A pesquisa nas fontes demonstra uma metodologia que procura ir ao encontro da primordial informação, sem adulteração ou alteração de conteúdos e/ou factos.

A primeira etapa para a concretização deste trabalho de investigação foi a transcrição da correspondência encontrada. Inicialmente transcrevi as cerca de 50 cartas enviadas por Manuel Caetano da Silva Gaião, o responsável pela concretização da obra na Capela e discípulo de José da Costa e Silva <sup>2</sup>, ao próprio. Numa segunda *visita* ao Acervo Digital da BNRJ, encontrei mais de 100 documentos também relativos à obra da Capela. Destes, mais de 80 foram transcritos. Deste lote de correspondência, remetida por Vicente Ferrer de Siqueira, o inspector das obras da Capela <sup>3</sup>, a José da Costa e Silva, foi possível complementar os documentos anteriores já recolhidos. Esta transcrição revelou-se trabalhosa, pois grande parte dos documentos encontram-se digitalizados com fraca qualidade, aliado ao facto de serem documentos do início do século XIX e, naturalmente, alguns encontram-se já degradados. Nesta fase foi necessário um exaustivo estudo da documentação, para não correr risco de falsa interpretação do conteúdo, uma vez que são cartas do século XIX com características caligráficas e linguagem da época.

Após a transcrição dos documentos, o caminho a seguir foi sintetizar os conteúdos de ambos os remetentes, cruzando a informação dada com o conhecimento que se tem do arquitecto José da Costa e Silva e da sua obra. Além de uma descrição minuciosa sobre as obras executadas, foi possível conhecer os protagonistas que as tornaram possíveis. A

---

<sup>2</sup> CARVALHO, Aires de, 1979, p. 105

<sup>3</sup> Idem, p. 105

documentação tornou claro todo o processo de concretização da obra, mesmo sem se conhecer o outro lado da correspondência – as respostas às cartas.

Tendo todo o conteúdo da correspondência sintetizado, foi necessário contextualizar a obra em espaço e tempo. A Capela insere-se no conjunto arquitectónico do Paço Ducal de Vila Viçosa, pelo que foi preciso contextualizá-la não só na história do complexo, mas também na história da Família da Casa de Bragança. Tornou-se de extrema importância fazer uma listagem de todas as intervenções feitas ao nível da Capela e do próprio edifício onde ela se insere. Neste ponto foi importante o estudo da campanha de obras levadas a cabo a mando do Rei D. João V, no século XVIII, em especial as obras executadas na Capela.

Após ter esgotado a informação relativa ao tema no Acervo da BNRJ, tornou-se imperativa a pesquisa no Arquivo Nacional da Torre do Tombo (ANTT). Neste arquivo comecei por explorar o Arquivo do Ministério do Reino, onde encontrei documentos relativos à situação da obra após as invasões francesas. Entre os anos de 1815 e 1833 surge documentação que comprova a preocupação do Almojarife João dos Santos, uma figura de extrema importância para o estudo das intervenções nos palácios reais deste período, com o estado de ruína e degradação do complexo arquitectónico, bem como a urgência de se intervir na sua conservação e restauro. Além do Ministério do Reino, consultei também uma planta do Real Palácio de Vila Viçosa, incorporado no Arquivo da Casa Real. A consulta do Arquivo Histórico da Casa de Bragança (AHCB), localizado no Palácio Real de Vila Viçosa, tornou-se essencial no contexto deste pós-obra de 1815 com João dos Santos, que permite complementar a informação obtida no ANTT e perceber o estado de degradação em que se encontrava o Paço na época pós-invasões.

Para a concretização desta dissertação, optei por colocar transcritos em Anexo apenas os documentos que continham informação directamente relacionada com o processo e desenvolvimento da campanha de obras, deixando de fora os que transcrevi e que se revelaram menos importantes para a percepção dos trabalhos executados durante 1806 e 1807.

A primeira visita à Capela revelou-se de extrema importância, porque pude, finalmente, comparar a informação escrita com o espaço físico. Ajudou-me não só a definir com precisão as várias campanhas de obras, mas também o que ainda hoje resta da intervenção do século XIX. Dados os escassos – e antigos – registos fotográficos da Capela, esta visita permitiu-me recolher novas fotografias para ajudar na concepção do espaço.

Ainda que esta campanha de obras se centre na Capela, houve outros espaços intervencionados, cuja localização era desconhecida na minha primeira visita. Aprofundei a pesquisa, comparando a documentação já tratada com várias plantas do Paço Ducal. Visitei o Paço uma segunda vez, com algumas noções de possível localização, e confirmei a existência parcial de um dos espaços: a escada do Príncipe. Os outros dois espaços – quarto e gabinete – mantêm-se de localização desconhecida, ainda que, com base na documentação e no conhecimento da localização da escada, me seja possível supor as suas correspondências no espaço actual.

## Estado da Arte

O primeiro passo a dar para a escolha do tema foi procurar saber se a documentação era conhecida e tratada, e o que já estava publicado sobre o mesmo. Nesta primeira fase, tentei saber se haveria alguma tese ou dissertação já publicadas sobre o tema. Deparei-me com a tese de Doutoramento de José de Monterroso Teixeira, que aborda o arquitecto José da Costa e Silva e o Neoclassicismo, onde o autor dedica um capítulo à renovação da Capela, tratando-a no contexto de obras do arquitecto.

Excluindo a possibilidade de haver algo já publicado sobre as obras da Capela, a segunda fase foi pesquisar o que o *site* monumentos, do Sistema de Informação para o Património Arquitectónico (SIPA), teria a dizer sobre o assunto. No site há uma entrada para o Paço Ducal de Vila Viçosa <sup>4</sup>, monumento no qual se insere a Capela, com a ficha de inventário datada de 1993. O *site* do SIPA não refere as obras realizadas na capela durante o reinado de D. Maria I, no século XIX, faz apenas referência à construção da Sala de Jantar no fim do século XVIII e logo a seguir à remodelação dos Quartos Novos, já no final do século XIX. No campo que diz respeito às intervenções de preservação e restauro, constam apenas as obras feitas a cargo da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), executadas no século XX. O mesmo se aplica à informação disponibilizada *online* pela Direcção Geral do Património Cultural (DGPC), que dá conhecimento da grande campanha de obras de D. João V, em 1716, seguindo-se, após estas, as remodelações no final do século XIX, não referindo qualquer intervenção entre este período.<sup>5</sup>

A figura que surge com documentação sobre o tema *ainda hoje* inédita é Padre Joaquim José da Rocha Espanca, nascido em 1839 em Vila Viçosa. Este personagem da história, formado em Teologia, é dotado de um profundo sentido de sensibilidade para a História e o seu estudo permanece hoje como uma fonte inigualável de conhecimento sobre a região onde viveu, e sobre a qual incidiu o seu contributo para a posterioridade: uma monografia de cinco tomos intitulada *Memórias de Vila Viçosa*. Estes volumes inéditos foram, em 1892, compilados pelo próprio autor num único volume, intitulado *Compêndio de Notícias de Vila Viçosa* e é ainda hoje citado em tudo o que diz respeito a Vila Viçosa e ao seu património, não especificando, contudo, as fontes que utilizou.

---

<sup>4</sup> [http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP\\_PagesUser/SIPA.aspx?id=2750](http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=2750)

<sup>5</sup> <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/70205>

Na sua monografia de 1892, Padre Joaquim Espanca dá conta das notícias que considera importantes que acontecem na região, organizando-as cronologicamente por ano. No que diz respeito ao período do meu tema, Padre Joaquim Espanca dá conta da permanência da Família Real no Palácio Real entre Janeiro e Abril de 1806, podendo estar esta estadia Real directamente relacionada com a ordenação da intervenção na Capela Real. Sem documento que assinale com certeza o que levou o Príncipe Regente D. João VI, no reinado de D. Maria I, a ordenar a execução de obras ao nível da Capela Real do Paço, sabe-se que após a estadia da Família Real os serviços da Capela são transferidos para outro local e são iniciadas as obras <sup>6</sup>. No final do ano seguinte, em Novembro de 1807, o autor dá conta da questão do avanço do exército francês em território português e informa que o Tesouro da Capela Real já se encontrava em Lisboa, a fim de ser transportado para o Brasil pela Família Real.

José Augusto França surge como figura importante para a contextualização da obra do arquitecto José da Costa e Silva em Portugal ao serviço da Coroa, ao publicar a sua obra-prima *A Arte em Portugal no Século XIX*, em 1966. É notável a admiração que a Família Real nutre pelo famoso arquitecto, tornando-o responsável pelas principais obras erguidas no seu tempo, como é o caso do Palácio da Ajuda, Palácio de Mafra e Palácio de Queluz. Carimbo dessa admiração foi o convite feito pela própria Família Real, que pede a Costa e Silva que embarque juntamente com a corte para o Rio de Janeiro, na época em que a Família embarca para o Brasil procurando fugir às invasões francesas.<sup>7</sup>

Quase um século depois da publicação da obra-prima de Padre Joaquim Espanca surge, em 1978, a grande obra que compila tudo o que se sabia até à data sobre o património de Portugal. A Academia Nacional de Belas Arte publica uma série de volumes intitulados *Inventário Artístico de Portugal*, e é Túlio Espanca, prestigiado historiador, que fica a cargo do da descrição do distrito de Évora. No que diz respeito ao Palácio dos Duques de Bragança, em Vila Viçosa, Túlio Espanca descreve detalhadamente todos os aspectos relevantes sobre o Paço, desde a sua construção, passando pelo contributo de cada um dos Duques e pelo recheio do Palácio, até ao estado da obra no ano da publicação.

Com um capítulo dedicado apenas à Capela Real, Túlio Espanca descreve toda a sua alteração ao longo dos cinco séculos da sua existência no complexo arquitectónico. A consulta minuciosa desta monografia torna-se crucial na necessidade de contextualizar

---

<sup>6</sup> ESPANCA, Joaquim José da Rocha, 1892, p. 247

<sup>7</sup> FRANÇA, José Augusto, 1966, Vol. I, p. 44

a obra no espaço, uma vez que Túlio Espanca faz o enquadramento da Capela no Paço e faz uma compilação de todas as intervenções na Capela, com especial incidência nas campanhas de obras do reinado de D. João V e na Regência de D. João VI.

Túlio Espanca faz algumas referências ao processo de obras realizadas em 1806 e 1807, incluindo a menção do nome do protagonista responsável pela pintura nesta campanha de obras, o pintor Manuel da Costa<sup>8</sup>. A descrição da intervenção oitocentista na Capela não acompanha o seu processo ou explora o seu desenvolvimento, mas revela-o como produto final.

Um ano depois, em 1979, é publicada a obra *Os Três Architectos da Ajuda: do “Rocaille” ao Neoclássico*, de Ayres de Carvalho, onde estão presentes capítulos referentes aos architectos que trabalharam ao serviço da Coroa no Palácio da Ajuda, entre eles José da Costa e Silva. No capítulo referente a José da Costa e Silva consta, além de uma biografia, as obras de destaque onde este participou. Sendo ele o architecto responsável pelas obras de renovação da Capela, naturalmente Ayres de Carvalho menciona o seu papel nas mesmas. Contrariamente aos autores já referidos, Ayres de Carvalho é o que mais se aproxima da descrição do processo de obras, indicando já um contacto com a correspondência de Costa e Silva. É também o primeiro autor a referir o personagem Vicente Ferrer de Siqueira como Inspector e encarregado das despesas da Obra da Real Capela.

Nesta monografia a obra é descrita com detalhe, mencionando algumas das áreas que foram intervencionadas. No entanto, grande parte da monografia dedica-se à preocupação de Costa e Silva com as condições que este dispunha para a concretização da obra e com a questão das dívidas aos oficiais de trabalho que se tinham contraído, motivadas pela ameaça francesa que levou à falta de providências para se concretizar o pagamento.

O que Ayres de Carvalho traz com este capítulo dedicado a José da Costa e Silva não é apenas uma descrição mais aprofundada das obras em si, mas sim fontes até então desconhecidas e/ou não tratadas, que o autor consultou para a redação da monografia. É o primeiro a mencionar a correspondência do architecto e a referir os manuscritos da BNRJ, apesar de não mencionar a correspondência endereçada por Manuel Gaião ou Vicente Ferrer de Siqueira que acabam por ser os protagonistas que assistiram à execução da obra e a descrevem minuciosamente.

---

<sup>8</sup>ESPANCA, Túlio, 1978, Vol. I, p. 648

Anos antes de apresentar a sua Tese, em 1983, José Teixeira escreve a monografia *O Paço Ducal de Vila Viçosa: sua arquitectura e suas colecções*, obra que também se tornou importante e foi várias vezes consultada no decorrer da elaboração do estado da arte do meu tema. Nesta, encontramos uma descrição do Paço Ducal organizada cronologicamente, desde a sua origem ao século XX, e um capítulo dedicado ao recheio e colecções da propriedade da Casa de Bragança. José Teixeira aborda as obras oitocentistas da Capela num contexto geral, não deixando lugar para descrições rigorosas e pormenorizadas. É, contudo, de extrema importância para contextualizar toda a obra e intervenções feitas no Palácio no âmbito da História de Portugal e da Casa de Bragança. Esta monografia traz à História do Paço um aspecto muito importante, e que vale a pena referir: contém a transcrição de um extenso documento sobre os festejos nupciais do casamento da irmã de D. Teodósio I com o infante D. Duarte, em 1537, que em muito ajudou na percepção de como era o Paço Ducal na época. Anos depois da sua publicação, José de Monterroso Teixeira ocupou o cargo de director do Museu Biblioteca da Fundação da Casa de Bragança e do Paço Ducal de Vila Viçosa, entre 1988 e 1992.

O mais relevante, e que comporta todos os autores já mencionados, é a Tese de Doutoramento em História, da Universidade Autónoma de Lisboa, defendida por José de Monterroso Teixeira em 2012. Intitulada *José da Costa e Silva (1747-1819) e a Recepção do Neoclassicismo em Portugal: A Clivagem de Discurso e a Prática Arquitectónica*, José Teixeira dedica um capítulo à Capela e à sua reforma no ano de 1806.

É nesta tese que se consagra a contextualização da obra, não só no programa das obras do arquitecto, mas também no espaço e tempo. No capítulo refere-se a execução da obra no seguimento da estadia da Família Real em Vila Viçosa, aludindo à vontade do Príncipe Regente em ver alterada a sua capela e a Casa do Tesouro. É pedido a Costa e Silva, arquitecto das Obras Reais, que elabore o risco e que se encarregue da responsabilidade da sua execução. No entanto, Costa e Silva encontrava-se simultaneamente à frente das obras que decorriam no Palácio de Mafra, em Lisboa, pelo que o próprio coloca o seu discípulo Manuel Caetano da Silva Gaião à frente da execução das obras no terreno.<sup>9</sup>

Em 1812 José da Costa e Silva é chamado à Corte do Rio de Janeiro, onde se encontrava a Família Real numa tentativa de fuga às invasões francesas. Em 1818, já perto da sua morte, o arquitecto terá vendido o seu valiosíssimo espólio à Biblioteca

---

<sup>9</sup> TEIXEIRA, José, 2012, p. 411



Real.<sup>10</sup> Grande parte dos manuscritos ficaram à tutela da actual BNRJ, onde foi possível encontrar as principais fontes para a elaboração da minha tese. Foi na sua colecção que encontrei os manuscritos enviados ao próprio pelo arquitecto Manuel Gaião e Vicente Ferrer de Siqueira, onde ambos os remetentes descrevem todo o processo das obras de renovação da Capela no início do século XIX. Depois de transcritos os manuscritos, foi necessário fazer uma síntese de todo o conteúdo, distinguindo programas, materiais e protagonistas.

Apesar de os programas e os materiais estarem bem definidos na correspondência, o mesmo não se pode aplicar aos protagonistas, aos quais faltava um contexto e uma biografia. Neste sentido, foi preciso fazer uma pesquisa e estudo nos grandes dicionários de importantes historiadores. Foi importante a consolidação dos detalhes e características que Francisco Marques de Sousa Viterbo dá acerca de Manuel Caetano da Silva Gaião e José da Costa e Silva, no seu *Diccionario Historico e Documental dos Architectos, Engenheiros e Construtores Portuguezes*, onde além de biografia fez também constar as obras onde cada um participou.

O mesmo fez Fernando de Pamplona no *Dicionário de Pintores e Escultores Portugueses*, onde é possível consultar biografia e obras de Manuel da Costa, José Elói, Manuel da Silva e José António Narcizo, todos eles participantes nas obras da Capela nos anos de 1806 e 1807, conforme é evidente na correspondência de Manuel Gaião e Vicente Ferrer de Siqueira.

A obra de Cyrillo Volkmar Machado, *Collecção de memórias relativas ás vidas dos pintores, e escultores, architectos e gravadores portuguezes, e dos estrangeiros que estiverão em Portugal*, funcionou do mesmo modo para os protagonistas José da Costa e Silva, João Thomaz da Fonseca, José António Narcizo e Manuel da Costa.

No decorrer da minha dissertação (2018) foi publicada uma nova monografia, com a coordenação de Jessica Hallett e Nuno Senos, *De Todas as Partes do Mundo – O património do 5º duque de Bragança, D. Teodósio I*. Esta obra comporta vários artigos, de vários autores e historiadores, sobre o Paço Ducal de Vila Viçosa e traz nela uma releitura da História do complexo no século XVI e XVII, desmitificando vários aspectos com o tratamento de nova documentação. Torna-se crucial, em particular, na abordagem que se faz sobre as várias campanhas de obras que o Paço sofreu, procurando definir as

---

<sup>10</sup> FRANÇA, José Augusto, 1966, p. 246

que seriam de D. Teodósio I e as de D. Teodósio II <sup>11</sup>, e aquilo que foi fruto do que hoje podemos observar num dos maiores símbolos da arquitectura civil presentes no nosso país.

---

<sup>11</sup> A questão sobre as campanhas teodosianas é abordada em: HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno (coord.) 2018, p. 109 a 134 e p. 135 a 144

## **I. A evolução arquitectónica do complexo paladino até ao século XIX – breve abordagem**

O Paço Ducal – ou Palácio dos Duques de Bragança – situa-se em Vila Viçosa, distrito de Évora, e a sua existência permanece na História de Portugal há mais de cinco séculos. O complexo arquitectónico encontra-se sob tutela da Fundação da Casa de Bragança, criada em 1933 por vontade de D. Manuel II – que a deixou perpetuada no seu testamento (1915) e a qual o Estado Novo fez cumprir –, e nele se insere actualmente o Palácio-Museu, a Biblioteca, Arquivo Musical e Fotográfico e ainda o Arquivo Histórico da Casa de Bragança. Este capítulo procura consolidar a história do Paço Ducal, fazendo uma breve abordagem do tema, sem grande desenvolvimento, para enquadrar a Capela no seu complexo arquitectónico,

O que conhecemos hoje por Paço Ducal de Vila Viçosa ergueu-se nos primeiros anos do século XVI, por encomenda de D. Jaime (1479-1532), quarto Duque de Bragança. Exilado durante grande parte da sua vida, D. Jaime regressa a Portugal e, logo após o seu matrimónio com D. Leonor de Gusmão, em 1502 <sup>12</sup>, manda construir um complexo na Horta do Reguengo – daqui provém o nome Paço do Reguengo, pelo qual era conhecido na época e pelo próprio D. Jaime, que refere o nome no seu testamento <sup>13</sup> – que iria servir de residência para o recente casal. Não podendo referir-se com certeza a data de início da construção, sabe-se que a obra provavelmente teve início em 1501<sup>14</sup> e que em 1505 o complexo já contava com todas as acomodações de uma habitação <sup>15</sup>.

A planta do Paço do Reguengo desenvolve-se segundo uma planta rectangular, à qual se adiciona um corpo avançado para Sul (Fig.1). Da construção primitiva distingue-se a clastra – ou pátio– que comunica com a Ilha, onde se localiza a famosa Porta do Nó <sup>16</sup> que dá acesso à estrada de Borba e por onde, no século XVI e até ao século XVIII, se entra no complexo, a Capela, a cozinha <sup>17</sup>, os quartos de D. Jaime, o tanque do Tritão e ainda o Jardim do Bosque. A clastra, de planta quadrada com cerca de 18m de cada lado, é definida por 24 colunas de mármore, com capitéis decorados com folhagem estilizada, de influência árabe <sup>18</sup> e tem acesso directo com a cozinha e Capela. Estes três complexos

---

<sup>12</sup> TEIXEIRA, José, 1983, p. 17

<sup>13</sup> Idem, p. 15

<sup>14</sup> TEIXEIRA, José, 1997, p. 8

<sup>15</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 613

<sup>16</sup> Ou Porta dos Nós, como também é referida por muitos autores.

<sup>17</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno (coord.), 2018, p. 113

<sup>18</sup> TEIXEIRA, José, 1983, p. 25

são dos poucos da época quinhentista que ainda hoje se podem observar, uma vez que as sucessivas obras de ampliação do Paço, promovidas nos séculos seguintes, modificaram substancialmente grande parte da construção original do quarto Duque.<sup>19</sup>

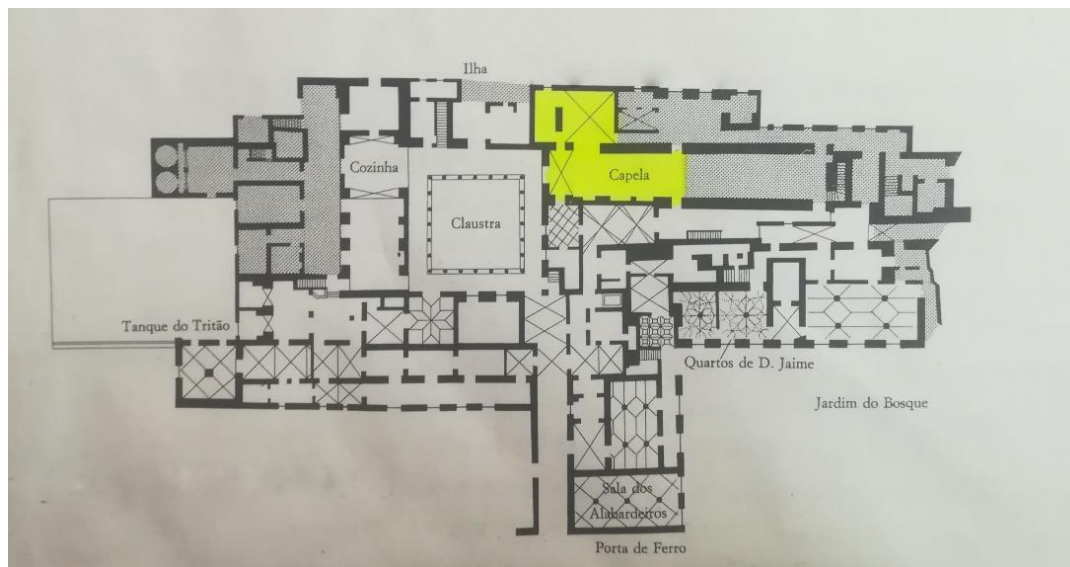


Figura 1: Planta do Paço Ducal no tempo de D. Jaime. A amarelo situa-se a Capela. Planta retirada da monografia TEIXEIRA, José Monterroso de – *O Paço Ducal de Vila Viçosa: sua arquitectura e suas colecções*. Lisboa: Fund. da Casa de Bragança, 1983

Anos mais tarde, entre 1532 e 1533<sup>20</sup>, o filho de D. Jaime, D. Teodósio I (1505-1563), quinto Duque de Bragança, inicia a primeira campanha de obras no Paço Ducal. Esta campanha está associada ao casamento da irmã de D. Teodósio, a infanta D. Isabel, com D. Duarte, irmão do rei D. João III.<sup>21</sup> Desconhecendo-se a data efectiva de início das obras, estas começaram pelo desbaste do pomar da horta do Reguengo, onde nele se fez erguer a nova ala do Paço que hoje corresponde à fachada nobre do edifício, limitando, deste modo, o Terreiro do Paço de Vila Viçosa.<sup>22</sup> A D. Teodósio I corresponde o levantamento dos primeiros 13 tramos da fachada principal<sup>23</sup>, a contar da primitiva construção de D. Jaime, que se dispõe por dois andares e vai até à actual Escada Nobre. É neste complexo de novos compartimentos que o Duque vai acomodar o rei D. João III

<sup>19</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 613

<sup>20</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 114: as obras foram, até 2018, dadas como iniciadas em 1537, ano do casamento que as motivou, mas Nuno Senos chama a atenção para a questão de, aquando o casamento, o Paço já estava modificado, logo as obras começaram anos antes de 1537, provavelmente logo após a morte de D. Jaime, em 1532

<sup>21</sup> Este enlace veio fortalecer a aproximação da Família de Bragança com a Família Real, pelo que o Duque D. Teodósio I mostrou um grande empenho e ostentação a preparar o casamento de sua irmã.

<sup>22</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 114

<sup>23</sup> Idem, p. 114

na ocasião do casamento de sua irmã com o irmão do monarca.<sup>24</sup> Por querer destacar a sua campanha – ou por querer preservar o Paço de seu pai – o quinto Duque decide revestir a sua fachada de mármore, deixando a primitiva construção de D. Jaime a cal branca.

D. João I (1543-1583), sexto Duque e filho de D. Teodósio I, não tardou a seguir as pisadas do pai quando, em 1577, promove uma ampliação, no sentido sul da ala nobre, que compreende a construção de novas salas. Além deste acrescento, promoveu também o revestimento e tratamento da fachada, cujo projecto ficou a cargo de Nicolau de Frias e, tendo sido interrompido por causa da batalha de Alcácer Quibir, foi concluído já com o filho de D. João, o duque D. Teodósio II (1568-1630), em 1583.<sup>25</sup> É desta campanha, que se fez em duas fases, que surge um magnífico Paço, símbolo da arquitectura civil portuguesa da Idade Moderna, com uma frontaria de 110 metros que comporta as ordens arquitectónicas toscana e jónica sobrepostas por 23 tramos definidos em dois pisos.<sup>26</sup> Os arquitectos Pero Vaz Pereira e Manuel Pereira Alvenéo, seguindo as traças de Nicolau de Frias, foram também protagonistas da imponente fachada que hoje podemos ainda observar.<sup>27</sup>

É preciso notar que as campanhas teodosianas geram uma separação entre os historiadores: uns defendem que é com D. Teodósio I que o Paço se erguem os 23 tramos da fachada do edifício <sup>28</sup>, outros afirmam que é no ducado de D. João I e do seu filho D. Teodósio II que se dá esta ampliação do complexo no sentido da ala Sul <sup>29</sup>.

O Duque D. João II (1604-1656), futuro rei D. João IV, foi o que promoveu e deu ao Paço Ducal a estrutura que actualmente tem, ao mandar acrescentar o terceiro piso do complexo. Desconhecendo-se a data exacta do início desta campanha, sabe-se que em 1633 – data do casamento do Duque com D. Luísa de Gusmão – o Paço já contava com um terceiro andar, de ordem coríntia, com 20 palmos de altura <sup>30</sup>, não estando, no entanto, concluído antes de 1688.<sup>31</sup> Foi com D. João II que se iniciou a Dinastia de Bragança, quando, a 1 de Dezembro de 1640, restaurou a independência de Portugal e se tornou rei

---

<sup>24</sup> TEIXEIRA, José, 1983, p. 36

<sup>25</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 143

<sup>26</sup> Idem, p. 143

<sup>27</sup> Tema apresentado por Clara Moura SOARES, Rute Massano RODRIGUES e Mariana Penedo dos SANTOS no Workshop Artes do Mármore, no âmbito da colaboração do ARTIS (IHA-FLUL) com o projecto PHIM, com o título de comunicação *A fachada grandiloquente do Paço Ducal de Vila Viçosa: cenário de mármore para as Comemorações Centenárias de 1940*, Maio de 2018

<sup>28</sup> Ver HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 129 e 130

<sup>29</sup> Ver HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p.135 e 136

<sup>30</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 614

<sup>31</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 143

D. João IV, o *Restaurador*, a 15 do mesmo. A partir deste, todos os monarcas que se seguiram quiseram deixar a sua marca no Paço Ducal, promovendo obras de maiores ou menores dimensões, que se estenderam até ao final da monarquia.

Com o rei D. João V (1689-1750), Duque D. João III, inicia-se uma nova campanha de obras no Paço, que durou até ao reinado do seu filho e sucessor, D. José I (1714-1777). Em 1716 o monarca desloca-se a Vila Viçosa, a propósito de um cumprimento de promessa à Santíssima Imaculada Conceição, e desilude-se com o pobre estado do Paço, que devido à deslocação de grande parte do seu mobiliário e recheio para o Paço da Ribeira, em Lisboa, o deixou desprovido da riqueza a que os Bragança estavam habituados. Neste contexto, e numa época em que havia larga capacidade financeira para tal, D. João V ordena que não só se volte a recheiar o Paço, mas também a que se reformem os seus interiores, trabalhos que se iniciaram logo após a sua visita.<sup>32</sup>

Anos mais tarde, a propósito do casamento dos seus filhos D. José e Infanta D. Maria Bárbara – episódio que ficou conhecido por Troca das Princesas – o rei desloca-se novamente a Vila Viçosa, em 1729, e mais uma vez uma nova campanha de obras se inicia. A empreitada começa com a remodelação da cozinha, construção primitiva de D. Jaime, que alterou por completo a sua estrutura quinhentista<sup>33</sup>, mantendo apenas o local original da mesma. A cozinha é marcada por uma divisão central distinguida por quatro arcos abatidos assentes em colunas quadrangulares<sup>34</sup> e é a que actualmente se pode observar no Paço Ducal. À cozinha seguiu-se a reconstrução da Capela, à qual acrescentou quase o dobro do seu comprimento, ergueu uma capela lateral, gizou e abriu os altares laterais e reformou as tribunas que ligam o Paço à Capela, além do levantamento da Torre Sineira e de toda a obra de pintura da Capela.<sup>35</sup>

O filho do *Magnânimo*, rei D. José I, concluiu as obras de seu pai e logo iniciou outras, cerca de 1770. Acrescentou ao Paço a zona conhecida como Quartos Novos, que compreendem a ala oriental do edifício, e promoveu ainda uma adição ao piso térreo do primitivo Paço do Reguengo, abrindo duas janelas no corpo alto do mesmo.<sup>36</sup>

No reinado de D. Maria I (1734-1816) mais uma campanha se inicia, a propósito do casamento de sua filha D. Maria Vitória com D. Gabriel de Bourbon e do seu filho D. João com D. Carlota Joaquina, em 1784 – podemos observar na história do Paço que os

---

<sup>32</sup> TEIXEIRA, José, 1983, p. 95

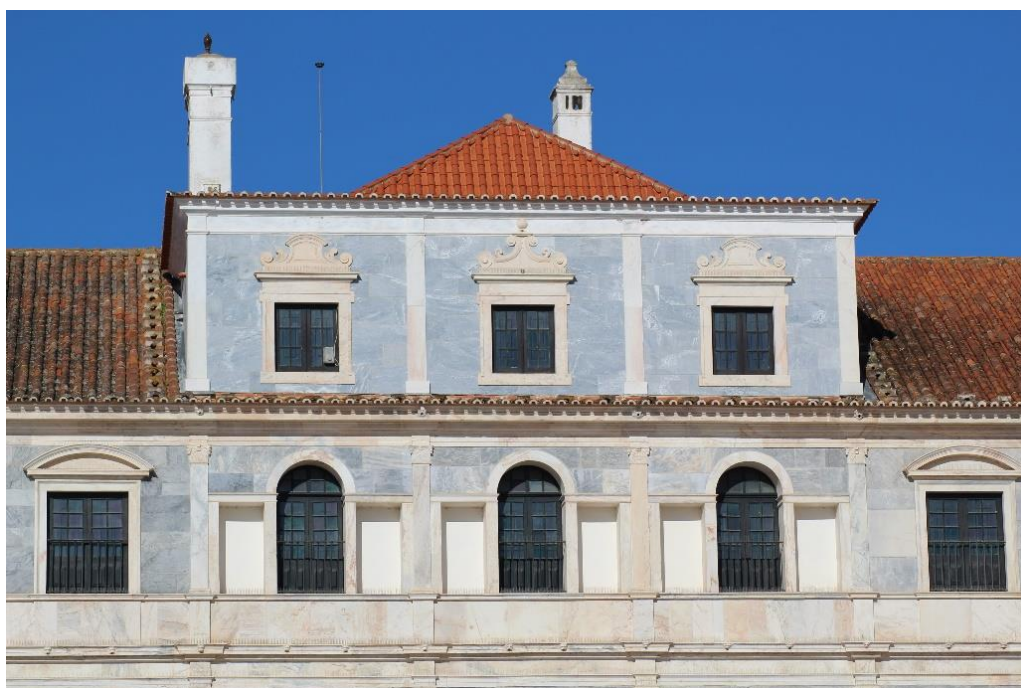
<sup>33</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 120

<sup>34</sup> TEIXEIRA, José, 1983, p. 96

<sup>35</sup> Ver Capítulo II: A campanha de ampliação e engrandecimento promovida pelo rei Magnânimo

<sup>36</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 616

casamentos foram, quase sempre, motivo de realização de obras. Entre 1782 e 1786, por ocasião de acomodar a corte para uma nova Troca de Princesas, fez acrescentar mais duas divisões, que acompanham os três pisos do Paço, no sentido do Jardim do Bosque<sup>37</sup>. Mandou rematar o que tinha ficado incompleto das obras do terceiro piso e erguer no centro da fachada principal um quarto piso – ou 2º andar alto –, que corresponde à designada Casa dos Alfaiates<sup>38</sup>. Ao contrário do revestimento da restante fachada, esta mansarda de D. Maria I foi revestida a fingidos de mármore, e assim se manteve até 2009/2011<sup>39</sup> (Fig.2) Ainda sob a sua coroa se acrescentou a actual Sala de Jantar e se replantou o Jardim do Buxo, em 1787.<sup>40</sup>



*Figura 2: Mansarda, construção do tempo de D. Maria I, Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

O Príncipe Regente D. João, futuro D. João VI (1767-1826), segue as pisadas dos seus antecessores e inicia uma campanha de obras no Paço Ducal. Ao deslocar-se com a Família Real no início de 1806 a Vila Viçosa, o Príncipe encomenda uma reforma na Capela e ainda em algumas salas que lhe são próximas. Esta campanha oitocentista é

<sup>37</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 617

<sup>38</sup> BRANCO, Francisco, 1977, p. 74

<sup>39</sup> C. M. SOARES, R. M. RODRIGUES e M. P. SANTOS no Workshop Artes do Mármore, Maio de 2018

<sup>40</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 617

desenvolvida nos capítulos seguintes, bem como a conservação e restauro realizados no Paço Ducal após as invasões francesas, constituindo tema central desta dissertação.

A partir do reinado de D. Maria e regência de D. João, as obras que se realizam no Paço irão compreender apenas pequenas intervenções e reformas a nível de interiores, perpetuando a estrutura arquitectónica do século XVIII: um símbolo bruto de uma casa de família que se manteve ao nível de *quase* régia durante dois séculos, tornando-se, após 1640, na última e mais longa dinastia monárquica que Portugal teve (Fig.3).

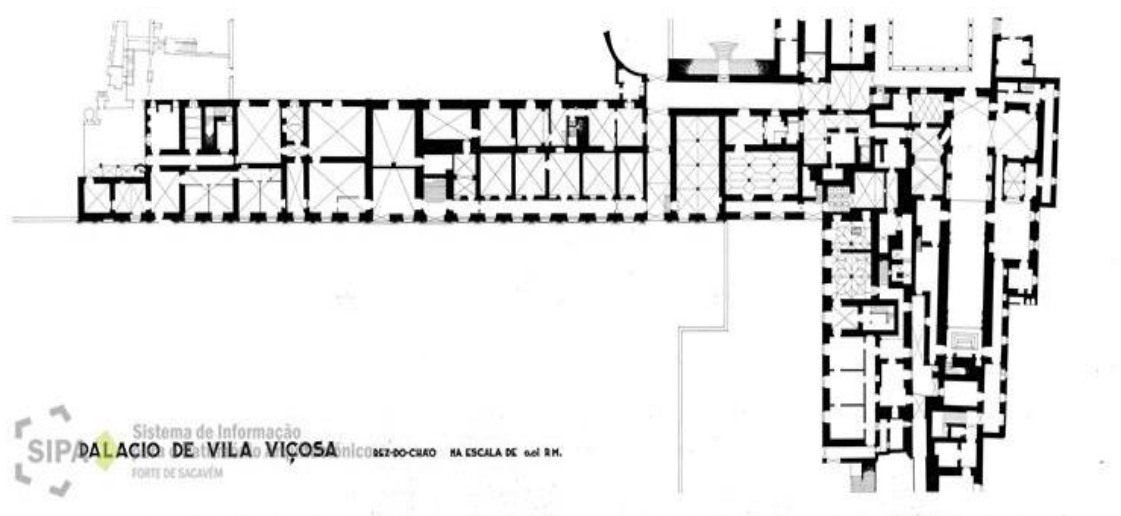


Figura 3: Planta do andar térreo do Paço Ducal de Vila Viçosa, Arquivo SIPA DGEMN: SIPA.DES.00052051

Um complexo arquitectónico que ocupa e limita o Terreiro do Paço de Vila Viçosa e que espelha o poder imponente que se manteve no seio do Ducado de Bragança e que ainda hoje se preserva, numa fachada revestida com materiais nobres – mármore de Estremoz, branco e ruivina – numa linguagem arquitectónica que acompanha um passado marcado pela influência das ordens arquitectónicas e numa simetria que acompanha os 110 metros de comprimento da fachada. O que começou por ser um Paço de traça medieval transformou-se numa construção que cedo abandonou os cânones “ao romano” francês<sup>41</sup> para seguir o modelo dos palácios castelhanos<sup>42</sup>. Os seus três pisos, que seguem a ordem toscana, jónica e coríntia, harmonizam um grandioso exemplo de arquitectura civil maneirista e cuja fachada se mantém sem precedentes no território português (Fig.4).

<sup>41</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 140

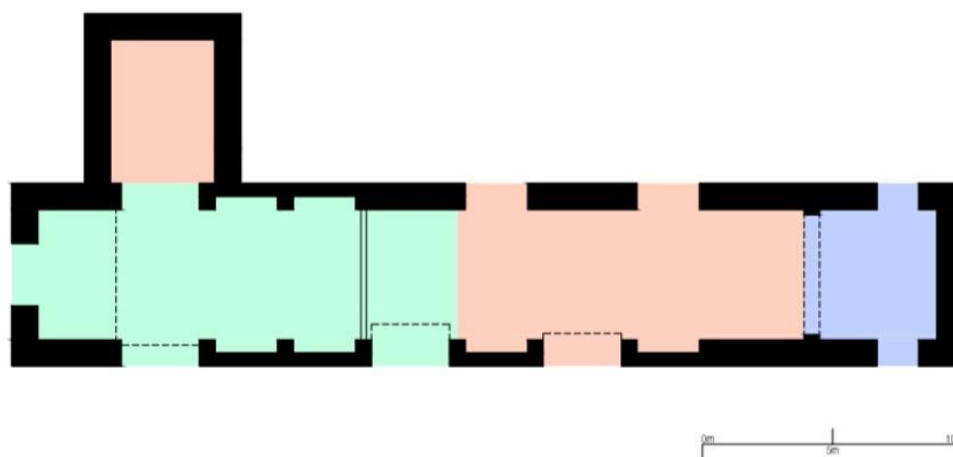
<sup>42</sup> Como é o caso da traça da Real Alcázar de Madrid





*Figura 4:* Fachada do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018

## II. A Capela: da construção quinhentista à grande intervenção de D. João V



*Figura 5:* Planta da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa: a verde o que corresponde à obra de D. Jaime, a rosa o acréscimo de D. João V e a azul o do Príncipe Regente D. João. Autoria: Marta Marques

### 1. A primitiva Capela

A existência da Capela do Paço Ducal remonta à construção do mesmo, no início do século XVI. D. Jaime, quarto Duque de Bragança, motivado pela euforia crescente no contexto dos Descobrimentos Portugueses, decide mandar erguer para si o que na altura se conhecia por Paço do Reguengo – por se localizar na Horta do Reguengo, perto do núcleo urbano de Vila Viçosa.<sup>43</sup> A obra desenvolve-se pouco após o regresso do Duque, que se encontrava em Castela, e em 1501 esta já se tinha iniciado.<sup>44</sup> Da campanha de obras pouco se conhece, mas em 1505 o Paço de D. Jaime já contava com todas as acomodações de uma habitação e ainda oratório, claustro e Capela.<sup>45</sup>

Numa época de expansão, a Igreja Católica consolida o seu predomínio e muitas igrejas e capelas se erguem no início do século XVI. D. Jaime, pouco tempo depois de ter mandado construir a Capela do seu Paço, decide engrandecê-la. A 10 de Junho de 1505

<sup>43</sup> TEIXEIRA, José, 1997, p. 8

<sup>44</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 113

<sup>45</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 613

constitui-se na Capela a Real Colegiada de Nossa Senhora da Conceição, através de bula do Papa Júlio II, que concede autorização para ter capelães privativos e para se rezar o ofício divino diariamente.<sup>46</sup> Este projecto que imaginou para a sua habitação, com Capela e capelães privativos, revela uma forte afirmação de poder, numa época em que o Ducado de Bragança estava lentamente a erguer-se após a execução do pai de D. Jaime, D. Fernando II, pelo próprio rei D. João II.<sup>47</sup>

Ainda que tenha sido D. Jaime a mandar erguer a Capela, esta não deveria estar concluída na data de sua morte, em 1532, pois nela não se realizaram as cerimónias do matrimónio contraído entre a sua filha D. Isabel e o irmão do rei D. João III, D. Duarte em 1537. Será D. Teodósio I, filho de D. Jaime e quinto Duque de Bragança, que irá concluir a obra deixada por terminar na Capela, promovendo o seu abobadamento, o reforço das paredes para suportar as coberturas, a instalação de janelas, portas e grades e ainda a pintura do tecto.<sup>48</sup>

Assim se manteve a Capela por cerca de 70 anos, até à época do Duque D. João I que reformulou a estrutura da Colegiada. A 13 de Agosto de 1575 e a 28 de Fevereiro do ano seguinte o Papa Gregório XIII concede breves para anexação perpétua da Capela, permitindo ainda que esta pudesse beneficiar de pensões de outras igrejas que seriam, depois, destinadas aos capelães, conforme a regra do Cabido – sob a qual se constituiu a Colegiada a partir da época. Destas breves são ainda concedidos os primeiros estatutos do coro e a autorização para a realização de missas cantadas. A 20 de Dezembro de 1576 o Duque obtém ainda uma breve do Papa Gregório XIII o privilégio perpétuo de indulgências plenárias no altar-mor.<sup>49</sup> Anos mais tarde, em 1581, obtém do mesmo Papa duas bulas que permitiam a criação da dignidade de Deão e de Tesoureiro-Mor, a 22 de Abril e 8 de Agosto, respectivamente.<sup>50</sup> É também concedido a D. João I o privilégio de poder realizar o Santo Sacramento na sexta-feira da Semana Santa na Capela do Paço Ducal, seguindo-se a procissão do Domingo de Páscoa – breve que foi renovada ao Duque D. João II em 1636 pelo Papa Urbano VIII.<sup>51</sup>

---

<sup>46</sup> ESPANCA, Joaquim José da Rocha, 1892, p. 363

<sup>47</sup> MARQUES, A. H. Oliveira, 1973, p. 293 e 296

<sup>48</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 121

<sup>49</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 644

<sup>50</sup> ESPANCA, Joaquim José da Rocha, 1892, p. 364

<sup>51</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 645

## 2. A campanha de ampliação e engrandecimento promovida pelo rei Magnânimo

A Capela de D. Jaime sofreu, ao longo dos anos, alterações na sua estrutura eclesiástica, mas manteve sempre a sua estrutura arquitectónica original. Assim foi até ao ano de 1729, quando o então rei D. João V, o *Magnânimo* ordena uma enorme campanha de obras no Paço Ducal de Vila Viçosa, incluindo uma grande reforma na Capela. Do Papa Bento XIV, o rei D. João V consegue autorização para elevar a dignidade de Deão a Bispo titular e os capelães a dignidade de cónegos.<sup>52</sup> Em 1735, o rei aumentou o número de capelães para 30, dando-lhes o título de cónegos capelães fidalgos, colocando também 12 acólitos ao serviço da Capela. Será com o Magnânimo que a Capela ganha o título de Capela Real do Paço Ducal de Vila Viçosa.<sup>53</sup>

Por ocasião do casamento dos seus filhos, infanta D. Maria Bárbara e o príncipe D. José, com os príncipes espanhóis, D. João V rumou a Vila Viçosa em 1729. Este episódio é apontado como o motivo pelo qual o monarca iniciou grandes obras no Paço Ducal de Vila Viçosa. No ano em que se desloca à vila já a empreitada para a reforma da cozinha do Paço Ducal estava encaminhada, tendo-se nota do pedreiro – e arquitecto – Manuel da Costa Negreiros<sup>54</sup> como arrematante desta obra, no entanto, não se sabe se este personagem ou algum dos que trabalhou na reforma da cozinha terá trabalhado na Capela. Os autores que protagonizaram a grande campanha de obras desenvolvida na Capela permanecem desconhecidos.<sup>55</sup>

Logo em 1729 a entrada da Capela ganha um *novo* frontão emoldurado com mármore negro, mantendo, no entanto, a cantaria original<sup>56</sup> interrompida com o escudo de armas reais coroadado e ornatos ao centro (Fig.6). Com esta renovação, a entrada principal da Capela passa a ser feita por esta porta, contrariando a antiga entrada que comunicava directamente com a Ilha de D. Jaime. No seguimento da renovação da portada, D. João V manda erguer os primeiros tramos da nave, quase duplicando o seu comprimento original, e a capela e altares laterais.<sup>57</sup>

---

<sup>52</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 645

<sup>53</sup> ESPANCA, Joaquim José da Rocha, 1892, p. 364

<sup>54</sup> Pedreiro e Arquitecto, a quem se atribui a construção do Palácio de Barbacena, a porta da Igreja do Sacramento (Lisboa), a capela do Paço da Bemposta e a reconstrução da Igreja de Santo Estêvão em Alfama.

<sup>55</sup> TEIXEIRA, José, 1983, p. 95

<sup>56</sup> A cantaria original do frontão remonta ao início século XVII, época em que D. Teodósio II revestiu por completo de mármore a fachada do Paço Ducal usando a simetria das ordens arquitectónicas gregas.

<sup>57</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 647



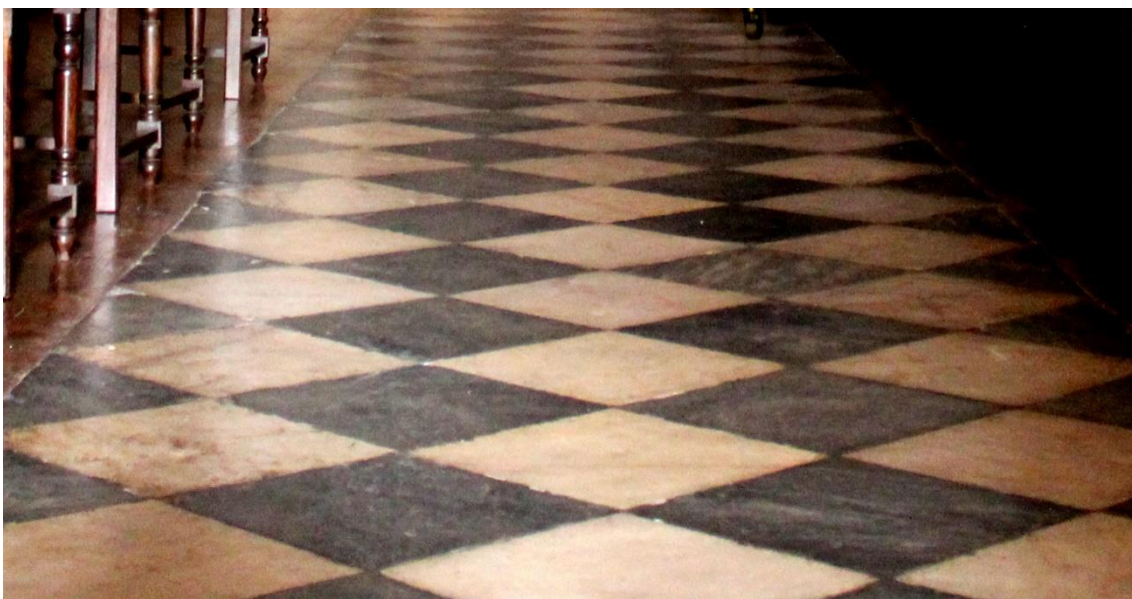
*Figura 6:* Frontão de mármore, porta de entrada da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018

Os pavimentos da entrada da Capela foram revestidos com um xadrez de mármore branco e negro que se mantém até à actualidade (Fig.7). Do lado esquerdo da Capela ergue-se a Capela do Santíssimo Sacramento, de planta quadrangular, que ocupa, tal como todo o corpo da Capela, o piso térreo e andar nobre, em altura (Fig.8). Com arco pleno a marcar a entrada, esta estrutura foi revestida com mármore, tanto ao nível das paredes como dos pavimentos, utilizando pedras de várias tonalidades.<sup>58</sup> O tecto é decorado com pinturas murais arcaizantes, douradas e com padrões florais (Fig.9). No fundo da Capela do Santíssimo Sacramento, ao centro, tem um altar de madeira sobre três degraus de mármore. Completa o altar tem uma pintura da Santíssima Trindade, de autor anónimo, inserida num grandioso retábulo de mármore, que terá sido colocada posteriormente a esta campanha, sendo esta pintura do tempo do reinado de D. Maria I <sup>59</sup>.

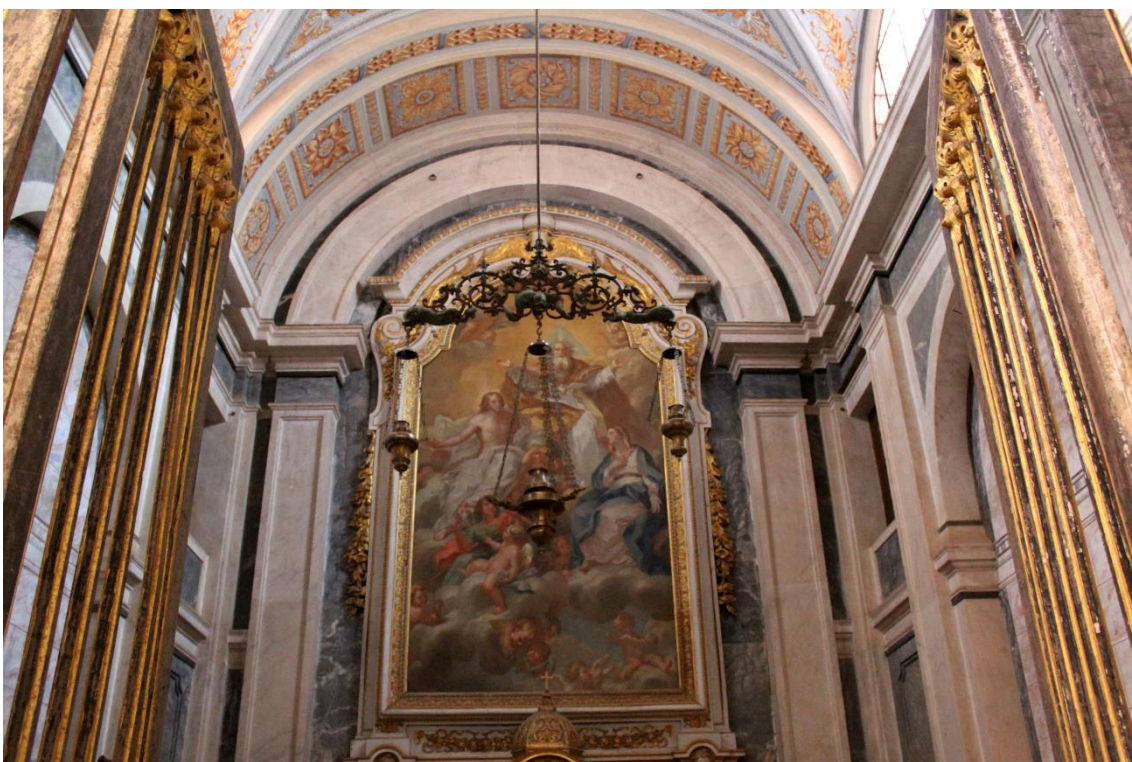
<sup>58</sup> TEIXEIRA, José, 1983, p. 98

<sup>59</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 647





*Figura 7: Pormenor do pavimento da entrada da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



*Figura 8: Entrada da Capela do Santíssimo Sacramento, na Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

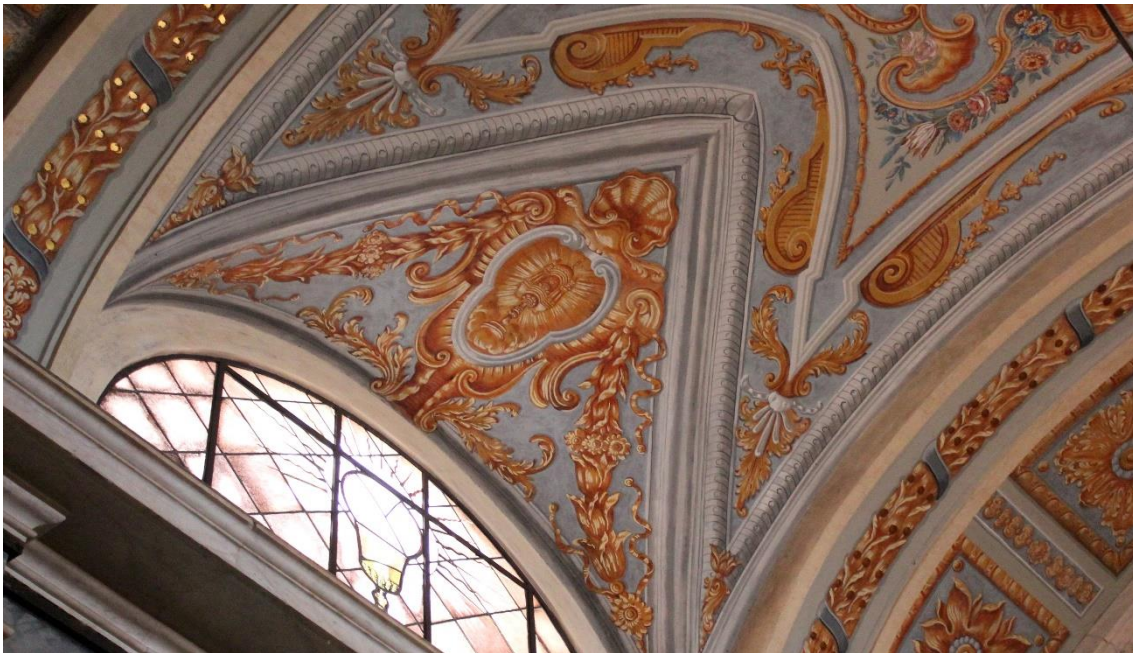


Figura 9: Pormenor do tecto da Capela do Santíssimo Sacramento, na Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa.  
Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018

Nas paredes da Capela abriram-se quatro altares, dois de cada lado. Logo após a capela lateral apresenta-se o primeiro altar, dedicado a São Lourenço, com uma pintura a óleo sobre tela com uma representação do seu martírio, de autor anónimo do século XVII <sup>60</sup> (Fig.10). A este segue-se um dedicado a São Domingos, com uma pintura a óleo sobre tela que representa a cena da Aparição da Vigem a São Domingos de Gusmão, do autor Carlos Maratta, também do século XVII <sup>61</sup> (Fig.11). Na parede oposta a estes, paralelo ao primeiro, encontra-se o altar dedicado ao episódio de Jesus e a Boa Samaritana, com pintura homónima, datada e assinada por Matteo Rosselli em 1633 <sup>62</sup> (Fig.12). O quarto altar lateral tem a representação da Prisão de Jesus em óleo sobre tela, do autor Pierre Antoine Quillard, um pintor francês dos inícios do século XIX (Fig.13).<sup>63</sup> A preocupação que o *Magnânimo* teve com a sua Capela é visível nas pinturas com as quais a decorou, dotadas de um traço artístico de boa qualidade, ainda hoje expostas no seu local de origem.

<sup>60</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 647

<sup>61</sup> Idem, p. 647

<sup>62</sup> Idem, p. 648

<sup>63</sup> Idem, p. 648





*Figura 10: Martírio de São Lourenço, óleo s/ tela, autor anónimo, século XVII. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



*Figura 11: Aparição da Virgem a São Domingos de Gusmão, óleo s/ tela, Carlos Maratta, século XVII. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



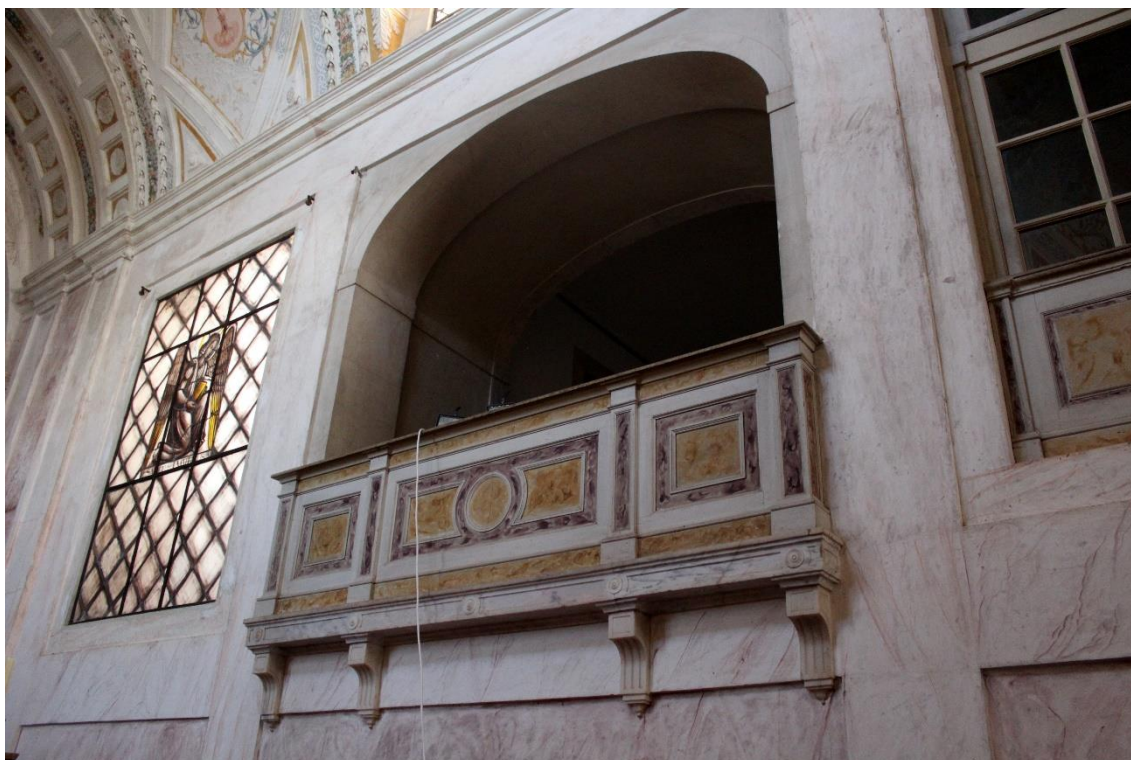


*Figura 12: Jesus e a Boa Samaritana, óleo s/ tela, Matteo Rosselli, 1633, datado e assinado. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



*Figura 13: A Prisão de Jesus, at. Pierre Antoine Quillard, século XVIII. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

Nesta campanha do reinado de D. João V também se reformaram as tribunas da Capela<sup>64</sup>, que comunicam directamente com o Paço Ducal. Não havendo relatório de obras ou descrição das mesmas, não se pode afirmar com toda a certeza se a última tribuna (Fig.14), que se segue à Tribuna Real, terá sido gizada nesta época, mas é, com certeza, executada durante ou após a campanha joanina, uma vez que a tribuna se insere na ampliação setecentista – não havendo lugar para a mesma antes da obra.



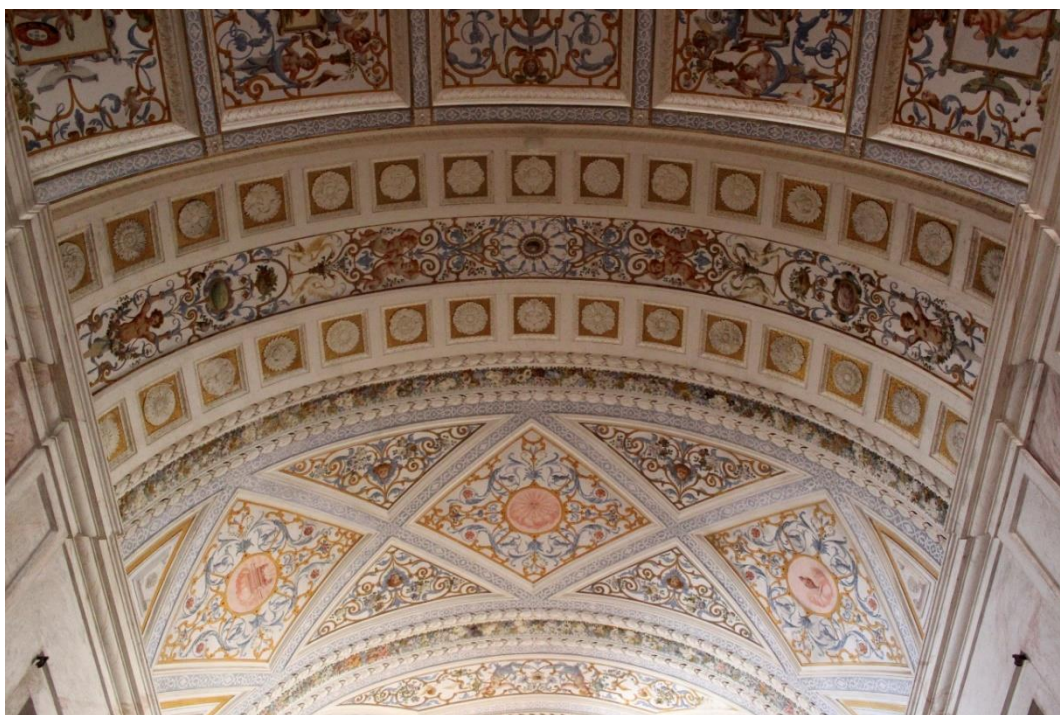
*Figura 14:* Tribuna da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018

Distingue-se a obra joanina da construção de D. Jaime pelo sistema de cobertura: a primitiva Capela corresponde à cobertura de abóbada de caixotões, enquanto que a campanha setecentista é marcada pela abóbada de nervuras (Fig.15). As abóbadas do quarto Duque são decoradas por pinturas a fresco com alguns vestígios da arte barroca contrastando com as abóbadas neoclássicas do século XIX, compostas por elementos naturalistas, paisagísticos e ornatos diversos (Fig.16).<sup>65</sup> A abóbada joanina apresenta o mesmo esquema decorativo e a mesma paleta de cores, ao estilo etrusco-pompeiano (Fig. 17).

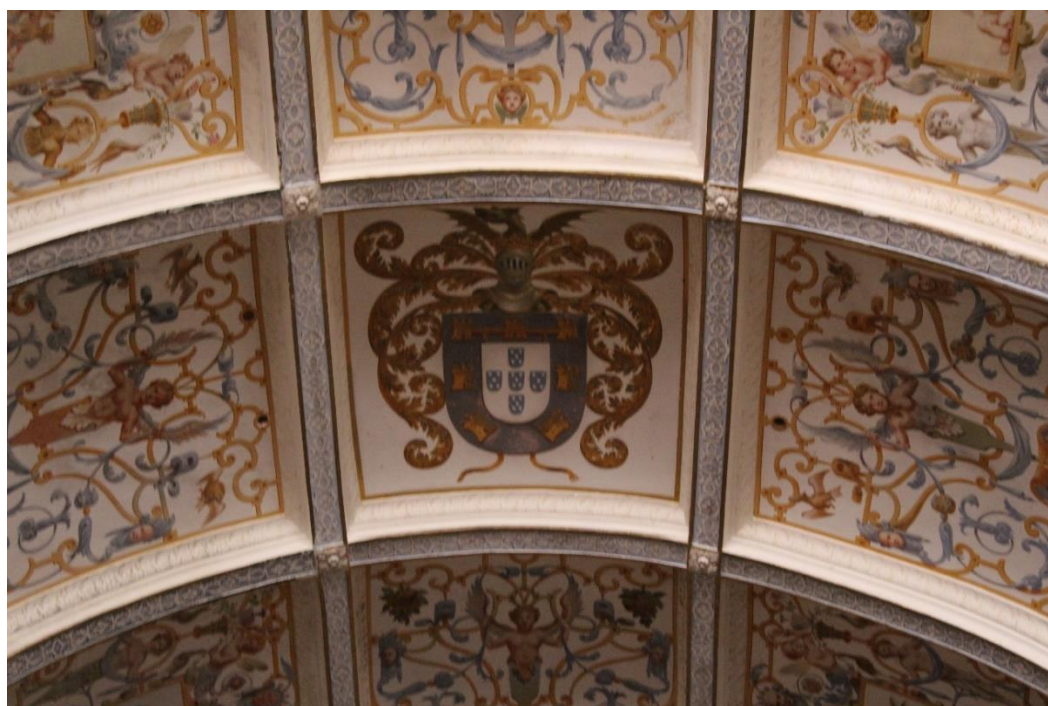
<sup>64</sup> TEIXEIRA, José, 1983, p. 97

<sup>65</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 647





*Figura 15:* Pormenor do tecto da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa. Transição entre a abóbada quinhentista (em cima, de caixotões), com a abóbada setecentista. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018



*Figura 16:* Pormenor do tecto da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa. Ao centro encontra-se o brasão de armas do rei D. João V, o Magnânimo. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018



Figura 17: Pormenor do tecto da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018

Depois de tudo o que mandou executar para a Capela Real, o Magnânimo mandou ainda erguer a Torre Sineira, em 1730. De planta quadrada, em alvenaria e com dois andares, a Torre é coberta por cantaria de mármore creme e protegida por pilastras do mesmo material. Os relógios, que preenchem todas as faces do corpo, têm os mostradores de mármore e possuem o maquinismo em bronze, marcando as horas e os quartos.<sup>66</sup> É coberta por cúpula bulbosa e logo abaixo, num corpo rematado por cornija saliente, se fazem as aberturas em arco de volta perfeita para os sinos<sup>67</sup>, cinco nos olhais e três suspensos.<sup>68</sup> Os sinos são fundidos em 1746 – sendo esta a data apontada para a conclusão da Torre – pelo mestre José del Solano, acompanhado pelo mestre de serralharia Lavache (Fig. 18).<sup>69</sup> Esta construção poderá ter sido substituta de uma torre que existiria na época de D. Jaime, demolida aquando a execução da torre joanina.<sup>70</sup>

<sup>66</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 650

<sup>67</sup> TEIXEIRA, José, 1983, p. 99

<sup>68</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 650

<sup>69</sup> Idem, p. 650

<sup>70</sup> HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno, 2018, p. 122





*Figura 18: Torre Sineira do Paço Ducal de Vila Viçosa. Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

A campanha que D. João V mandou levar a cabo é ainda hoje observável tanto na Capela como na Torre Sineira, além de toda a obra que encomendou para o restante espaço do Paço Ducal. A obra feita à despesa deste monarca ficou marcada na história do Paço e, por falta de tratamento da documentação, alguma desta campanha ao nível da Capela é-lhe creditada erradamente, considerando de D. João V obras que foram executadas na regência do príncipe D. João <sup>71</sup>, já no século XIX, e das quais falarei no próximo capítulo.

---

<sup>71</sup> CARVALHO, Aires de, 1979, p. 106

### III. A Renovação Oitocentista da Capela



*Figura 19: Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa*

#### 1. A intervenção dirigida pelo Arquitecto José da Costa e Silva (1806-1807)

O capítulo que se segue diz respeito a todo o processo de obras que envolveu a campanha oitocentista de renovação da Capela do Paço Ducal, executada à responsabilidade do arquitecto José da Costa e Silva.

As informações nele contidas foram retiradas da correspondência de dois personagens com os quais o arquitecto mantinha contacto e tinha acesso às obras que se iam realizando, pois Costa e Silva encontrava-se responsável também pelo Palácio de Mafra, não estando, por isso, presente nas obras de Vila Viçosa. Os documentos foram localizados na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, disponíveis online, e para a percepção do estaleiro de obras desta campanha foi necessária a transcrição de mais de 150 manuscritos. É preciso referir, desde já, que em alguns casos foi impossível a transcrição na íntegra, pois tratam-se de digitalizações de manuscritos do século XIX e nem sempre as condições do próprio documento permitiram uma leitura completa.

O capítulo divide-se em três partes: programa, protagonistas e materiais. No primeiro prevê-se a descrição do programa de obras organizado cronologicamente, não esquecendo que houve momentos em que os trabalhos eram simultâneos e outros em que se voltou atrás para terminar. No segundo faz-se uma pequena biografia dos personagens que foram possíveis de identificar através da documentação, não esquecendo que esta campanha teve muitos mais trabalhadores além dos referidos. O terceiro sub-capítulo refere-se aos materiais utilizados na obra, que merecem um destaque devido ao abundante uso do mármore, mas em especial, dos fingidos de mármore.

## 1.1 Programa

A 20 de Janeiro de 1806 o arquitecto José da Costa e Silva é chamado a Vila Viçosa “*para hum objeto do Real Serviço*”<sup>72</sup>, logo no início da estadia da Família Real no Paço Ducal, que se tinha deslocado para o mesmo a 18 de Janeiro e permanecido até 22 de Abril.<sup>73</sup> Os serviços da Capela do Paço Ducal são transferidos para a Igreja de São João Evangelista, também em Vila Viçosa, para se proceder ao início da campanha.<sup>74</sup> Este início data Maio de 1806 e a obra desenvolveu-se até Novembro de 1807, ficando por terminar devido ao abandono das obras, motivado pela ameaça dos exércitos franceses que se aproximavam de Portugal.

Tal como se observou ao longo da história do Paço, quase todos os Duques, e depois Reis de Portugal, quiseram, de algum modo, impor o seu poder cunhando o Paço de intervenções. Esta obra, a mando do Príncipe Regente, poderá estar associada à vontade de este querer assinalar o seu governo e os novos padrões de gosto do século XIX, como fez em Mafra, por exemplo.

A campanha de obras inicial seria, segundo a indicação que tinha o Inspector e encarregado das despesas da Obra da Real Capela de Vila Viçosa, Vicente Ferrer de Siqueira, “*somente a renovação da Capella, escada particular para a casa do Despacho, de Sua Alteza Real, e portanto me parece que querendo Sua Alteza que se faça o Thezouro e Casa do Capitulo, será ne(ce)ssario que lhe venha de lá alguma inçunação para que elle comcorra com esta obra.*”<sup>75</sup>.

---

<sup>72</sup> BNRJ, Manuscritos, Coleção Arquitecto Costa e Silva, I-3, 29, 076 (Anexos, Documento 7)

<sup>73</sup> ESPANCA, Joaquim José da Rocha, 1892, p. 246

<sup>74</sup> Idem, p. 247

<sup>75</sup> CARVALHO, Aires de, 1979, p. 128 e 129: transcrição de documento

O programa de obras arranca sob esta premissa de renovação da Capela, que pressupunha um acrescento no sentido do comprimento para que ao fundo se pudesse colocar o altar-mor, a construção de uma escada para uso do Príncipe que o levasse ao andar nobre com acesso ao gabinete de despacho e ao seu quarto. Havia ainda como objectivo erguer a Casa do Tesouro e da Casa do Capítulo, cujo risco seria decidido mais tarde, no decorrer da obra.

Ficaram encarregados da obra o arquitecto José da Costa e Silva, o seu ajudante Manuel Caetano da Silva Gaião e o Inspector da obra Vicente Ferrer de Siqueira. Serão estes dois últimos que vão acompanhar a obra no seu desenvolvimento e em todo o seu processo, enquanto Costa e Silva acompanhará a obra em Lisboa – através de correspondência que troca com os restantes.

O arquitecto aceita executar a obra, assumindo o projecto da Capela como uma renovação profunda a todos os níveis da construção, deixando o seu ajudante, Manuel Gaião, a cargo da mesma. A 24 de Junho de 1806 José da Costa e Silva deslocou-se a Vila Viçosa para os últimos ajustes na obra, deparando-se com “*hum a obra taó mal construida e fora de ordem*”<sup>76</sup>, pelo que os trabalhos incidiriam na substituição de materiais, acrescentos e renovação da pintura. Ainda em Junho de 1806 se começou a retirar os azulejos da Capela<sup>77</sup> – possivelmente colocados nas paredes da mesma – e a preparar o espaço para a obra prosseguir. O processo de obras dividiu-se em cantaria, pedraria e desmanchos, estuque e pintura, que se desenvolveu pelo quarto do Príncipe, gabinete, escada e por toda a Capela. Desconhece-se a data exacta de início desta campanha, mas em Maio de 1806 já o Inspector das Obras, Vicente Ferrer de Siqueira dava indicações ao arquitecto Costa e Silva acerca do estado da obra.

Entre Maio e Junho de 1806 os trabalhos dedicaram-se exclusivamente à obra de cantaria, que ficou a cargo do Mestre Sebastião Gomes Cordeiro<sup>78</sup> e começou pela medição, reaproveitamento e encomenda de pedra.<sup>79</sup> A primeira fase compreendeu a retirada de toda a pedra que não seria aproveitada nesta campanha, algo que foi mais dominante ao nível dos arcos que compõem toda a Capela, começando pela retirada da pedra dos altares laterais<sup>80</sup>, para se iniciar a sua substituição. A segunda fase desenvolveu-se na colocação e tratamento de cantaria nos vários espaços da igreja, com incidência nos

---

<sup>76</sup> CARVALHO, Aires de, 1979, p. 128: transcrição de documento

<sup>77</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 048 (Anexos, Documento 11)

<sup>78</sup> AHCB, Obras do Palácio, NNG 874 III, fls. 8

<sup>79</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 043 (Anexos, Documento 9)

<sup>80</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 045 (Anexos, Documento 10)



arcos que a compõem e na base do seu corpo, obra que decorreu até meados de Outubro de 1806.

Não havendo, até ao momento, justificação para a substituição dos arcos dos altares laterais – e tão pouco havendo noção de como estes eram anteriormente à campanha de Costa e Silva – estes foram colocados no seu devido lugar e fechados em Setembro de 1806<sup>81</sup> e são os que hoje podemos observar na Capela (Fig.20). O mesmo trabalho se executou para os restantes arcos da Capela, presentes nas aberturas das tribunas<sup>82</sup>. Não havendo qualquer explicação sobre o feitio dos arcos das tribunas (Fig.21), sou tentada a crer que estes não deveriam ser muito diferentes dos que os lá estavam anteriormente, pois a sua substituição foi executada em pouco tempo – não há referências aos modelos a serem usados nem ao formato que estes deveriam ter, pelo que, possivelmente, seriam semelhantes aos antigos. Paralelamente ao trabalho nos arcos, a obra de cantaria passou também pelo preenchimento da sua base<sup>83</sup> – roda-pés – e pelo tratamento da pedra já colocada (Fig.22).

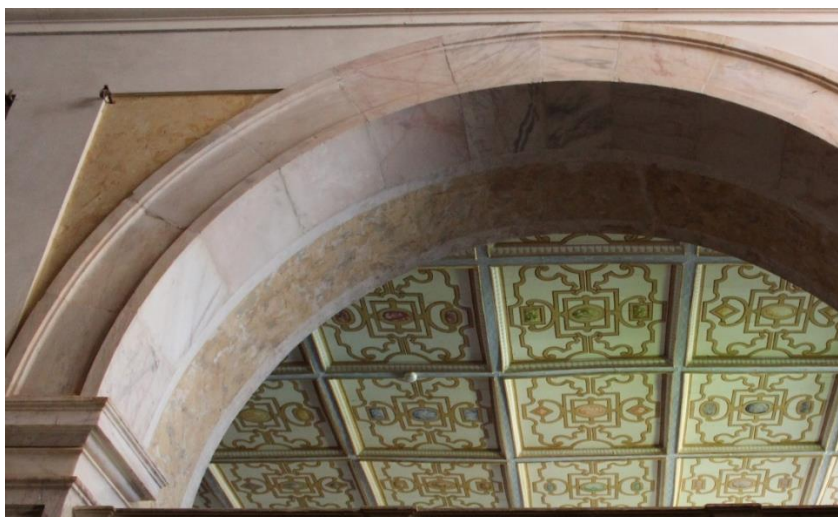


*Figura 20: Pormenor do arco que compõe o altar lateral, Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

<sup>81</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 054 (Anexos, Documento 14)

<sup>82</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 073 (Anexos, Documento 15)

<sup>83</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 070 (Anexos, Documento 12)



*Figura 21: Pormenor do arco de mármore de uma das tribunas, Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



*Figura 22: Pormenor do roda-pé da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

Simultaneamente à obra de cantaria, iniciou-se tudo o que dizia respeito à obra de pedreiro e aos desmanchos necessários para prosseguir. Com o objectivo de fazer crescer a Capela no sentido do comprimento foi preciso destruir parte da abóbada setecentista, não sendo possível dizer ao certo se actualmente sobra algum elemento da abóbada de D. João V. O documento, de Manuel Gaião, é de fraca leitura, mas pode ler-se “*a abóbada desde [?] os arcos até a parede de fundo da igreja já está toda deitada abaixo e parte das paredes deitadas*”<sup>84</sup> e – noutro documento – “*toda a Semana q. vem ficará completa,*

<sup>84</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 072 (Anexos, Documento 13)

*e talvez parte da abóbada com as duas lunetas*”<sup>85</sup>, dando a entender que as lunetas foram abertas – no programa de cantaria<sup>86</sup> – numa nova abóbada que se circunscreve ao que correspondia ainda à abóbada setecentista (Fig.23) O tempo de chuva que se fazia sentir em Vila Viçosa, em Outubro, exigiu que se fizesse primeiro o telhado e só depois a abóbada<sup>87</sup>, tendo este processo se estendido até Novembro.<sup>88</sup>

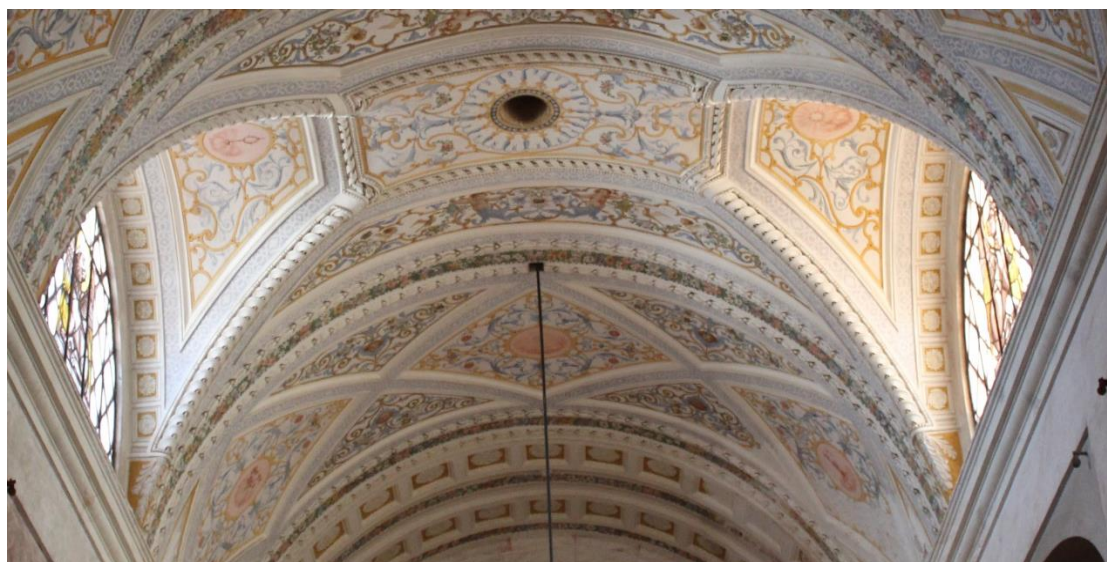


Figura 23: Lunetas na abóbada da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018

Por esta altura, a obra começou a desenvolver-se em dois cenários: na Capela, com as obras no telhado, abóbada e paredes<sup>89</sup> e nos aposentos do príncipe, nomeadamente na escada.<sup>90</sup> A escada, que, provavelmente, ligava a Capela aos aposentos do Príncipe começa a ser construída em meados de Setembro de 1806, e em Novembro o telhado da mesma já estava erguido.<sup>91</sup>

É necessário referir de antemão que actualmente pouco resta desta construção, uma vez que o tecto da escada ruiu e hoje só é possível ver o primeiro lance (Fig.24), o que dificulta a percepção deste espaço. Ainda assim, é possível perceber, através da documentação, a obra nela feita, que compreendeu a sua construção, cobertura de abóbada e pintura. Desconhece-se, por ora, a localização dos aposentos, ou do quarto e gabinete

<sup>85</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 073 (Anexos, Documento 15)

<sup>86</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 076 (Anexos, Documento 17)

<sup>87</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 060 (Anexos, Documento 18)

<sup>88</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 064 (Anexos, Documento 20)

<sup>89</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 074 (Anexos, Documento 16)

<sup>90</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 061 (Anexos, Documento 19)

<sup>91</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 064 (Anexos, Documento 20)



do Príncipe, que seriam dois espaços seguidos. No entanto, seguindo o que resta hoje da escada, é possível que estes espaços correspondam ao actual Arquivo Musical – o chão de madeira do mesmo parece corresponder à madeira que cobre o que resta da escada (Fig.25). O processo de obras oitocentistas passou por estes espaços, mas apenas no que toca a pintura e estuque, o que me leva a crer que o espaço físico já existia antes da campanha. A construção da escada seria, portanto, um acrescento a estes dois espaços, possibilitando o acesso directo à Capela e a passagem, como veremos, por um corredor que dará também acesso à Casa do Tesouro.



*Figura 24: Escadas "do Príncipe", Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



*Figura 25: Actual Arquivo Musical do Paço Ducal de Vila Viçosa, Arquivo Fotográfico de SIPA DGEMN: SIPA.FOTO.00186225, 1989*

Alvo de obras foi também o corredor que liga o Coro à tribuna dos músicos (Fig.26), bem como as restantes tribunas. Este programa desenvolveu-se por todo o mês de Outubro e Novembro e dele fez parte a colocação de abóbada no corredor<sup>92</sup>, renovação do telhado da tribuna do Príncipe<sup>93</sup> (Fig.27) e fasquiado em ambos os espaços.<sup>94</sup> Estas obras, em particular, levam-me a crer que a sua execução foi decidida já no decorrer da campanha, pois não estavam previstas no programa inicial e parecem ser de renovação e/ou restauro do que lá se encontrava anteriormente. Renovação efectiva da campanha setecentista foi a balaustrada que divide a quadratura da Capela, que se raspou e repintou tal qual como era (Fig.28).<sup>95</sup>

<sup>92</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 076 (Anexos, Documento 17)

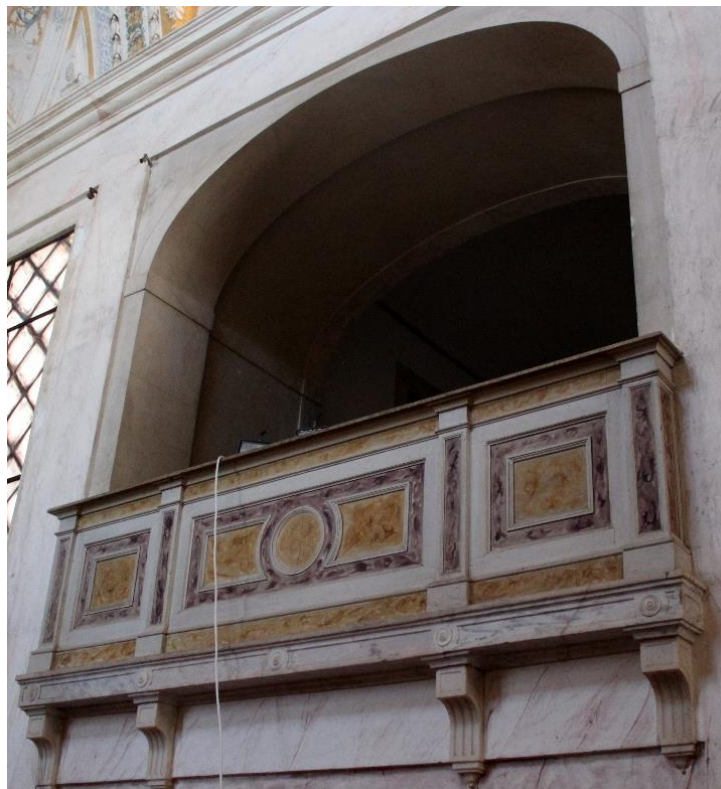
<sup>93</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 079 (Anexos, Documento 21)

<sup>94</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 068 (Anexos, Documento 23)

<sup>95</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 081 (Anexos, Documento 25)



*Figura 26: Tribuna da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



*Figura 27: Tribuna da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018*





Figura 28: Pormenor da balastrada que divide a Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018

No fim de 1806 iniciou-se aquilo que podemos considerar por segunda etapa da obra. Até aqui fez-se obras de cariz construtivo, partiram-se paredes e abóbadas, ergueu-se espaço para a construção de uma escada e colocou-se toda a cantaria de grande dimensão. As obras decorreram em simultâneo nos diferentes espaços por um motivo muito simples: tinha de estar tudo pronto no exterior – telhados – e tudo rebocado no interior – abóbada e paredes – para que o arquitecto Costa e Silva pudesse enviar para a sua obra os pintores e estucadores, para se prosseguir com respectivos ofícios. Em Dezembro de 1806 deu-se por terminada<sup>96</sup> esta etapa e outra se iniciou.

Enquanto se esperava pelos novos trabalhadores, Manuel Gaião certificou-se que a obra estava pronta para iniciar a sua nova fase: mandou colocar o degrau que divide a quadratura (Fig.29) e os que sobem ao presbitério, mandou polir toda a cantaria e deixou preparado para se estucar o corredor das tribunas, o coro, as tribunas e a estrutura da escada.<sup>97</sup> Por esta altura – desconhecendo-se se estava previsto no programa inicial ou não – o arquitecto Manuel Gaião dá conta a Costa e Silva que o Inspector Vicente Ferrer de Siqueira “*detreminou q. se fizesse o corredor por detrás da Capella do Santissimo ao*

<sup>96</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 070 (Anexos, Documento 24)

<sup>97</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 083 (Anexos, Documento 26)

*qual já se deu principio; e detriminou mais q. se fizesse huma grande caza p.<sup>a</sup> guardar todos os aviamentos da Obra*”<sup>98</sup>. A espera pelos pintores e estucadores permitiu, ainda, a Manuel Gaião dar avanço ao risco para a Casa do Tesouro,<sup>99</sup> numa altura em que o seu projecto inicial já havia sido discutido com Costa e Silva.<sup>100</sup>



Figura 29: Pormenor do degrau e do pavimento em xadrez de mármore da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018

No final de Janeiro de 1807<sup>101</sup> chegaram à obra Manuel da Costa e João Paulo da Silva e, em Fevereiro, Manuel da Silva e José Narciso<sup>102</sup>. A obra de pintura ficou a cargo do Mestre Manuel da Costa e foi sob a sua alçada, até ao final da campanha, que os restantes trabalhos se desenvolveram. Juntamente com estes, chegou também o organeiro António Xavier Machado, enviado por Costa e Silva a pedido especial do Príncipe Regente para emparelhar o novo Órgão da Capela.<sup>103</sup>

A pintura iniciou-se em diversos espaços simultâneos, e deu conta Manuel Gaião a Costa e Silva de que *“a Camara do Principe está quaze pronta, e o gabinete emediato,*

<sup>98</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 085 (Anexos, Documento 28)

<sup>99</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 084 (Anexos, Documento 27)

<sup>100</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 080 (Anexos, Documento 22)

<sup>101</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 086 (Anexos, Documento 29)

<sup>102</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 084 (Anexos, Documento 31)

<sup>103</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 084 (Anexos, Documento 31)



*juntam.te estao com o tetto da Escada q. brevem.te ficará acabado, e continuarão com as paredes, o tetto da Igreja já tem algumas molduras feitas de geço e tudo o mais se vai acabando.*”<sup>104</sup> O pintor Manuel da Costa deixou os restantes oficiais a trabalhar nestes espaços enquanto ele se ocupou de copiar os ornatos do tecto da igreja<sup>105</sup>, para mais tarde proceder à sua pintura. Por esta altura, em Março de 1807, José Narciso deixa a obra juntamente com o organeiro, pelo que é difícil atribuir-lhe trabalho executado em pormenor – terá, apenas, trabalhado na pintura do quarto e gabinete do Príncipe.

Enquanto Manuel da Costa, que já tinha terminado a cópia dos ornatos, se ocupava com a pintura do tecto do gabinete e Manuel da Silva tratava de fingir os roda-pés do gabinete, Manuel Gaião deu conta a Costa e Silva da questão dos balaústres das tribunas. Estes, que seriam depois pintados e fingidos, deveriam ser semelhantes em todas as tribunas e todos deviam levar florão no meio (Fig.30), à excepção da tribuna oposta à Capela do Santíssimo Sacramento<sup>106</sup> (Fig.31).

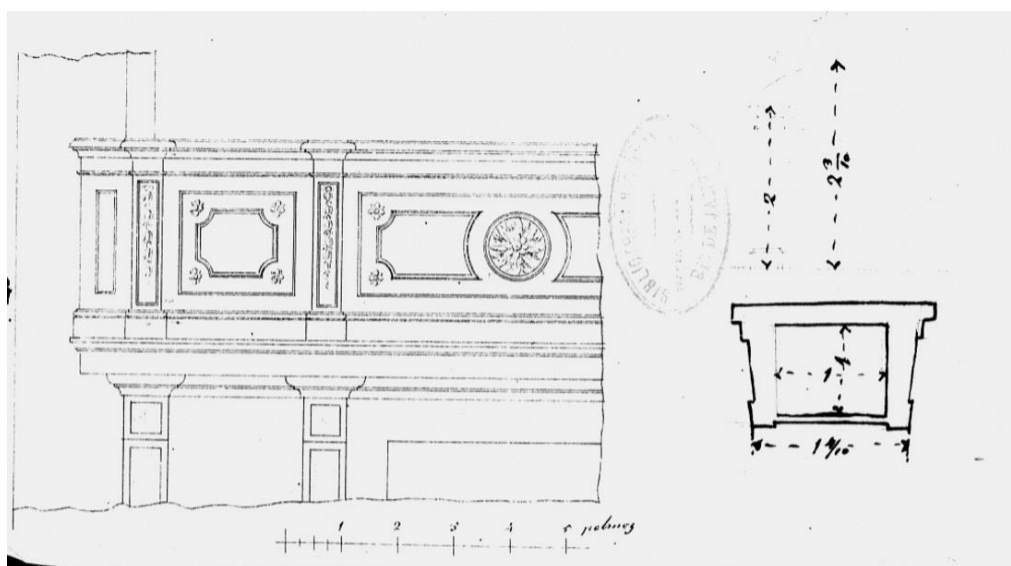


Figura 30: Plano para a decoração dos balaústres das tribunas da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, desenho retirada de BNRJ, Ms. I-3, 25, 75

<sup>104</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 088 (Anexos, Documento 32)

<sup>105</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 089 (Anexos, Documento 34)

<sup>106</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 091 (Anexos, Documento 36)



*Figura 31: Varandim da tribuna com mármore fingidos, Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

Foi em Abril de 1807 que a obra de pintura se intensificou. O Mestre Manuel da Costa já se ocupava inteiramente do tecto da Capela, pintando os caixotões da abóbada de D. Jaime (Fig.32). Manuel da Silva ocupava-se agora das paredes da escada, que pintou e fingiu seguindo o mesmo critério da pintura da Capela (Fig.33), e no tecto da escada pintou a figura de Mercúrio<sup>107</sup>, que não chegou aos dias de hoje. Também no gabinete a pintura ia adiantada, as paredes já se encontravam terminadas e o tecto foi enriquecido com a figura da Justiça<sup>108</sup> e o quarto do Príncipe estava terminado e já com os vidros colocados nas janelas.<sup>109</sup> Uma vez que o quarto, gabinete e escada já estavam pintados e estucados, Manuel da Silva decidiu retirar-se da obra: como pintor e fingidor, só podia avançar para a Capela quando esta tivesse as paredes preparadas para o efeito, o que não se verificava na altura.<sup>110</sup>

<sup>107</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 003 (Anexos, Documento 37)

<sup>108</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 003 (Anexos, Documento 37)

<sup>109</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 003 (Anexos, Documento 37)

<sup>110</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 006 (Anexos, Documento 39)



*Figura 32: Abóbada de caixotões com decoração da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



*Figura 33: Mármore fingido no roda-pé da escada, Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

Paralelamente, Manuel Gaião trabalhava nas obras da Casa do Tesouro, arrancando a madeira e deitando abaixo as suas paredes.<sup>111</sup> Ficou também responsável pela questão da Casa do Cabido, que não tinha ainda espaço destinado e que “*por sima da Caza d’Armarios dos Conegos ficará bem*”<sup>112</sup>. No Tesouro, terminou toda a parte que fica junto ao Paço Ducal e estava a acabar o corredor que dava acesso ao mesmo, que já se encontrava com abóbadas e pavimento madeirado.<sup>113</sup>

O mês de Junho passou e poucos avanços se registaram. É preciso referir, aqui, que João Paulo da Silva – que tinha ido para a obra juntamente com Manuel da Costa – pouco avançou no trabalho que lhe era destinado. Seria este estucador que devia preparar as paredes da Capela para se proceder à aplicação de escaiola, mas, dizia ele, que não podia avançar enquanto os andaimes que Manuel da Costa usava para pintar o tecto da Capela estivessem a perturbar o seu trabalho. Ainda assim, iniciou a obra com a ajuda de pedreiros, cujo trabalho “*he picar as paredes e meter os fundos de geço e pó de pedra; p.<sup>a</sup> sobre isto se por a Escaiola, já quaze pronto, tudo q.to vai do Coro athé a primeira Capella*”<sup>114</sup>. Neste sentido, deixou efectivamente as paredes picadas, mas foi mandado retirar-se da obra, acusado de não querer trabalhar, acabando por não dar início à obra de escaiola.<sup>115</sup>

Escaiola é uma massa feita com gesso e cola, misturada com corantes de tinta para dar um efeito de marmoreado quando aplicada sobre a superfície desejada. Foi apenas com a chegada de dois novos estucadores à obra que Costa e Silva viu a obra a avançar.<sup>116</sup> Inicialmente, José Éloi e o seu ajudante trabalharam no que João Paulo tinha deixado por fazer e chegaram à conclusão que o seu trabalho tinha de ser todo refeito, pois “*não achão bons os reboucos, ou fundos, q. se tem feito no corpo da Igreja, por serem feitos de geço e pó de pedra, q. devião ser com arêa*”<sup>117</sup>. Só em Setembro de 1807 é que se deu princípio à obra de escaiola<sup>118</sup>, enquanto Manuel da Costa estava quase a terminar a pintura dos caixotões da abóbada. Ainda assim, a aplicação da escaiola seguiu a um ritmo avançado, poucos dias depois de se ter iniciado os estucadores já estavam a trabalhar nas

---

<sup>111</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 005 (Anexos, Documento 38)

<sup>112</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 006 (Anexos, Documento 39)

<sup>113</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 012 (Anexos, Documento 41)

<sup>114</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 008 (Anexos, Documento 40)

<sup>115</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 012 (Anexos, Documento 41)

<sup>116</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 28, 036 (Anexos, Documento 43)

<sup>117</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 013 (Anexos, Documento 42)

<sup>118</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 014 (Anexos, Documento 44)



voltas dos altares laterais que, por conselho do Mestre pintor “*sejão de huma pedra escura com manchas de varias cores*”<sup>119</sup> (Fig.34).

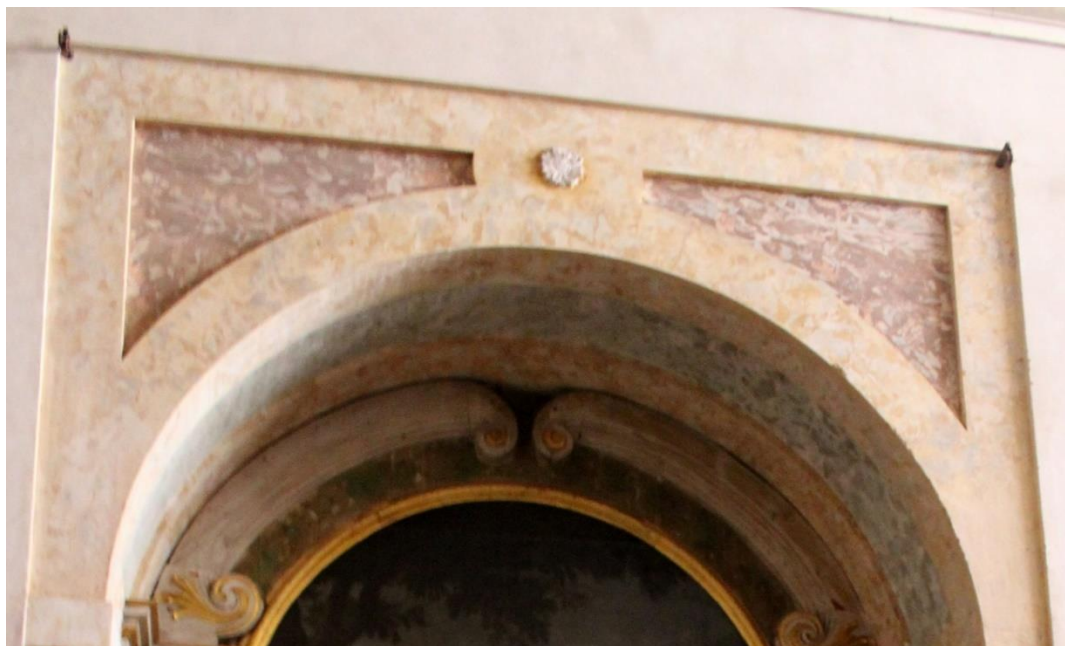


Figura 34: Pormenor de altar lateral com aplicação de escaiola, Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018

Manuel da Costa terminou a pintura do tecto da Capela, e passou rapidamente para o trabalho final: a pintura do tecto da Capela Mor<sup>120</sup> (Fig.35). O tecto, com grinaldas e florões, é acompanhado com o emblema Avé Maria (AM) (Fig. 36). Não se sabe se esta parte da obra foi terminada por Manuel da Costa, pois não há registo. A partir de Outubro a obra começa a entrar em colapso: sem justificação – provavelmente por falta de dinheiro – muitos dos trabalhadores foram despedidos e ficaram a trabalhar apenas o estucador José Elói e o seu ajudante Manuel José e o pintor Manuel da Costa.<sup>121</sup> A obra avançou quanto foi possível, os estucadores continuaram a aplicação da escaiola<sup>122</sup> e Manuel da Costa continuou com o tecto da Capela Mor.

<sup>119</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 015 (Anexos, Documento 45)

<sup>120</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 018 (Anexos, Documento 46)

<sup>121</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 024 (Anexos, Documento 48)

<sup>122</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 022 (Anexos, Documento 47)



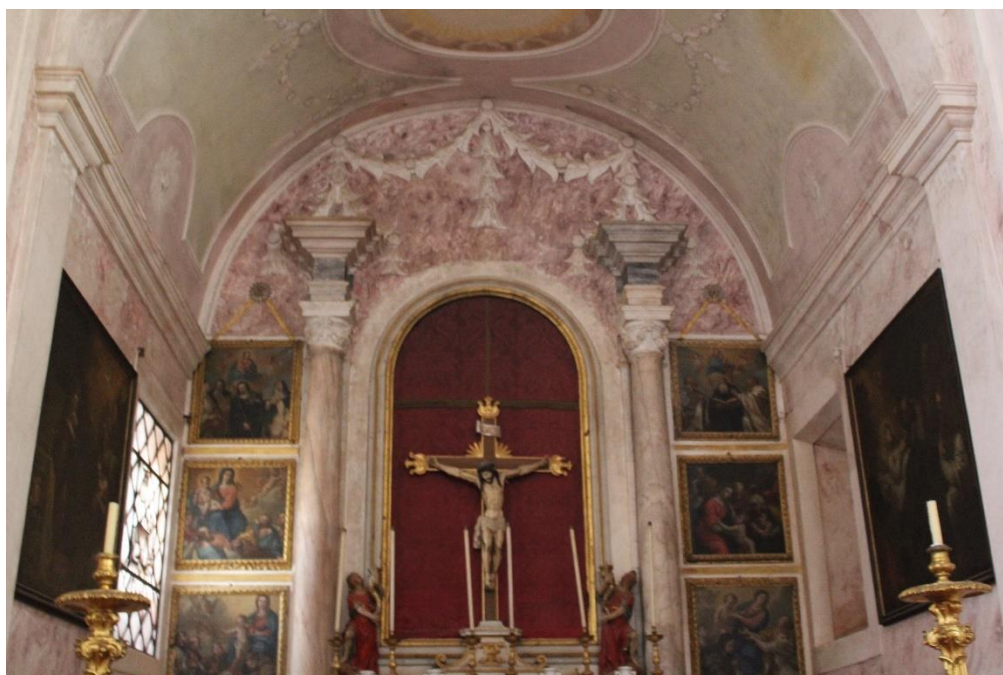
*Figura 35: Tecto da Capela Mor do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotográfica de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



*Figura 36: Pormenor do tecto da Capela Mor, com o símbolo Ave Maria (AM) coroado, Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

Assim se manteve a obra até Novembro de 1807, altura em que já havia muitos pagamentos em atraso<sup>123</sup> e, por esse motivo, os que ainda se encontravam a trabalhar – Manuel Gaião, Manuel da Costa, José Elói e Manuel José – pediram autorização ao arquitecto Costa e Silva para se poderem retirar da obra.<sup>124</sup> Com este clima de incerteza e confusão, tanto Manuel Gaião como o Inspector Vicente Ferrer de Siqueira foram diminuindo a correspondência com o arquitecto responsável.

Não é possível saber, até à data, o estado em que a campanha de Costa e Silva ficou quando abandonada em finais de Novembro de 1807. Sabe-se que a Casa do Tesouro ficou por terminar, com falta de cantaria, a Casa do Cabido, provavelmente, ficou no espaço provisório da Casa de Armários, a escaiola ficou terminada nos altares laterais e o tecto da Capela Mor ficou quase acabado de pintar. O retábulo do altar, de mármore branco e negro é acompanhado de duas colunas toscanas com capitéis estilizados, cujo estilo denuncia o seu acabamento tardio<sup>125</sup>, pós 1807 (Fig.37). A parede de fundo, onde se observam fingidos, foi, provavelmente, terminada em campanha posterior, pois o fingido que a cobre difere de todos os outros fingidos da Capela.



*Figura 37: Altar mor da Capela, com colunas de mármore e dossel pendente fingido, Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos*

<sup>123</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 28, 042 (Anexos, Documento 49)

<sup>124</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 029 (Anexos, Documento 50)

<sup>125</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, Vol.I, p. 648



## 1.2 Protagonistas

A inclusão deste subcapítulo revela-se importante na medida em que ajuda a construir o estaleiro de obras desta campanha oitocentista. Os nomes que nele constam são referidos na documentação do Brasil e permitem associar o protagonista ao seu trabalho na obra. Através do cruzamento de informação foi possível chegar a uma pequena biografia dos protagonistas, que evidencia o seu percurso artístico até à época em que chegam a Vila Viçosa.

Os arquitectos José da Costa e Silva e Manuel Gaião e os pintores Manuel da Costa e Manuel da Silva são os protagonistas principais da obra, ou, pelo menos, os que mais destaque tiveram. Não podemos deixar de ter em conta todos os mestres e trabalhadores que operaram nesta campanha de Costa e Silva e que, por falta de informação concreta, não se enumeram nesta divisão, mas constam no programa de obras.

### José da Costa e Silva

José da Costa e Silva foi um arquitecto dos séculos XVIII e XIX. Nasceu a 25 de Julho de 1747<sup>126</sup>, e pouco se sabe sobre sua infância. O conhecimento que temos desta personagem surge quando um italiano de Bolonha, Giovanni Brunelli, é chamado por D. João V para integrar a equipa de astrónomos e cartógrafos com destino ao Brasil.<sup>127</sup> Ainda que não se conheçam as razões, este italiano quis assumir a tutoria de José da Costa e Silva e é a Brunelli que se deve o seu percurso escolar, que o encaminhou a iniciar os estudos em engenharia e desenho.<sup>128</sup>

Giovanni Brunelli, desejando regressar à sua pátria, leva consigo José da Costa e Silva para que este possa prosseguir os seus estudos na área, e juntos partem para Bolonha em 1769.<sup>129</sup> Já instalado, José da Costa e Silva ingressa no Instituto de Ciências da Academia, onde estudou geometria, perspectiva e mecânica, sob a orientação de Pietro Fancelli.<sup>130</sup> Durante um ano e meio Costa e Silva aprende com o seu Mestre, pintor de

---

<sup>126</sup> MACHADO, Cirilo, 1922, p.234

<sup>127</sup> TEIXEIRA, José, 2012, p. 67

<sup>128</sup> MACHADO, Cirilo, 1922, p. 235

<sup>129</sup> CARVALHO, Aires de, 1979, p. 79

<sup>130</sup> TEIXEIRA, José, 2012, p. 71



perspectivas, mas Fancelli cedo parte para Veneza, levando o seu discípulo a ter de escolher um novo orientador.<sup>131</sup> É sob a alçada do Mestre Carlo Bianconi, desenhador, arquitecto e pintor, que Costa e Silva começa a dar passos naquela a que viria a ser a sua carreira. Ao terminar os seus estudos na Universidade de Bolonha recebe, em 1775, um prémio de honra e mérito, devido aos seus progressos enquanto aluno.<sup>132</sup> Antes de regressar à sua pátria, o arquitecto apresenta um projecto para um palácio real à Academia de São Lucas, projecto esse que lhe deu o título de Sócio de Mérito dessa mesma Academia.<sup>133</sup>

No fim de 1775 José da Costa e Silva inicia uma grande viagem por Itália, percorrendo cidades como Roma, Nápoles, Veneza, Florença, Verona e Pisa.<sup>134</sup> Nesta viagem depara-se com vários estilos arquitectónicos e exemplos vivos da arquitectura Romana da Antiguidade, assim como com obras do arquitecto e tratadista do Renascimento Andrea Palladio, o que permitiu a Costa e Silva aprofundar o seu conhecimento sobre arquitectura e arte daqueles períodos, o que se relacionou mais tarde com o gosto particular de Costa e Silva pelo Neoclássico.

De regresso a Lisboa, em 1779 José da Costa e Silva é convidado para ocupar um lugar como professor na Universidade de Coimbra, cargo que rejeita. Em 1780, recebe uma encomenda para a conclusão do Altar-mor da Igreja de Nossa Senhora do Loreto, em Lisboa<sup>135</sup> e torna-se, em 1781, Professor de Arquitectura Civil na Aula Pública Régia, nomeado pela rainha D. Maria I.<sup>136</sup>

Durante a década de 80, Costa e Silva faz alguns trabalhos de pouca relevância, mas a partir de 1789 e em diante, começa a receber grandes encomendas de arquitectura civil. O arquitecto fica encarregado de desenhar a planta para o novo Erário Régio, em 1789, e a este se segue o projecto do Real Teatro de S. Carlos, em 1792.<sup>137</sup> Com as obras do teatro a arrancarem em 1793, no mesmo ano Costa e Silva é chamado a tomar as rédeas da construção de um grande complexo arquitectónico em Runa, que comportava um hospital, uma casa para Sua Alteza Real D. Maria Francisca Benedita, que financiou as

---

<sup>131</sup> MACHADO, Cirilo, 1922, p. 235

<sup>132</sup> Idem, p. 235

<sup>133</sup> [https://sigarra.up.pt/up/pt/web\\_base.gera\\_pagina?P\\_pagina=1005824](https://sigarra.up.pt/up/pt/web_base.gera_pagina?P_pagina=1005824)

<sup>134</sup> MACHADO, Cirilo, p. 236

<sup>135</sup> TEIXEIRA, José, 2012, p. 174

<sup>136</sup> Idem, p. 174

<sup>137</sup> MACHADO, Cirilo, 1922, p. 237

obras, e ainda uma igreja. Este complexo, o Asilo dos Inválidos Militares, estava quase terminado quando os franceses invadiram o território português, em 1807.<sup>138</sup>

De todo o seu currículo, é com o Real Palácio da Ajuda que se eterniza o trabalho do arquitecto José da Costa e Silva. Em 1794, ainda a recuperar dos danos do Terramoto de 1755, o Real Palácio de Nossa Senhora da Ajuda é reduzido a cinzas após um violento incêndio.<sup>139</sup> A reconstrução do Palácio foi iniciada sob responsabilidade do arquitecto Manuel Caetano, em 1795, mas a planta deste, e as suas escolhas, foram postas em causa e, em 1801, foram chamados dois novos arquitectos, José Costa e Silva e Francisco Xavier Fabri.<sup>140</sup> Os novos arquitectos viram as suas ideias prevalecer sobre as de Manuel Caetano, tendo estes assumindo a execução da planta e, em 1802, arrancam as obras.<sup>141</sup> Em 1807, devido às invasões francesas e ao avanço do exército de Junot, os trabalhos foram abandonados, retomando o seu curso apenas em 1813. A obra ficaria, nesta época, a cargo António Francisco Rosa, com a ajuda do arquitecto Manuel Caetano da Silva Gaião, figura central nas obras de Vila Viçosa, como veremos, e do professor Xavier de Magalhães, uma vez que Costa e Silva já se encontrava no Brasil.<sup>142</sup>

No decorrer do seu trabalho para o Real Palácio da Ajuda, Costa e Silva é chamado a Vila Viçosa para realizar um trabalho sob encomenda do Príncipe Regente D. João, em Janeiro de 1806.<sup>143</sup> Este trabalho viria a ser a renovação da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, que pressupunha a realização do plano para a Casa do Tesouro que tinha já sido elaborado em 1804 sob o risco de Costa e Silva, mas que, por razões não específicas, não se realizou na data, e a adaptação da Casa do Capítulo.<sup>144</sup> Este plano de 1804 traduzia já um desejo do Príncipe Regente de ver a Capela do Paço Ducal alterada, no entanto, é apenas em 1806 que este vê os seus desejos ganharem forma. José da Costa e Silva aceita a encomenda e, por se encontrar à frente das obras da Ajuda, deixa em Vila Viçosa o seu arquitecto ajudante Manuel Caetano da Silva Gaião.<sup>145</sup> As obras em Vila Viçosa foram, tal como se sucedeu na Ajuda, abandonadas devido ao avanço das tropas francesas, só sendo retomadas em 1815.

---

<sup>138</sup> MACHADO, Cirilo, 1922, p. 237

<sup>139</sup> TEIXEIRA, José, 2012, p. 427

<sup>140</sup> FRANÇA, José Augusto, 1966, p. 97

<sup>141</sup> Idem, p. 100

<sup>142</sup> Idem, p. 101

<sup>143</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 29, 076 (Anexos, Documento 7)

<sup>144</sup> CARVALHO, Aires de, 1979, p. 104

<sup>145</sup> Idem, p. 105

Com o estatuto que acumulou ao longo dos anos ao serviço da Coroa, José da Costa e Silva é convidado pelo Príncipe Regente D. João a juntar-se à Corte no Rio de Janeiro, onde a família real se encontrava para fugir às invasões francesas<sup>146</sup>. Em 1811 o arquitecto aceita o convite e parte para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro a 24 de Julho<sup>147</sup> do ano seguinte, onde foi nomeado Arquitecto Geral de Todas as Obras Reais. A obra que deixou edificada no Brasil tem pouco impacto no legado do arquitecto, visto que na época colaborou mais em reedificações e restauros do que em projectos de raiz, não esquecendo também a idade avançada de Costa e Silva.<sup>148</sup>

Em Setembro de 1818 o arquitecto, sentindo-se enfraquecido e sem tensões de regressar a Portugal, vende o seu espólio – uma magnífica colecção de desenhos, pinturas, estampas, moldes, camafeus e livros – que o acompanhou na sua jornada até ao Brasil à Real Biblioteca do Rio de Janeiro. Poucos meses depois vem a falecer, a 21 de Março de 1819.<sup>149</sup>

Tanto as obras do Real Palácio da Ajuda como as da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, interrompidas em 1807, foram posteriormente concluídas já sem o seu contributo.

### Manuel Caetano da Silva Gaião

Pouco se sabe sobre a vida de Manuel Caetano da Silva Gaião, nascido em 1769 segundo a base de dados do projecto *Nós Portugueses*<sup>150</sup>, um projecto que pretende preservar a memória de cada português através do estudo do seu registo. Arquitecto de profissão, o seu nome começa a aparecer na altura em que José da Costa e Silva assume o cargo de responsável pelas obras na Ajuda, sendo Gaião seu “discípulo e ajudante”.<sup>151</sup> Tem sido erradamente confundido com Manuel da Silva Gaião, mestre pedreiro que trabalhou na Basílica da Estrela até 1796.<sup>152</sup>

Quando José da Costa e Silva assume o cargo de arquitecto da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, em 1806, encontrava-se simultaneamente nas obras do Real Palácio da Ajuda, e, sendo a Ajuda uma obra de maior relevo, o arquitecto decide ficar em Lisboa

---

<sup>146</sup> CARVALHO, Aires de, 1979, p. 107

<sup>147</sup> ANACLETO, Regina, 2005, p. 461

<sup>148</sup> Idem, p. 462

<sup>149</sup> Idem, p. 466

<sup>150</sup> <http://nosportugueses.pt/pt/nome/748086/manuel-caetano-da-silva-gaiao>

<sup>151</sup> CARVALHO, Aires de, p. 105

<sup>152</sup> SALDANHA, Sandra, 2007, p. 45

e dirigir a obra de Vila Viçosa a partir da capital. Para isso, Costa e Silva coloca Manuel Gaião nas obras da Capela e é este seu discípulo que acompanha todo o processo das mesmas, mantendo sempre contacto com o seu Mestre através de correspondência, onde o vai pondo a par de todo o desenvolvimento. Será nesta obra da Capela que Gaião tem a oportunidade de brilhar, fazendo os seus planos e enviando-os para Lisboa pedindo a aprovação de Costa e Silva, como foi o caso do risco para a Casa do Tesouro.<sup>153</sup>

Manuel Caetano da Silva Gaião encontrava-se a acompanhar de perto a obra da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa pelo menos desde 9 de Maio de 1806, data em que o Inspector das Obras de Vila Viçosa, Vicente Ferrer de Siqueira, envia carta a Costa e Silva dando conta que Manuel Gaião se encontrava bem.<sup>154</sup> Gaião ficaria na obra, a acompanhar todo o seu processo, até, pelo menos, dia 27 de Novembro de 1807, data em que pede ao seu Mestre autorização para se retirar da obra<sup>155</sup>, pois já não havia condições para trabalhar devido à falta de pagamentos, motivado pela ameaça francesa.

Em 1815, ano em que Portugal se via livre das tropas de Napoleão, Manuel Gaião retorna à obra do Real Palácio da Ajuda, como assistente do então arquitecto responsável António Francisco Rosa.<sup>156</sup> Após este período na reconstrução do Palácio, a vida de Gaião permanece, até à data, desconhecida.

### Manuel da Costa

Manuel da Costa, nascido em 1755 em Abrantes, foi um pintor e cenógrafo que trabalhou em grandes empreendimentos do século XVIII e XIX. Nos seus anos de juventude viajou para Lisboa para prosseguir os seus estudos em Arte, tendo-se juntado à Escola de Simão Caetano Nunes, de quem foi discípulo.<sup>157</sup> Foi sob a orientação do seu Mestre, que na época dirigia o Teatro da Graça e onde nele pintou muitos tectos<sup>158</sup>, que deu as primeiras pisadas na pintura de cenários.

Entre os anos de 1776 e 1777 terminou os seus estudos e juntou-se a Veríssimo António de Sousa, Mestre de ornamentos das carruagens da Casa Real. Anos mais tarde, em 1783, o seu Mestre Simão Caetano Nunes coloca Manuel da Costa à frente da obra de

---

<sup>153</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 084 (Anexos, Documento 27)

<sup>154</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 042 (Anexos, Documento 8)

<sup>155</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 029 (Anexos, Documento 50)

<sup>156</sup> FRANÇA, José-Augusto, 1966, p. 101

<sup>157</sup> PAMPLONA, Fernando, 1987, Vol.2, p. 152

<sup>158</sup> MACHADO, Cirilo, 1922, p. 202

pintura do Teatro de Salitre, em Lisboa, que este dirigia antes de adoecer. Nos anos 80 do século XVIII, este ramo da Arte, ligado aos teatros e à cenografia, entrou em decadência, o que levou Manuel da Costa a continuar a sua carreira como pintor, mantendo, no entanto, a sua especialidade em tectos com ornatos e no uso habilidoso da perspectiva na pintura.<sup>159</sup>

Muitas obras deste tempo tiveram o cunho de Manuel da Costa, entre elas alguns tectos do Palácio de Queluz e telas decorativas, em especial nas Salas do Trono, do Despacho, das Merendas e da Sala D. Quixote, onde, nesta última, lhe são atribuídas oito pinturas das paredes com cenas da vida de D. Quixote de la Mancha, de Cervantes, e 18 painéis do tecto em colaboração com José António Narciso.<sup>160</sup> O seu trabalho em Queluz mereceu largos elogios do ilustre viajante William Beckford, que caracteriza a sua pintura como *“objectos muito interessantes, pinturas arabescas de Costa, cheias de fogo e fantasia (...) que me mantiveram de tal maneira entretido que meia hora passou muito depressa”*<sup>161</sup> Foi também integrante nas obras de pintura do Paço de Nossa Senhora da Ajuda, onde terá participado na pintura de tectos, entre 1802 e 1805, a pedido do Visconde de Santarém. Foi no decorrer desta participação que conheceu e trabalhou com José da Costa e Silva, arquitecto encarregue das obras no Palácio na época.<sup>162</sup> Manuel da Costa é também apontado como o autor das pinturas murais presentes na Sala da Lanterna – ou Salão da Floresta – do Palácio do Ramalhão, em Sintra, obra encomendada por D. Carlota Joaquina em 1802. Neste Palácio terá também trabalhado com o arquitecto José da Costa e Silva.<sup>163</sup>

Em 1807 o arquitecto Costa e Silva coloca Manuel da Costa à frente da obra de pintura dos tectos da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, juntamente com um discípulo,<sup>164</sup> e também os do quarto de Sua Alteza e do seu gabinete. O pintor chega a Vila Viçosa dia 31 de Janeiro de 1807<sup>165</sup> e permanece na obra até dia 29 de Novembro do mesmo ano<sup>166</sup>, abandonando-a por falta de pagamento. A Manuel da Costa se atribui a pintura do tecto do gabinete, o repinte dos caixotões da abóbada da Capela e a pintura do

---

<sup>159</sup> MACHADO, Cirilo, 1922, p. 226

<sup>160</sup> PAMPLONA, Fernando, 1987, Vol.2, p. 152

<sup>161</sup> De tradução livre do original inglês de BECKFORD, William, 1835, p. 203

<sup>162</sup> FRANÇA, José Augusto, 1966, p. 113

<sup>163</sup> SOARES, Clara Moura, 2017, p. 19

<sup>164</sup> CARVALHO, Aires de, 1979, p. 105

<sup>165</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 086 (Anexos, Documento 29)

<sup>166</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 029 (Anexos, Documento 50)

tecto da Capela-mor, além da ajuda que deu na aplicação da escaiola em momentos de dificuldade na obra.

Como se sucedeu com o arquiteto da obra Costa e Silva, também Manuel da Costa se juntou à Corte no Rio de Janeiro<sup>167</sup>, embarcando para o Brasil em 1811, onde permaneceu até o ano de sua morte, em 1820.

### Manuel António da Silva

Manuel António da Silva foi um pintor e desenhador do século XIX. Pouco ou nada se sabe do seu percurso escolar e da sua vida, não sendo possível atribuir-lhe mestres.

Desconhecendo-se se haveria alguma ligação entre o arquitecto e Manuel da Silva, apenas sabemos que Costa e Silva o envia, em 1807, para a obra da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa para ajudar na obra de pintura, com o salário de 2.400 reis.<sup>168</sup> Talvez se encontrasse a trabalhar na obra da Ajuda. Chegando à Vila Viçosa entre o dia 16 de Fevereiro e o dia 23 do mesmo mês, Manuel da Silva fica encarregue de ajudar na pintura do quarto de Sua Alteza<sup>169</sup> na pintura da escada de Sua Alteza, onde nesta última pinta tectos e paredes, além de ser também o autor dos seus fingidos. Não sendo possível confirmar a autoria e até existência, sabe-se através da correspondência, que a escada de Sua Alteza tinha pintada, no tecto, a figura de Mercúrio, tendo esta sido executada na mesma altura em que Manuel da Silva trabalhava na escada.<sup>170</sup> A 28 de Junho de 1807 Manuel da Silva retira-se da obra por não haver mais trabalho que pudesse executar no momento.<sup>171</sup>

Em Lisboa, anos mais tarde, foi responsável por desenhos de cariz naturalista, botânico e zoológico do Real Palácio e Jardim Botânico de Nossa Senhora da Ajuda entre 1818 e 1821. No trabalho que executou nesta obra foi elogiada a sua assiduidade e habilidade, tendo permanecido na obra e ocupando o cargo até o ano de sua morte, em 1833.<sup>172</sup>

---

<sup>167</sup> ESPANCA, Túlio, 1978, p. 648

<sup>168</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 081 (Anexos, Documento 30)

<sup>169</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 090 (Anexos, Documento 35)

<sup>170</sup> BNRJ, Coleção arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 003 (Anexos, Documento 37)

<sup>171</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 006 (Anexos, Documento 39)

<sup>172</sup> VITERBO, Sousa, 1902, Fernando, III vol, p. 154

### José António Narciso

José António Narciso foi um pintor dos séculos XVIII e XIX. Nasceu no ano de 1731, em Lisboa, e cedo mostrou habilidade para o campo da Arte. Ainda jovem torna-se discípulo de Simão Gomes dos Reis, com quem aprende perspectivas. Além de pintor, José Narciso tornou-se também decorador, e nesta condição trabalhou para Inácio Meireles nas embarcações do Rei, na Ribeira das Naus.<sup>173</sup>

Em 1756 é substituído por Luís Baptista nas embarcações da Ribeira das Naus e começa a executar pinturas para tectos de igrejas, cenários para o Teatro Régio e tectos de diversos palácios, como é o caso do Palácio de Barbacena, em Lisboa. Não deixando de referir o restauro que fez do tecto da Igreja do Cabo, foi no Palácio de Queluz que José Narciso se destacou. Em 1789 pintou o painel para o oratório do quarto de Carlota Joaquina, elaborou as pinturas para a capela do Palácio, executou o grande painel que representa uma alegoria ao *Decorrer do Tempo*, para a Sala do Despacho e também é autor da tela central do tecto da Sala D. Quixote, cujo tema é *Alegoria à Música* e co-autor das sobrepostas e medalhões do mesmo quarto, que pintou com Manuel da Costa.<sup>174</sup>

Em 1793 trabalhou na pintura do tecto da Capela do Santíssimo do Paço da Bemposta, em Lisboa, juntamente com Pedro Alexandrino de Carvalho.<sup>175</sup> Poucos anos depois, em 1796, o Príncipe Regente D. João VI manda renovar a pintura e decoração das salas do Paço Real de Mafra, em Lisboa, onde José Narciso participou na pintura de ornamentos para a Sala do Trono, sob a responsabilidade do pintor da obra Manuel Piolti.<sup>176</sup> José Narciso e Pedro Alexandrino voltariam a encontrar-se anos mais tarde na Igreja do Sacramento, em Lisboa, onde, entre 1804 e 1805, foram autores das pinturas e decoração do tecto da sacristia.<sup>177</sup>

Em 1807 é chamado para trabalhar na renovação da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, onde chega em meados de Fevereiro e permanece até 6 de Março do mesmo ano.<sup>178</sup> Ainda que tenha ficado por pouco tempo, trabalhou, juntamente com Manuel da Costa, na pintura do tecto e paredes do quarto de Sua Alteza, do gabinete e da escada.

---

<sup>173</sup> MACHADO, Cirilo, 1922, p. 219

<sup>174</sup> PAMPLONA, Fernando, 1987, vol. 4, p. 194

<sup>175</sup> REIS, Vitor dos, 2006, p. 570

<sup>176</sup> <http://www.palaciomafra.gov.pt/Data/Documents/7%20-%20Sala%20do%20Trono.pdf>

<sup>177</sup> REIS, Vitor dos, 2014, p. 341

<sup>178</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 27, 088 (Anexos, Documento 33)

Em 1809 pintou o tecto da Igreja de Santa Quitéria, em Alenquer. Morreu em 1811, deixando o seu testemunho a Anacleto José Narciso, seu filho, Joaquim Romão e João de Deus, de quem foi Mestre.<sup>179</sup>

### 1.3 Materiais

Para a percepção da obra, é preciso compreender os materiais que foram utilizados. Conhecer os materiais é, também, saber como estes se comportam e como devem ser abordados por exemplo, no caso de conservação ou restauro do mesmo.

Numa terra de mármore, como é o caso, faria todo o sentido a aplicação deste na obra de cantaria, não só pela proximidade com pedreiras, mas também pelo símbolo de poder que este material nobre erradia. O mármore foi utilizado em toda a obra de cantaria apesar de não estar referenciado como tal, e é o que hoje podemos observar desta campanha na Capela. Foi aplicado o creme nos arcos dos altares laterais e arcos das tribunas, bem como nos remates dos balaústres das mesmas, além dos roda-pés do corpo da Capela. O restante mármore que se encontra nos pavimentos é da campanha de D. João V.

A aplicação deste material pétreo foi sucessiva e ostensivamente realizada, no entanto, como vemos na campanha oitocentista da Capela, fingida através de pintura sobre gesso a imitar a pedra ou ainda através de escaiola, uma pasta de estuque com tinta que quando misturada se assemelha às características do mármore. Na campanha de Costa e Silva a Capela ficou substancialmente revestida por fingidos ao nível das paredes (Fig.38) e pequenos detalhes.<sup>180</sup> Ainda que, na época, se usasse a expressão fingidor, este não seria se não um pintor, pelo que se pode considerar estes fingidos como uma expressão artística com um cunho individual – esta questão é observável na parede de fundo da Capela, cujos fingidos diferem dos restantes (Fig.39) e, possivelmente, terão sido executados em campanha posterior (1815-1823). O uso dos fingidos e da escaiola, no caso da Capela em particular, poderá estar associado não só a questões económicas – o elevado custo do mármore – , mas também à sua rapidez de execução.

---

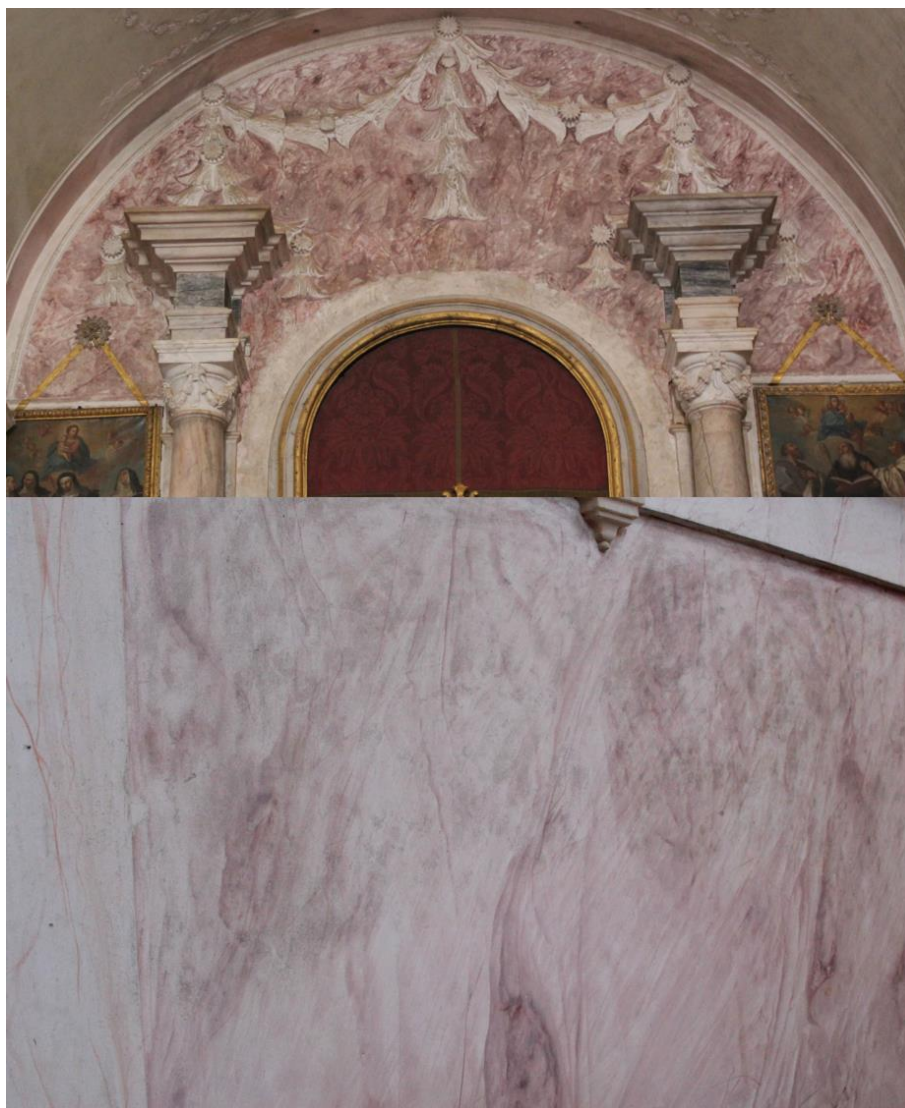
<sup>179</sup> MACHADO, Cirilo, 1922, p. 221

<sup>180</sup> BNRJ, Coleção Arquitecto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 008 (Anexos, Documento 40)



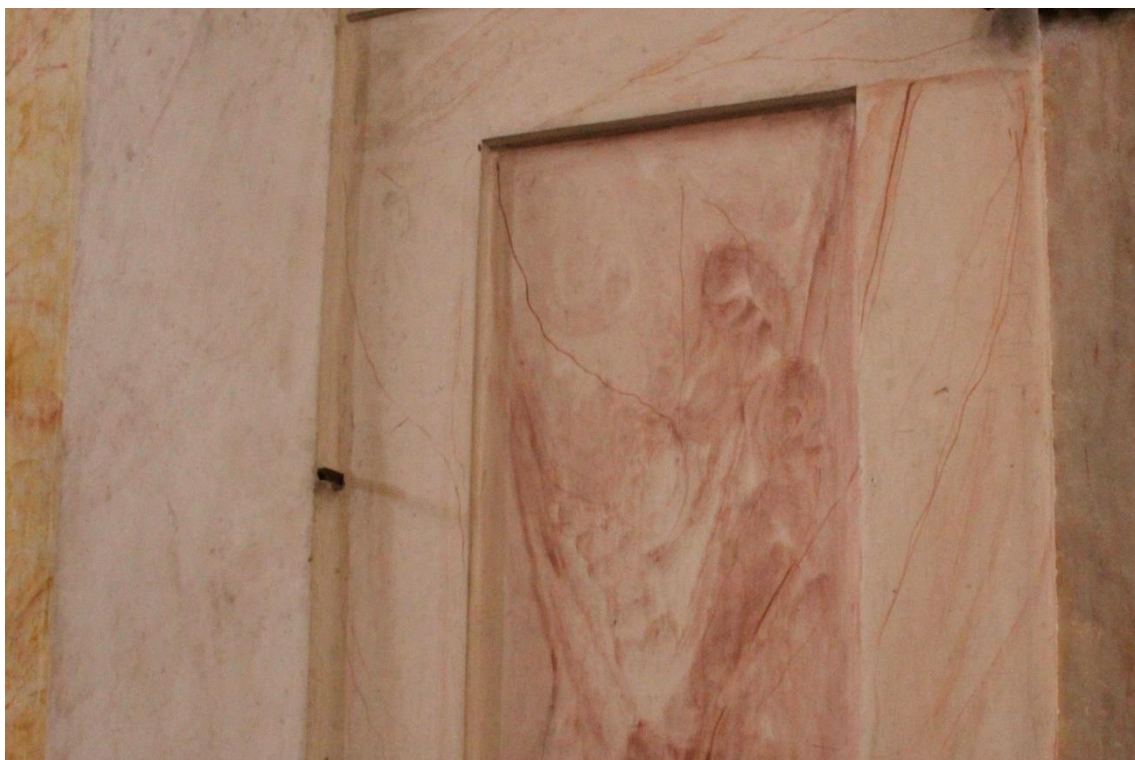


*Figura 38: Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*



*Figura 39: Comparação dos fingidos da parede de fundo da Capela (em cima) e das paredes laterais (em baixo), Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018*

No caso da Capela, os fingidos passam por uma grande selecção de cores, sendo as mais evidentes o rosa e o amarelo. Estas tonalidades da pedra são da região, como é o caso do mármore branco e rosa de Estremoz, do creme de Estremoz e da Ruivina de Vila Viçosa. Ao entrar neste espaço, deparamo-nos logo com as paredes com veios de tonalidade rosa velho (Fig.40), contrastando com o amarelo e verde usado nos altares laterais (Fig.41). A parede ao fundo, onde se insere o altar-mor, apresenta uma aplicação rosa mais escuro, bem como um dossel a encimar o altar, também ele fingido.



*Figura 40:* Pormenor de fingido de tons rosa na parede da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018



*Figura 41:* Pormenor de fingido de tons creme na parede da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018



A Capela do Santíssimo Sacramento apresenta também fingidos que imitam os já nela existentes mármore brancos e negros, embora não me seja possível, por ora, afirmar que estes fingidos, em particular, resultem da campanha oitocentista (Fig.42).



*Figura 42:* Fingidos na Capela do Santíssimo Sacramento, Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018

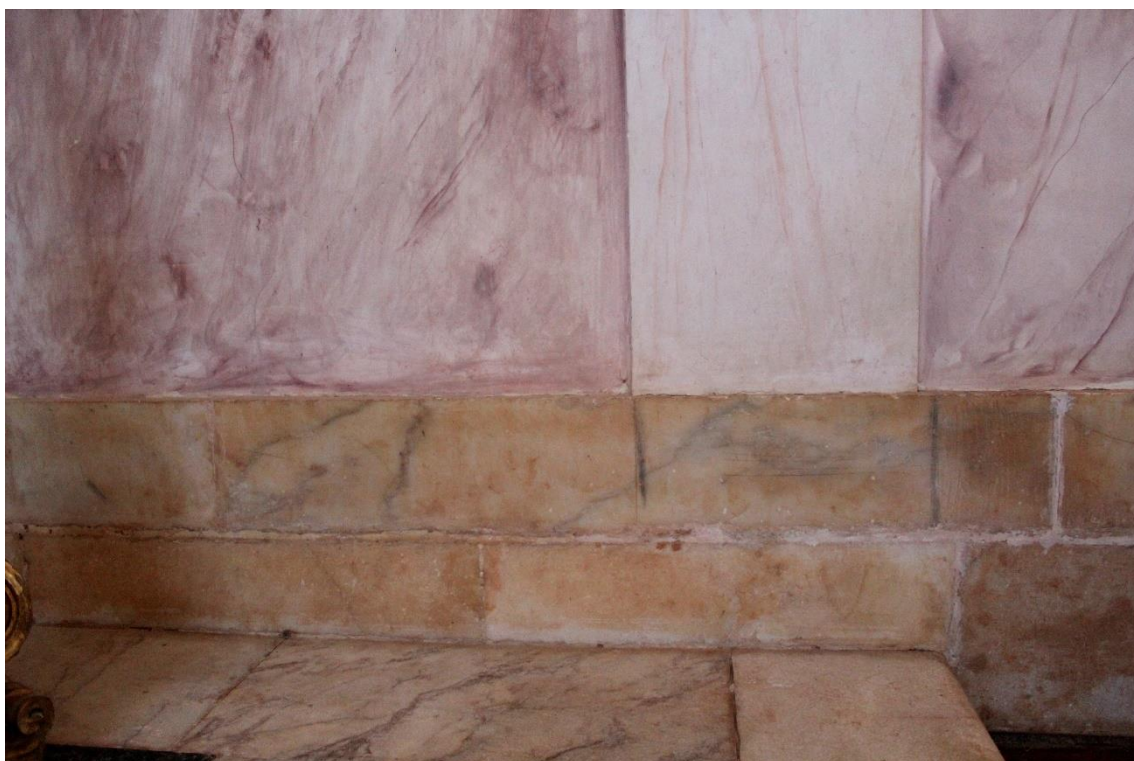
O uso de fingidos é observável especialmente quando em comparação com os rodapés do corpo da Capela, de mármore amarelado onde se vê o corte efectuado na pedra. Ainda que alguns dos fingidos sejam de boa qualidade, como é o caso dos que ocupam o corpo mais claro da Capela-Mor que pretendem imitar o mármore presente nos pilares da Capela (Fig.43), outros acabam por deixar de lado os acabamentos perfeitos característicos do corte da pedra. É o caso dos cantos dos fingidos rosa das paredes, que a serem pétreos não poderiam ter aquele comportamento arredondado que aparentam (Fig.44).<sup>181</sup>

---

<sup>181</sup> Tema apresentado por Mariana Penedo dos Santos no Congresso Dinâmicas do Património Artístico, Outubro 2018



*Figura 43:* Contraste entre os fingidos de mármore rosa com o mármore branco no capitél do pilar, Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018



*Figura 44:* Contraste do fingido mármore de tons rosa com o mármore de roda-pé e pavimento. Pormenor dos veios curvos na intercalação do fingido com a pedra. Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa, Fotografia de Mariana Penedo dos Santos, 2018

Também específico foi o material utilizado na pintura, uma vez que é possível ter acesso às encomendas das tintas usadas na obra. Foi o caso da pintura do tecto da Capela Mor: a encomenda específica de tipos de tinta<sup>182</sup> permite um conhecimento profundo desta obra de pintura. Para a pintura das portas e das suas decorações foi usado óleo<sup>183</sup> e tintas de várias tonalidade. O mesmo se sucedeu para a obra de estuque, para a qual foi precisa pó de pedra<sup>184</sup>, areia de rio<sup>185</sup> e gesso.

---

<sup>182</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 26, 018 (Anexos, Documento 46)

<sup>183</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 084 (Anexos, Documento 27)

<sup>184</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 079 (Anexos, Documento 21)

<sup>185</sup> BNRJ, Coleção Arquiteto Costa e Silva, Ms. I-3, 25, 086 (Anexos, Documento 29)

## **2. No tempo do Almojarife João dos Santos (1815-1823), “Encarregado da reedificação dos Reaes Paços da Provincia de Alentejo”**

A Fuga da Família Real para o Brasil (1807-1821) foi motivada pela constante ameaça das tropas francesas. Criou-se a ideia, e ainda hoje se julga, que com a estadia da Família no Rio de Janeiro Portugal estava ao abandono, incluindo o povo e todos os pertences do Estado. Contrariamente ao que se pensa, e em particular em relação ao património pertencente ao Estado e à Família Real e seus palácios, esse *abandono* não se fez notar na dimensão que se julga, e à luz da localização e tratamento de documentação é possível perceber que de facto houve uma preocupação em preservar o património português na ausência dos governantes e em manter a salvo alguns bens valiosos da ganância dos exércitos franceses.

Sabe-se que grande parte dos tesouros deste património foi juntamente com a Família para o Brasil, mas outros tantos por cá ficaram. O saque destes valiosos tesouros por parte das tropas francesas e por ladrões que se aproveitaram da ocasião, gerou um clima de receio, o que colidiu com o fecho dos palácios reais tal qual se encontravam na época, não havendo muito tempo para pensar em questões como preservação e conservação.

João dos Santos, funcionário da Casa Real, foi, talvez, o personagem que mais preocupação mostrou com esta questão da salvaguarda do património, procurando proteger não só o património imóvel, mas também o seu recheio. Seguindo as ordens que chegavam do Rio de Janeiro, este funcionário fez o que pôde para preservar vários palácios, como é o caso do Palácio do Ramalhão, de Sintra – do qual foi Almojarife –, do de Caxias e do de Vila Viçosa. O orçamento para estas campanhas era, claro, muito limitado, mas não se pode partir da ideia de que o património estava ao abandono.

Dentro das possibilidades, João dos Santos foi o responsável pelas campanhas de conservação e restauro e graças à sua preocupação foi possível manter vivos patrimónios que poderiam não ter resistido às ameaças francesas e ao período de enorme instabilidade e insegurança que lhe seguiu. Este facto – que nos é transmitido pela documentação em constante estudo – vem contrapor o abandono, pois quem financiava e autorizava estas campanhas era a Família Real, ainda que do outro lado do Oceano. Entre as campanhas deste Almojarife encontra-se a obra de conservação e restauro que levou a cabo no Paço Ducal de Vila Viçosa, entre 1815 e 1823.



## 2.1 Estado de Ruína do Paço Ducal

No fim do ano de 1807 a obra de José da Costa e Silva é abandonada, motivada pelo avanço das tropas francesas que ameaçam o território português. O Paço Ducal encontrava-se, na época, em puro estado de abandono, a Família Real já se encontrava em Lisboa pronta para embarcar com destino ao Brasil e toda a riqueza que recheava o complexo já tinha sido transportada para a capital. Grande parte do Tesouro da Capela foi não só transportado para Lisboa, mas também embarcou juntamente com a Família Real para o Brasil.<sup>186</sup>

No contexto das invasões, o General William Beresford é enviado por Inglaterra para ocupar o cargo de Marechal do Exército Português na luta contra os franceses, em 1809. Na época o Paço Ducal servia de hospital e acomodação dos feridos da batalha de Talavera de la Reina, onde muitos ingleses acabaram por morrer, estando hoje sepultados na Várzea do Morgadinho. Sendo um complexo de tamanha envergadura, o Paço Ducal passou, desde então, a servir de alojamento às tropas que por lá circulavam, tendo o exército de Beresford lá permanecido até, pelo menos, 1811.<sup>187</sup>

Após um período conturbado em Portugal, provocado pelas invasões francesas, a paz foi restabelecida em 1815, na Batalha de Waterloo, quando os exércitos da Sétima Coligação derrotaram Napoleão. Será a partir desta data que Portugal começará, lentamente, a renascer dos danos que a Guerra Peninsular provocou no território.

Tendo em conta o estado de abandono do Paço Ducal, é ordenado que se faça uma avaliação dos danos provocados pelo sucessivo alojamento de tropas e o custo da sua reparação. Esta avaliação teve lugar no dia 24 de Abril de 1815 numa das salas do Paço, e contou com a presença do Corregedor da Comarca de Vila Viçosa, Manuel de Magalhães Mexia e Macedo, a desembargo do Príncipe Regente D. João – que se encontrava no Rio de Janeiro –, do Almojarife do Paço Ducal de Vila Viçosa, D. Bernardo de Sucena Noronha, do arquitecto Francisco Felix, do Mestre de obras de Carpintaria José Ferreira Panasco, do Mestre de obras de Alvenaria Joaquim Pedro Gonçalves Rato, do Mestre Serralheiro António Ventura Vidigal e do escrivão do auto de vistoria e avaliação Caetano José Alves de Araújo.<sup>188</sup>

---

<sup>186</sup> ESPANCA, Padre Joaquim, 1892, p. 247

<sup>187</sup> Idem, p. 250 e 251

<sup>188</sup> AHCB, Obras Palácio, NNG 874 III, Fls. 90 a 97 (Anexos, Documento 1)

O auto de vistoria compreende não só o estado de ruína do Paço Ducal, mas também todas as despesas que serão necessárias para o seu restauro – pressupondo que os elementos necessários para este fim estariam também eles em ruína, em falta ou com desgaste – numa lista cuja minúcia descritiva o torna num importantíssimo documento para a História.

A primeira parte deste auto faz referência ao estado de ruína em que se encontrava o Paço na data da realização do mesmo, aludindo à urgência em se proceder ao seu restauro, pois caso contrário podia-se estar perante uma perda sem retorno de um património com mais de três séculos. Os telhados do Paço encontravam-se deteriorados, bem como as madeiras que compunham as suas estruturas; nos pavimentos faltavam muitas tábuas que tinham sido arrancadas e havia também falhas nos ladrilhos. Os forros de muitas salas foram arrancados e destruídos, bem como portas, janelas, portadas e armários. As paredes que suportam a estrutura ameaçavam ruir a qualquer altura, precisando de uma intervenção imediata, e outras necessitavam de uma limpeza profunda. Tudo o que era de ferro teria de ser substituído, pois muitas das ferragens desapareceram, bem como todos os vidros de janelas e portadas. Seria também necessário arranjar as bombas que permitiam que a água circulasse pelo Paço e também os canos da cozinha. No exterior, teria de se reparar as pedras que faltavam no jardim, e colocar os bocais dos repuxos e o bronze das fontes, que foram arrancados.<sup>189</sup>

Ainda no mesmo ano, o Almojarife do Real Palácio de Sintra, João dos Santos, é ordenado pelo Real Serviço a deslocar-se a Vila Viçosa para também ele fazer uma avaliação dos danos e da despesa do reparo do Paço Ducal. João dos Santos dá conta do estrago observado nas janelas e portas do edifício, bem como na degradação dos forros e soalhos das salas, muitos deles arrancados.<sup>190</sup> Esta degradação em que se encontrava o Paço foi provocada, segundo a avaliação do mesmo, não só pelas tropas, mas também pelo grande abandono a que o complexo foi sujeito, apontando o Almojarife do Real Palácio de Vila Viçosa, D. Bernardo de Sucena Noronha, como culpado<sup>191</sup>. João dos Santos torna-se encarregado das obras do Paço Ducal, numa campanha que se desenrolou pelos anos de 1816 e 1817, estando terminadas entre finais de 1823 e início de 1824.

---

<sup>189</sup> AHCB, Obras Palácio, NNG 874 III, fls. 90 a 87 (Anexos, Documento 1)

<sup>190</sup> ANTT, Ministério do Reino, Mç. 281, Cx. 376, Classe 2, Divisão 12ª, Subdivisão 7ª, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818 (Anexos, Documento 4)

<sup>191</sup> ANTT, Ministério do Reino, Mç. 281, Cx. 376, Classe 2, Divisão 12ª, Subdivisão 7ª, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818 (Anexos, Documento 5)

## 2.2 Restauro e Despesas

Não havendo, até à data, uma descrição tão minuciosa quanto a da campanha oitocentista de Costa e Silva, é possível perceber, através do auto de vistoria, os materiais que foram utilizados no restauro do Paço Ducal. A despesa que se fez reflecte, também, o estado agravado de ruína em que se encontrava o edifício.

Segundo o auto de vistoria de 1815, para a obra de reparo de telhados, paredes e ladrilhos seriam necessários 5410 mestres pedreiros e 36 trabalhadores<sup>192</sup> capazes de branquear as paredes, cujos ordenados totalizariam 6.662\$200 reis, e mais 5.487\$800 reis em materiais. Para reparo de pavimentos, tectos, portas e janelas seriam precisos 11300 mestres carpinteiros<sup>193</sup>, cujos salários ficariam por 6.780\$000 reis, mais 14.438\$640 reis em materiais. Ao que diz respeito à obra de ferragens seriam precisos 10.246\$860 reis para os materiais a serem substituídos e/ou colocados. A despesa total, prevista segundo os que realizaram o auto, seria perto do valor de 46.076\$000 reis.<sup>194</sup> O auto revela ainda *“nao haver no que esta feito das obras novas da Capella, e suas Officinas, damno concideravel; mas ... que as mesmas Obras se achavao incompletas, razao pela qual qual e por nao saberem que extenção as mesmas obras devem ter segundo as Ordens de Sua Alteza Real lhe nao possivel orçarem o valor da despeza que como o seu complemento se deve fazer”*<sup>195</sup> Resumindo, o auto de vistoria visava descrever os danos e enumerar a despesa necessária às obras de restauro do Paço Ducal, excluindo a Capela, que, no entanto, é referida como estando incompleta – já referido no Capítulo II.

João dos Santos ficou, como já referido acima, encarregado da obra de reparo do Paço Ducal e deu conta que este ia custar 114000 cruzados, mas que na verdade não deveria exceder os 30000. Dentro deste valor, metade seria para materiais como vidro e barras, bem como mobiliário de serviço aos quartos, como mesas e cabides.<sup>196</sup> Este reparo sob a responsabilidade de João dos Santos, que começou em 1815, terminou a meio de 1817<sup>197</sup>.

O cunho de João dos Santos não ficou por 1817, pois em 1823 voltou a estar encarregue das obras no Paço Ducal, desta vez na Capela. Não se sabe que intervenções

---

<sup>192</sup> AHCB, Obras Palácio, NNG 874 III, fls. 90 a 97 (Anexos, Documento 1)

<sup>193</sup> AHCB, Obras Palácio, NNG 874 III, fls. 90 a 97 (Anexos, Documento 1)

<sup>194</sup> AHCB, Obras Palácio, NNG 874 III, fls. 90 a 97 (Anexos, Documento 1)

<sup>195</sup> AHCB, Obras Palácio, NNG 874 III, fls. 90 a 97 (Anexos, Documento 1)

<sup>196</sup> ANTT, Ministério do Reino, Mç. 281, Cx. 376, Classe 2, Divisão 12ª, Subdivisão 7ª, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818 (Anexos, Documento 5)

<sup>197</sup> ANTT, Ministério do Reino, Mç. 281, Cx. 376, Classe 2, Divisão 12ª, Subdivisão 7ª, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818 (Anexos, Documento 6)

mandou fazer, mas sabe-se que o objectivo desta campanha seria “*acabar a obra toda Primeiro, tinha de fazer arranjar a Caza para o Cabido e a casa para o Thezouro e para as corporações*”<sup>198</sup>. Ou seja, pode-se assumir que a campanha de Costa e Silva só ficou concluída em 1823, já sem o seu cunho, e, provavelmente, sem terem sido seguidas as suas directrizes iniciais. Como já referido anteriormente, a pintura da parede de fundo da Capela e as colunas que a compõem são de estilo posterior à campanha de Costa e Silva, podendo, talvez, ser desta campanha de João dos Santos.

O auto de vistoria e as avaliações de João dos Santos são documentos importantes, ainda que não se possa saber, para já, o que de facto foi feito no Paço Ducal. Deu-se conta do estado de ruína do edifício, mas desconhece-se o processo de reparo.

---

<sup>198</sup> AHCB, NNG 873 II, N° 59=S4 1823, proc.2, fls.2 (Anexos, Documento 3)

## Considerações Finais

A Capela e o Paço Ducal continuaram a ser alvo de intervenções após 1823, com destaque efectivo para as campanhas levadas a cabo pela DGEMN ao longo do século XX e, mais recentemente, pela Monumenta (2009-2011).

A realização deste trabalho só foi possível com o acesso à documentação do Brasil, e vale aqui referir a importância da conservação deste tipo de documentos e a sua disponibilização online – que evita o desgaste da consulta presencial. A consulta e uso destes documentos exigiu a sua transcrição, o que por vezes não se mostrou fácil, e, em especial, exigiu um exaustivo trabalho de pesquisa e cruzamento de informação. Considero este trabalho uma investigação inédita na medida em que o seu tema era conhecido, mas pouco ou nada abordado.

É de notar a grande preocupação que os Duques de Bragança, e depois monarcas, tiveram com este grandioso complexo, deixando nele a sua marca. Com todas as adversidades de um período marcado por ameaças francesas e fragilidades no tesouro, o Príncipe Regente D. João não deixou de dar atenção ao Paço, renovando a Capela mesmo quando o orçamento não permitia o uso ostensivo de materiais nobres – como se observa com os seus antecessores – , optando pelos inúmeros fingidos que se associam à sua época.

Não posso deixar de referir, também, a lacuna enorme que existe quando se tratam de temas do Paço Ducal de Vila Viçosa: num complexo com inúmeras intervenções e acrescentos, muito fica por assinalar. Isto verificou-se não só na questão das obras da Capela no tempo do Príncipe Regente – não se sabia ao certo quais teriam sido as obras feitas na época – , mas também no caso particular da escada – não se sabe quando ruiu o tecto. . O estudo dos materiais, pouco abordado pelos autores, deve ser considerado uma prioridade no que toca a estas questões: conhecendo os materiais, pode evitar-se que estes se detriam com o tempo, ajudando não só à sua conservação, mas também ao restauro.

Ao longo do tempo temos vindo a assistir a novas leituras deste monumento, e destaca-se a recente obra *De Todas as Partes do Mundo: O Património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*, e com a localização e estudo das fontes, como é o caso desta Dissertação, é possível traçar a história do Paço Ducal

## Bibliografia

### Fontes Históricas

Arquivo Histórico da Casa de Bragança – Obras Palácio

Arquivo Nacional da Torre do Tombo – Ministério do Reino

Biblioteca Nacional de Portugal

Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro – Coleção Arquiteto Costa e Silva

### Bibliografia

ABREU, Mila Simões de; ARRUDA, Luísa de Orey Capucho; PEREIRA, Paulo – *História da arte portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995.

ALEGRIA, José Augusto – *História da capela e Colégio dos Santos Reis de Vila Viçosa*. Lisboa: Fund. Calouste Gulbenkian, Serviço de Música, 1983

ALVES, Daniel (ed.) – *Mármore, património para o Alentejo: contributos para a sua história (1850-1986)*. Vila Viçosa: Centro de Estudos de Cultura, História, Artes e Patrimónios, 2015.

*Arte e seus lugares: coleções em espaços reais*. VIII Seminário do Museu D. João VI / IV Colóquio Internacional Coleções de Arte em Portugal e Brasil nos séculos XIX e XX, Rio de Janeiro, 2017

BECKFORD, William – *Recollections of na excursion to the monasteries of Alcobaça and Batalha*. London: Richard Bentley publisher, 1835

BRITO, Raquel Soeiro de; SOUSA, Armindo de; ALMEIDA, André Ferrand de; CARDIM, Pedro Almeida; ANACLETO, Regina; ROSAS, Fernando; FERREIRA, Medeiros; MATOSO, José; MAGALHÃES, Joaquim Romero; HESPANHA, António Manuel; ROQUE, João Lourenço; MARTINS, Fernando; AMARAL, Luciano; ROLO, Maria Fernanda – *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1997.

CABRAL, Agostinho Augusto; VALE, C.; AFONSO DE BRAGANÇA – *Noticia historica e estatistica do Palacio e Real Tapada de Villa Viçosa*. Évora: s.n., 1889

CARVALHO, Aires de – *A escola de escultura de Mafra*. Lisboa: Anuário Comercial de Portugal, 1964.

CARVALHO, Aires de – *Os três architectos da Ajuda: do «rocaille» ao neoclássico*. Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1979



CARVALHO, Aires de; MERVEILLEUX, Charles Frédéric de – *D. João V e a arte do seu tempo*. S.l.: A. de Carvalho.

ESPANCA, Joaquim José da Rocha – *Compendio de noticias de Villa Viçosa, concelho da provincia do Alemtejo e reino de Portugal*. Redondo: Typ. de Francisco Paula Oliveira de Carvalho, 1892

ESPANCA, Joaquim José da Rocha – *Memórias de Vila-Viçosa*. Vila Viçosa: Câmara Municipal, 1986

ESPANCA, Túlio, *Inventário artístico de Portugal, Distrito de Évora: Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa*, Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1978, Vol. I

ESPANCA, Túlio, *Inventário artístico de Portugal, Distrito de Évora: Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa*, Lisboa: Academia Nacional de Belas-Artes, 1978, Vol. II

FERREIRA, J. A. Pinto – *Biblioteca e Arquivo do Paço Ducal de Vila Viçosa: visita de estudo*. Porto: Câmara Municipal, 1955.

FILIPE, Carlos Joaquim Campino – *O Património Edificado em Vila Viçosa no Século XVIII: encomenda, financiamento e construção*. Lisboa: ISCTE-IUL, 2015. Dissertação de Mestrado.

FRANÇA, José Augusto – *A arte em Portugal no século XIX*. Lisboa: Bertrand, 1966

HALLETT, Jéssica, SENOS, Nuno (coord.) - *De Todas as Partes do Mundo: O Património do 5.º duque de Bragança, D. Teodósio I*, Lisboa: Tinta da China, 2018

MACHADO, Cirilo Volkmar; CARVALHO, Joaquim Martins Teixeira de; CORREIA, Virgílio – *Collecção de memórias relativas às vidas dos pintores, e escultores, architetos, e gravadores portugueses, e dos estrangeiros, que estiverão em Portugal*. Coimbra: Imp. da Universidade, 1922

MARTINS, Ana Canas Delgado; MARQUES, Carla Barbosa – *Governança e arquivos: D. João VI no Brasil*. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais ; Torre do Tombo, 2007

MATTOSO, José (coord)– *História de Portugal*. Lisboa: Estampa, 1997

MENDONÇA, Manuela (coord.) – *História Genealógica da Casa Real Portuguesa*. Lisboa: Academia Portuguesa da História, Público, 2007

MONGE, Maria de Jesus; ANDRADE, Joaquim Real; PIQUEIRO, F.; BRANDÃO, José; BRITO, Susana – *Roteiro Paço Ducal de Vila Viçosa*. Bragança: Fundação da Casa de Bragança, 2010

MONGE, Maria de Jesus – *Museu-Biblioteca da Casa de Bragança : de Paço a Museu*. Fundação da Casa de Bragança: Museu-Biblioteca, 2017.

PAMPLONA, Fernando; SILVA, Ricardo do Espírito Santo – *Dicionário de pintores e*

- escultores portugueses ou que trabalharam em Portugal*. 2a ed. actual<sup>a</sup> ed. Porto: Civilização, 1987
- PEDREIRA, Jorge Miguel; COSTA, Fernando Dores – *D. João VI: o clemente*. S.l.: Círculo de Leitores, 2006
- PEREIRA, Paulo (dir) – *História da arte portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995
- PESTANA, Manuel, FILIPE, Carlos – *Vila Viçosa: história, arte e tradição*. Lisboa: Colibri, 2009
- RADA Y DELGADO, D. Juan de Dios de La – *Viaje de SS. MM. los Reyes de España á Portugal en el mes de Enero de 1882*, Madrid: Imprenta y Fundición de M. Tello, 1883
- REIS, Humberto; CHICÓ, Mário Tavares; NOVAIS, Mário – *A arquitectura religiosa do Alto Alentejo na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.
- REIS, Humberto; CHICÓ, Mário Tavares; NOVAIS, Mário – *A arquitectura religiosa do Alto Alentejo na segunda metade do século XVI e nos séculos XVII e XVIII*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983
- RUAS, João – *Manuscritos da Biblioteca de D. Manuel II: Paço Ducal de Vila Viçosa*. Caxias: Fundação da Casa de Bragança, 2006.
- SANTOS, Mariana Penedo dos – *Numa Terra de Mármore: A Renovação Oitocentista da Capela do Paço Ducal de Vila Viçosa*, Congresso Dinâmicas do Património Artístico: circulação, transformações e diálogos. (no prelo)
- SERRÃO, Vítor – *O fresco maneirista do Paço de Vila Viçosa: Parnaso dos Duques de Bragança, 1540-1640*. Caxias: Fundação da Casa de Bragança, 2008.
- TEIXEIRA, José Monterroso – *José da Costa e Silva (1747-1819) e a Recepção do Neoclassicismo em Portugal: a Clivagem de Discurso e a Prática Arquitectónica*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 2012. Tese de doutoramento.
- TEIXEIRA, José Monterroso de – *O Paço Ducal de Vila Viçosa: sua arquitectura e suas colecções*. Lisboa: Fund. da Casa de Bragança, 1983
- TEIXEIRA, Luís Manuel – *Dicionário ilustrado de Belas-Artes*. Lisboa: Presença, 1985.
- TINOCO, Alfredo, FILIPE, Carlos, HIPÓLITO, Armando – *A Rota do Mármore do Anticlinal de Estremoz*. Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea Portuguesa, 2014
- VITERBO, Sousa – *Diccionario histórico e documental dos architectos, engenheiros e constructores portuguezes ou a serviço de Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1899

## Publicações Periódicas

BRANCO, Francisco Castelo – Subsídios para a História do Palácio de Vila Viçosa. *Belas-Artes*. Vol. S.2, n.º 31 (1977), p. 71–76

PINTO, Fernando – As Obras no Paço Ducal. *Monumentos*. n.º 6 (1997), p. 32

SOARES, Clara Moura; SERRÃO, Vitor; FILIPE, Carlos; RODRIGUES, Rute Massano; MONTEIRO, Patrícia; SANTOS, Mariana Penedo dos – Património e História da Indústria dos Mármore: O Papel da História da Arte num Projeto Pluridisciplinar, *ARTis ON*, n.º 5 (2018), p. 250–261

TEIXEIRA, José Monterroso – A reforma da Capela Real do Paço de Vila Viçosa, em 1806. No contexto dos programas de representação monárquica de D. João VI. *Monumentos*. n.º 27 (2007), p. 82–93

TEIXEIRA, José Monterroso – O Paço, passo a passo. A estratégia arquitectónica Ducal (séculos XVII-XVIII). *Monumentos*. n.º 6 (1997), p. 8–13

VIANA, Abel – Notas de Arqueologia Alto Alentejana. Materiais do Museu Arqueológico do Paço Ducal de Vila Viçosa. *Separata do Boletim A Cidade de Évora*. n.º 33–34 (1955)

## **Anexos**

### **Anexo Documental**

#### **Índice de Documentos**

**Documento 1** – Auto de Vistoria Exame e Averiguação do Estado de Ruína em que se acha o Edifício do Real Pallacio de Villa Viçosa – NNG 874 III, fls.90 a 97

**Documento 2** – Sobre trabalhador e a sua falta de pagamento (1806-1807) – NNG 874 III, fls.8

**Documento 3** – Sobre as obras no Palácio e Capela – NNG 873/II, N°59=S4, proc. 2, fls. 2

**Documento 4** – João dos Santos sobre a despesa da obra – Classe 2, Divisão 12ª, Subdivisão 7, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818

**Documento 5** – João dos Santos sobre a despesa das obras e queixa do Almoxarife – Classe 2, Divisão 12ª, Subdivisão 7, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818

**Documento 6** – João dos Santos sobre o estado das obras – Classe 2, Divisão 12ª, Subdivisão 7, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818

**Documento 7** – Bilhete a José da Costa e Silva, fazendo-lhe convite para um encontro a fim de aceitar o planto de uma construção. Vila Viçosa, 20 de Janeiro de 1806 – Manuscrito I-3, 29, 076

**Documento 8** – Carta a José da Costa e Silva, tratando da remessa de uma planta de construção, Elvas, 9 de Maio de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 042

**Documento 9** – Carta a José da Costa e Silva, tratando da remessa da planta, de acordo com entendimento anterior, Elvas, 16 de Maio de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 043.

**Documento 10** – Carta a José da Costa e Silva, pedindo-lhe moldes, alturas para cuidar da construção de canteiros, Elvas, 2 de Junho de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 045

**Documento 11** – Carta a José da Costa e Silva, tratando de vários assuntos e falando da retirada de azulejo da capela, Elvas, 30 de Junho de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 048

**Documento 12** – Carta a José da Costa e Silva sobre a construção da Igreja, Villa Viçosa, 15 de Agosto de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 70

**Documento 13** – Carta a José da Costa e Silva, e como deverá chegar determinado material, Vila Viçosa, 29 de Agosto de 1806 – Manuscrito I-3, 35, 72 (documento sem leitura)

**Documento 14** – Carta a José da Costa e Silva, sobre os arcos laterais e tratando da abobada e coro da capela, Elvas, 1 de Setembro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 054

**Documento 15** – Carta a José da Costa e Silva, e como deverá chegar determinado material, Vila Viçosa, 1 de Setembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 73

**Documento 16** – Carta da José da Costa e Silva, sobre o termino da obra, e referindo-se a construção da Tribuna do Principe, coreto e janelas, Vila Viçosa, 12 de Setembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 074

**Documento 17** – Carta a José da Costa e Silva, sobre o chamado de outros operários para a obra e o inicio dos alicerces, Vila Viçosa, 3 de Outubro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 076

**Documento 18** – Carta a José da Costa e Silva, sobre o corte de vidros e trabalho na abobada, Elvas, 20 de Outubro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 060

**Documento 19** – Carta a José da Costa e Silva, sobre o trabalho no telhado, na abobada e em outras partes da construção, Elvas, 27 de Outubro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 061

**Documento 20** – Carta a José da Costa e Silva, tratando de vários assuntos e da cobertura do telhado da igreja, Elvas, 10 de Novembro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 064

**Documento 21** – Carta a José da Costa e Silva, sobre o trabalho da igreja e o material recebido, Vila Viçosa, 14 de Novembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 079

**Documento 22** – Carta a José da Costa e Silva, sobre a pintura das paredes e da abobada da Igreja, Vila Viçosa, 21 de Novembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 080

**Documento 23** – Carta a José da Costa e Silva, a respeito da dependência das obras e outros trabalhos, Elvas, 28 de Novembro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 068

**Documento 24** – Carta a José da Costa e Silva, sobre a cobertura e guarnecimento da obra e dando informações referentes ao material, Elvas, 5 de Dezembro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 070

**Documento 25** – Carta a José da Costa e Silva, sobre as condições das obras da abobada da Igreja, Vila Viçosa, 5 de Dezembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 081

**Documento 26** – Carta a José da Costa e Silva, sobre o trabalho de pintura e os alicerces do altar, Vila Viçosa, 2 de Janeiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 083



**Documento 27** – Carta a José da Costa e Silva, sobre as obras do altar mor, Vila Viçosa, 16 de Janeiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 084

**Documento 28** – Carta a José da Costa e Silva, sobre vários assuntos, tratando da chegada de um estucador e de um trabalho no corredor da capela, Vila Viçosa, 26 de Janeiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 085

**Documento 29** – Carta a José da Costa e Silva, pedindo aviamentos para a construção, Vila Viçosa, 2 de Fevereiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 086

**Documento 30** – Carta a José da Costa e Silva, sobre a vinda de outros operários para as obras da Igreja, Elvas, 6 de Fevereiro de 1807 – Manuscrito I-3, 27, 081

**Documento 31** – Carta a José da Costa e Silva, a respeito da vinda de operários pintor, fundador e técnico de órgão, Elvas, 16 de Fevereiro – Manuscrito I-3, 27, 084

**Documento 32** – Carta a José da Costa e Silva, sobre operários pintores para a obra, Vila Viçosa, 23 de Fevereiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 088

**Documento 33** – Carta a José da Costa e Silva, sobre despesas com operários e preços de diárias, Elvas, 6 de Março de 1807 – Manuscrito I-3, 27, 088 (sem leitura)

**Documento 34** – Carta a José da Costa e Silva, tratando de vários trabalhos da construção da igreja, Vila Viçosa, 13 de Março de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 089

**Documento 35** – Carta a José da Costa e Silva, enviando-lhe a planta da tribuna e o risco dos batibandas no coro, Vila Viçosa, 20 de Março de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 090

**Documento 36** – Carta a José da Costa e Silva, sobre as obras e informando que os batibandes não levam flores, Vila Viçosa, 30 de Março de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 091

**Documento 37** – Carta a José da Costa e Silva, tratando da morosidade das obras por falta de pessoal, Vila Viçosa, 20 de Abril de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 003

**Documento 38** – Carta a José da Costa e Silva, sobre a construção de novo púlpito e enviando-lhe a planta, Vila Viçosa, 25 de Maio de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 005

**Documento 39** – Carta a José da Costa e Silva, sobre uma planta e o andamento da pintura da igreja, Vila Viçosa, 16 de Junho de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 006

**Documento 40** – Carta a José da Costa e Silva, sobre o número de pedreiros aumentando, falando do avanço da obra para gesso nas paredes, Vila Viçosa, 10 de Julho de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 008

**Documento 41** – Carta a José da Costa e Silva, tratando de vários assuntos e dando notícia da chegada de dois estucadores, Vila Viçosa, 14 de Agosto de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 012

**Documento 42** – Carta a José da Costa e Silva, a respeito do prosseguimento do trabalho no teto, Vila Viçosa, 21 de Agosto de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 013

**Documento 43** – Carta a José da Costa e Silva, tratando da obra com outros novos estucadores, Elvas, 24 de Agosto de 1807 – Manuscrito I-3, 28, 036

**Documento 44** – Carta a José da Costa e Silva, falando sobre os trabalhos dos estucadores, Vila Viçosa, 4 de Setembro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 014,

**Documento 45** – Carta a José da Costa e Silva, tratando de inúmeros assuntos e aparelho deficiente para o trabalho, Vila Viçosa, 11 de Setembro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 015

**Documento 46** – Carta a José da Costa e Silva, fazendo-lhe pedidos de tintas e dando noticias diversas, Vila Viçosa, 25 de Setembro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 018,

**Documento 47** – Carta a José da Costa e Silva, sobre as obras a serem inspeccionadas, Vila Viçosa, 23 de Outubro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 022

**Documento 48** – Carta a José da Costa e Silva, tratando das dificuldades sem auxiliares, achando-se a obra em atraso, Vila Viçosa, 2 de Novembro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 024

**Documento 49** – Carta a José da Costa e Silva, a respeito do pagamento de dívida aos estucadores e discípulos, Elvas, 23 de Novembro de 1807 – Manuscrito I-3, 28, 042

**Documento 50** – Carta a José da Costa e Silva, sobre a retirada de dois estucadores e dizendo-lhe querer retirar-se da obra, Vila Viçosa, 27 de Novembro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 029

## **ARQUIVO HISTÓRICO DA CASA DE BRAGANÇA**

### *Obras Palácio*

**Documento 1 – Auto de Vistoria Exame e Averiguação do Estado de Ruína em que se acha o Edificio do Real Pallacio de Villa Viçosa** – NNG 874 III, fls.90 a 97

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil oito centos e quinze aos vinte nove dias do mez de Abril do mesmo anno, em esta Villa Viçosa em huma das sallas do Real Palacio da mesma Villa aonde veio o Doutor Manoel de Magalhães Mexia

e Macedo do Desembargo de Sua Alteza Real, o Principe Regente Nosso Senhor que Deus Guarde, e seu Corregedor da Comarca da mesma Villa Viçosa; comigo Escrivão da Camera pelo dicto Menistro nomeado para esta Deligencia, em cumprimento da Provisão da Junta da Serenissima Caza de Bragança de quatorze de Abril do corrente anno, pela qual se orenou a elle Menistro que com a possivel brevidade fizesse constar no mesmo Tribunal o Estado de ruina em que este Real Pallacio se achava fazendo rellação de tudo quanto hera indispensável para o Reparo e concervação com o orçamento de sua importancia; e sendo ahi presente Dom Bernardo de Sucena Noronha de Almeida e ? Almoxarife do mesmo Pallacio que na predicta Provizao se manda ouvir, e bem assim sendo taobem ahi presente, chamados e convocados por ordem do dicto Menistro Francisco Felix Architetto morador da cidade de Elvas, que havia derigido parte dos trabalhos do ultimo concerto; Joze Ferreira Panasco Mestre de Obras de Carpintaria do mesmo Real Pallacio; Joaquim Pedro Gonçalves Ratto Mestre de Obras de Alvenaria do mesmo Real Pallacio; e Antonio Ventura Vedigal Mestre Serralheiro desta Villa Viçosa pelo ditto Menistro lhe foi lida e declarada a mencionada Provizão, e lhes deferio o Juramento dos Santos Evangelhos para que com boa e sam consciencia vissem, e examinassem todo este Edificio, e suas acomodaçoens e dependencias exteriores para declararem com toda a possivel individuação o seu actual estado de ruina e danos que della se poderia seguir; e que couzas se fazião necessarias para o seu reparo e concervação, e que vallores cada huma destas couzas tinha pelos preços correntes desta Villa para assim se orçar a Despeza que nos concertos e Reparos se deveria fazer, o que prometerao assim fazer prestando o sobredito Juramento.

E logo os sobreditos peritos Avaleadores na prezença delle Menistro sendo presente o assima ditto Almoxarife comigo Escrivão Comessarao o sobredito exame e avaleação que durao por espaço de alguns dias; vendo, e observando deper si, e sucessivamente cada huma das partes em que mais naturalmente se pode entender devidida a vasta extenção do mesmo Edificio e suas dependencias, e acomodacoens exteriores, fazendo logo suas declaracoens que se hiao escrevendo e apontando.

#### Quanto a Ruinas

Declararao elles Avaleadores concerto principalmente em parte dos Telhados a que o tempo tem deteriorado algum tanto e alhindo algumas de suas madeiras: Nas faltas dos Pavimentos, a que forao arrancados muntas taboas, madeira e ladrilhos: Nos forros de

madeira de muntos tectos que taobem forao arrancados e consumidos: Na falta das Portas da Janellas, Portados, e Armarios que tiverao o mesmo destino: Em alguns lancos de Parede que por serem de frágil construção, pelo tempo, ou pela falta de madeiras dos Pavimentos ameacão queda: Na precizão que todas tem de serem limpas e branquiadas, e muntas picadas, e guarnecidas de novo pelo máo estado de sua superficie: Na falta de ferragem de toda a qualidade incluindo-se muntas grades de ferro que fixavão diversas Janellas de peito, e parte das que guarneciam sacados, e varandas: Na falta e extrago de muntas vidraças de Janellas e Portados: No que as Portas que existem tem padecido por falta das Tintas a Oleo que as cobrião: No destroço das Bombas que levavão Agua ao alto do Pallacio e Cozinhas: Na rotura, e entupimento dos Canos das Cozinhas, e Jardim; falta dos bocaes dos repuchos, e chaves de bronze das fontes do mesmo Jardim, e pedras falhadas que as guarnecião, e de outras que das Janellas seguravão as grades que forao arrancadas, e quebradas. De cujas faltas dicerao se deveria esperar com qualquer demora no reparo e concerto hum rápido e concideravel aumento do damno e incalculavel perda.

E logo combinando e somando seus apontamentos do que haviaio dito ser necessario para o concerto, e reparo deste Edificio, em suas parciaes declaracoens, e fazendo orçamento dos preços, e vallores do que faltava se hera indispensavel para o dito fim fizerao as declaracoens seguintes.

#### Alvenaria

Declararao serem precizos para toda a obra de Telhados, guarnição de paredes, renovação das que o precizao, e ladrilhos dos pavimentos cinco mil quatro centos e dez Mestres Pedreiros que a preço de seis centos reis metal cada hum segundo o que actualmente ganhao de Jornal por hum dia nesta Villa fazem a importancia de Tres contos duzentos quarenta e seis mil reis ----- 3.246\$000

Doze mil e trinta e seis Trabalhadores servintes e Branquiadores das paredes a quatro centos e cincoenta reis por hum dia cinco contos quatro centos dezaseis mil e duzentos reis taobem de metal -----3.416\$200

Settecentos quarenta e seis moios de Cal parda a razao cada moio de mil e quatro centos reis de custo e conducção em metal Hum conto quarenta quatro mil e quatro centos reis -----1.044\$400

Duzentos quarenta e sette centos de Cal branca a mil e duzentos reis cada hum de custo e conducção duzentos noventa seis mil e quatro centos reis de metal ----- 296\$400

Quatorze mil nove centos e vinte cargas de Areia a outenta reis de metal cada huma  
Hum conto cento noventa trez mil e seis centos reis ----- 1.193\$600

Mil cento e quinze alqueires de pó de pedra para estuque a quatro centos reis em  
metal cada hum alqueire Hum digo Quatro centos quarenta e seis mil reis ----- 446\$000

Settenta mil Telhas a razao de nove mil reis de custo e conducção cada milheiro em  
metal Seis centos e trinta mil reis ----- 630\$000

Oitenta nove mil e oitocentos tejollos finos a razao de nove mil reis de cinto, e  
conducção cada milheiro em metal Oito centos e oito mil e duzentos reis ----- 880\$200

Oitenta e tres mil e quatro centos tejollos de Alvenaria, Ferráz e Tabique a razao de  
oito mil reis de custo e conducção em metal cada milheiros Seis centos sessenta sette mil  
e duzentos reis ----- 667\$200

Quinhentas e cincoenta Carradas de Pedras e Sagens a seis centos reis de metal cada  
huma carrada trezentos e trinta mil reis ----- 330\$000

#### Carpintaria

Declararao serem necessarios para o concerto e reparo dos Pavimentos, tectos,  
factura das portas novas das Janellas, Portados, e Armarios que dellas forao despojados e  
concertos das que existem e mais obras cuja falta e precizao se descreverao Onze mil e  
trezentos metres Carpinteiros que a preço de seis centos reis jornada de hum dia em metal  
segundo o preço da terra fazem Seis contos setecentos e oitenta mil reis.

Cento e déz Vigas de Hamburgo a doze mil reis cada huma de custo e condução  
Hum conto trezentos vinte mil reis ----- 1.320\$000

Vinte huma Vigas de Castanho de trinta dois palmos de cumprimento a doze mil  
reis cada huma de custo e conducção em metal duzentos cincoenta dois mil reis - 252\$000

Oito centos quarenta e hum Aguieiros a razao de seis centos reis cada hum de custo  
e conducção em metal quinhentos quatro mil e seis centos reis ----- 504\$600

Mil seis centos quarenta e seis pãos de São João a preço cada hum de trezentos reis  
de custo e condução em metal quatro centos noventa tres mil e oitocentos  
reis...4.930\$800

Cinto mil trzentos vinte cinco Pranchoins de Pinho de Flandres a razao de dois mil  
reis cada hum déz contos seis centos cincoenta mil reis de metal ----- 10.650\$000



Nove centos noventa e seis taboas de Pinho da Terra a razao de seis centos reis cada huma em metal de custo e conducção quinhentos noventa sette mil e seis centos reis.-----

----- 597\$600

Oito centos e tres Feixes de Ripa a razao de seis centos reis cada hum em metal Quatro centos oitenta hum mil e oitocentos reis ----- 481\$800

Duas mil seis centas e trinta e seis Vidraças ordinarias para as Janellas e Portas a razao de duzentos e quarenta reis cada huma Seis centos trinta dois mil seis centos e quarenta reis de metal ----- 632\$640

### Ferragens

Quatrocentos e dezassete fexaduras grandes e pequenas para portas e Armarios a razao de mil e duzentos reis em metal humas por outras quinhentos mil e quatro centos reis ----- 500\$400

Quatro mil seis centos trinta e hum lemes grandes e pequenos para portas e portigos a razao de duzentos reis cada hum em metal hums pelos outros nove centos vinte seis mil e duzentos rei ----- 926\$200

Trezentas secenta e nove Trancas grandes e pequenas humas por outras a razao de dois mil reis em metal cada huma oitenta digo Sete centos trinta e oito mil reis --- 738\$000

Duzentos vinte quatro Feixos fiedeiros a razao de quatro centos reis de metal cada hum oitenta nove mil e seis centos reis ----- 89\$600

Seis centos vinte hum feixos de Salto a razao de trezentos e secenta reis cada hum em metal Duzentos vinte tres mil quinhentos e secenta reis ----- 223\$560

Vinte sette feixos de meio fio a razao de sette centos reis em metal cada hum dezoito mil e nove centos reis ----- 18\$900

Trezentos trinta e quatro Friquetes a razao de quatro centos reis cada hum em metal Cento trinta tres mil e seis centos reis ----- 133\$600

Cento secenta e huma Conrespondencias dos Trinquetes a razao de trezentos reis em metal cada huma quarente oito mil e trezentos reis ----- 48\$300

Seis centos settenta e huma Aldrabas de portigos a cem reis em metal cada huma secenta sette mil e cem reis ----- 67\$100

Trezentos cincoenta e oito Parafuzos para Cantaria a cento e secenta reis cada hum em metal cincoenta sette mil duzentos e oitenta reis ----- 57\$280

Setenta e tres Esperas para Vidraças a noventa reis em meta cada huma Seis mil  
quinhentos e setenta reis ----- 6\$570

Quatro centas e cincoenta escapula A razao de secenta reis cada huma Escapulla  
vinte sette mil reis ----- 27\$000

Dois mil parafusos de ronca de Vemunia(?) para prender nas portas os Caixilhos  
das Vidraças a razao de quarenta reis cada hum em metal Oitenta mil reis ----- 80\$000

Quatorze mil e quatro centos e cincoenta Pregos pontaes a déz reis cada hum; cento  
quarenta quatro mil e quinhentos reis ----- 144\$500

Dezanove mil e cem pregos de Galeota a dois reis cada hum trinta e oito mil e cem  
reis digo e duzentos reis

Duzentos e hum mil e quinhentos Pregos de Ripar, Fasquiar e Taxas de Aza de  
mosca a razao de hum e meio reis cada hum trezentos dois mil duzentos e cincoenta reis  
----- 302\$250

Quarenta e tres mil e trezentos sentidos de diversas quantidades de pregos de hum  
athe dez reis reputados hums por outros a cinco reis cada hum duzentos dezaseis mil e  
quinhentos reis ----- 216\$500

Oito mil pregos grandes demais de palmo de comprido para traves a vinte reis cada  
hum cento e secenta mil reis ----- 160\$000

Quarenta e nove grelhas para as Fornalhas das Cozinhas a preço cada huma de  
quatro mil reis em metal Cento noventa e seis mil reis ----- 196\$000

Para a Reformação e factura das Grades de Ferro das Janellas que faltao em todo  
ou em parte de diversas dimensoens e groçuras Sette centos e quarenta mil reis -- 740\$000

Para o concerto, e reformação dos Bocaes dos Repuchos, e Chaves de Bronze dos  
Canos das fontes dos Jardins Cento e cincoenta mil reis ----- 150\$000

Para a reformação das Bombas de Chumbo que levao agoa ao alto do Pallacio e  
Cozinhas, e ferragens dellas quatro centos mil reis ----- 400\$000

Vinte arrobas de chumbo para prender na Cantaria os Parafusos que seguram as  
Grades de Madeira das Portas, e as grades de Ferro que se devem supril a dois mil  
quinhentos e secenta reis cada huma arroba cincoenta e hum mil e duzentos reis -- 51\$200

Oleos, Drogas e Pintura de todas as postas e Janellas tanto das que de novo se devem  
fazer como das que existem e devem ser consertadas Tres contos e duzentos mil reis ----  
----- 3.200\$000

Noventa e duas Vidraças com aço faltão nas Bandeiras dos Portados da Salla de Jantar a razao de mil e duzentos reis cada hum cento e dez mil e quatro centos reis-----

-----110\$400

Vinte quatro alqueires de Azeite a dois mil reis cada hum alqueire em metal para bitumes dos Canos das Fontes dos Jardins dos lageados das Varandas quarenta e oito mil reis-----

48\$000

Quatro centas Manilhas de Barro para os Canos dos Repuxos dos Jardins a oitenta reis cada huma trinta e dois mil reis-----

32\$000

Vinte peitos e umbreiras de mármore talhado para as Janellas a que se arrancarao grades e que forao quebrados; e trinta palmos quadrados de Pedra talhada para a guarnição da fonte do Jardim immediato a Salla de Jantar que forao destruidos oitenta mil reis-----

-----80\$000

Madeiras, e Cordas para andames e outros aprentos necessarios para esta obra trezentos mil reis-----

300\$000

Para a despeza necessaria em tal obra com Fieis, Apontadores, e Guardas de armazens de matteriaes e madeiras hum conto e duzentos mil reis-----

1.200\$000

Somao as quarenta e nove addições assimá lansadas Quarenta e seis contos setenta e seis mil reis-----

46.076\$000

Declararao mais os predictos avaleadores nao haver no que esta feito das obras novas da Capella, e suas Officinas damno concideravel; mas dicerao que as mesmas Obras se achavao incompletas, razao pela qual e por nao saberem que extenção as mesmas obras devem ter segundo as Ordens de Sua Alteza Real lhe nao he possivel orçarem o valor da despeza que como o seu complemento se deve fazer.

Declararao igualmente que por ser alheio de seus Officios o conhecimento da Pintura nao lhes he possivel estimarem o valor do damno que há nas Pinturas da Escada Real, e da Salla de Herculles que sao a fresco e estao offuscadas, e estragadas por fumo de fogueiras na Chemine da Salla e no Corpo da Guarda; e nos Retractos dos Senhores que decorao o tecto da Salla Real que sao pinados a Oleo, e de huma bella execucao que pela poeira e humidade do que entra pelas Janellas tem padecido alguma couza, e tem alguns delles pequenos golpes nos panos.

Tao bem declararao enumerarão na descripção das Ruinas a falta dos Moveis que notárão e virão em todo o Pallacio a que não sabem nem podem estimar o valor por não saberem o seus numaro o qualidade.

E logo o assima dito Almoxarife Dom Bernardo de Sucena Noronha Almeida e Faro dice que na sua mao e poder se achavão alguns moveis de pequeno valor do mesmo Real Pallcio, e dois grandes caixoes de ferragens das portas e Janellas que havia podido tirar das mãos dos soldados a maior parte por via de compra a qual ferragem sendo vista e examinada por Antonio Ventura Vedigal Mestre serralheiro hum dos Avaleadores declarou que carecendo de concerto toda podia servir o que fazia munto a bem deste orcamento e diminuia concideravelmente a importancia da Despeza orçada.

E tendo assim assim descripto e declarado tanto o estado da Ruina como o que julgavao preciso para o Reparo e Concerto do mesmo real Pallacio e tudo o que delle depende dicerao não lhes ser possivel suportar a grandeza do Edificio fazerem de outra maneira suas Declaraçoens e Orçamento que affirmarao ter feito bem e verdadeiramente como entenderao em suas consciencias; do que tudo para constar Mandou o mesmo Menistro fazer este Auto de Vistoria Exame e aviriguação que assignou com o predito Almoxarife e Avaleadores e eu Caetano Joze Alves de Araujo Escrivao da Camera e nomeado para esta delicencia que o escrevi.

[assinado por]

D. Bernardo de Sucena Noronha Almoxarife

Fran.co Fellix Arquiteto

Joze Ferreyra Panasco Mestre das obras de Carpintaria

Joaquim Pedro Ratto Mestre dos Pasos

Mestre Saralhero Ant.º Ventura Vidigal

**Documento 2 – Sobre trabalhador e a sua falta de pagamento (1806-1807) –**  
NNG 874 III, fls.8

Cópia da informação do Intendente das obras públicas

Il.mo e Ex.mo Snr = Dando cumprimento á Portaria que pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino me foi dirigida em data de 16 do corrente, examinei os documentos pertencentes a Sebastião Gomes Cordeiro, canteiro que nos annos de 1806 e 1807 esteve encarregado de apromptar a Cantaria para a Real Capella de Villa Viçosa, e delles corrigi que ao dicto Empreiteiro ce deve somente a addição comprehendida no Documento 3º e dividida em trez parcélas que são ~ cantaria assente em seu lugar ~ dicta

por assentar ~ dicta por lavrar importando as trez parcellas 732\$830 reis, e abatidos os 480\$000 reis que o mesmo Empreiteiro recebeo, resta-se-lhe segundo a sua conta e medição 252\$830 reis com que me não conformo inteiramente por não ser de razão que a pedra por lavrar seja reputada pelo mesmo preço de 190 reis o palmo de pedra lavrada como elle pretende.

(...)

Intendencia das Obras Publicas 4 de Março de 1823 = Il.mo e Ex.mo Snr. Filippe Ferreira de Araujo e Castro = Duarte Joze Fava

**Documento 3 – Sobre as obras no Palácio e Capela – NNG 873/II, N°59=S4,**  
proc. 2, fls. 2

Senhor

João dos Santos a quem V. Mag.e Fez a honra de Incarregar; de fazer acabar a Real Capela de Villa Viçozza Tem a honra de hir expor, na Real presença de V. Mag.e que entre vinte do Corr.te mez se acabara , devendo expor a Real presença de V. Mag.e, que as ofecinas da Mesma Real Capela se não poderão acabar no mesmo Tempo, pela chuva ter sido aqui munta, mas não embaraca a mudanca da Colegeada por todo este mez, sendo da Real vontade de V. Mag.e. Devo Real Senhor expor os Motivos, que me conduzirão acabar a obra toda Primeiro, tinha de fazer aranjear a Caza para o Cabido e a casa para o Thezouro, e para as corporações , logo senti não gostar Denheiro superfulo, pois o devia empregar a ondem hera util para sempre: Ponderando na Real presença de V. Mag.e que não excedi a Despeza por fazer acabar a obra toda, o que se mostra pela minha conta. O Paço Senhor, foi avaleado na Vestoria que se lhe mandou fazer, em 2656\$000 reis, a Capela foi por mim avaleada em 1:000\$000 r, as de mais pensas que faltavam, em 2100\$000 r, que tanto me pedirão para as fazer de empreitada, acresendo mais da avaleação a Despeza de sete sentos vidros e a pintura das Frentes do Paço que a Pedra destruhio; as tres parselas só se deixa ver que em portas em 5:756\$000 r. Eu emthé ao prezente tenho recebido 4:600\$000 r, e deve vir ordem para que o recebedor do Almoxarifado de Estremos, entregace ao Recebedor do Almoxarifado de V.<sup>a</sup> Viçozza; 1600\$000, que não recebeu por não ter ja aqui os Livros desse Tempo, e com esta adição ficara tudo acabado.

Paço de Villa Viçozza 9 de Novembro de 1823

João dos Santos

## ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO

*Ministério do Reino, Maço 281, Caixa 376*

**Documento 4 – João dos Santos sobre a despesa da obra** – Classe 2, Divisão 12ª, Subdivisão 7, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818

Foi V.A.R servido ordenarme por Avizo de 17 de Outubro do corr.te anno que pacasse ao Paço de Villa Vicoza a examinar o estado de ruina da Quelle Edeficio e fizese hu~ orcamento da Despeza que se poderia fazer com os reparos delle.

Pacei ao sobre d.º Paço p.ª o fim que me era ordenado onde me demorei tres dias no exame das suas ruinas que a ser são de Comcidração por que achei todo o Edeficio sem portas nem janelas tudo mais carecendo de grande concerto e reforma a excepção de Cavallaricas que se achão reparadas por serem ocupadas pelo Regim.to de Cavalaria Nº B; o Nº de Portas e Janelas que o Edeficio ocupa em si são de 456 não menos grande falta de solhos e forros das sallas que avião a rancado e destruído as Tropas. Olhando sezudam.te p.ª todo o Edeficio com a pratica que tenho adequerido com o serviço de Vossas Altezas, neste ramo acho que se despenderá de cincoenta a secenta mil cruzados, mandando V.A. ao Admenistrador dos Pinhaes que intregue de Duzentos a Trezentos Foros de Pinho q. avião sido cortados p.ª as fortificacoes os quaes servem p.ª fazer os forros das Sallas, por q. já conto com este socorro no meu orcamento. Hé quanto tenho a por na Real presença, V.A.R mandara o q. for servido.

Paço das Vendas Novas, 22 de Dezembro de 1815

João dos Santos

**Documento 5 – João dos Santos sobre a despesa das obras e queixa do Almoxarife** – Classe 2, Divisão 12ª, Subdivisão 7, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818

Senhor



Tenho a Gloria e sastifação de levar a Real Prezença q. por todo este mez, dara fim a obra do Paço de V.<sup>a</sup> Vicoza, de q. fui encarregado: V. Mag.e extara presente, q. na vestoria, q. se lhe mandou fazer, foura avaliada, a obra em 114 mil cruzados, como ? possa já dizer q. não excedera de 30 mil cruzados e se exceder p.<sup>a</sup> mais ò p.<sup>a</sup> menos, sara mai pou. Como a deferencia seja tão dezigual, hé do meu dever pedir hua vestoria, p.<sup>a</sup> q. no fectaro se não diga, se gastei tão pouco foura por ficar a obra imperfeita: Hé do meu dever Senhor, representar a V. Mag.e q. as maiores ruinas, q. acho neste Paço, não só fourão cauzadas pelas Tropas, mas sim pello grande abandono em q. o deixarão, he constan Senhor, q. o Almoz.e não cuida senão inbriagar-se; quatro varredores só cuidão em seus intreces: húa obra destas no estado em q. fica, de nességidade precisa quem saiba lidar com ella, se não de serto em breves dias soffrira deneficação, por q. todas as Portas, e Janelas são novas e as Madeiras fazem sua deveireidade nas estacas do Tempo, em se não sabendo lidar com ellas, de serto e aruinam logo: lembrava q. neste Paço á hú Mestre Carpinteiro, o qual não tem ordenado, por tanto não vem ao Paço, busca ganhar sua vida: Eu lhe acho bastante esperteza, e abelidade p.<sup>a</sup> o olhar pelos varredores e não comcentir q. destruão mandando V. Mag.e q. se lhe de ordenado.

Paço de V.<sup>a</sup> Vicoza 10 de Dezembro de 1816

João dos Santos

**Documento 6 – João dos Santos sobre o estado das obras – Classe 2, Divisão 12<sup>a</sup>, Subdivisão 7, Casa Real, Palácio de Vila Viçosa 1815-1818**

Senhor

Determinou-me V. Mag.de por Avizo expedido pela Secretaria de Estado dos Negocios do Reino, fizesse concertar o R. Paço de Villa Viçosa; e com effeito derigindo-me ao mesmo, o achei no maior estrago, adequirido não só pelos acontecimentos da preterita Campanha, e em todo o tempo desta, mas p.lo abandono em q. o Almoxarife o deixou; de modo que não tenha porta, nem janella algúa; os fórros, e solhos de muitas Cazas He Havião sido arrancados; em huma palavra, esteve como a descripção.

Promovi o Reparo e hoje tenho o gosto de o pôr na Real Prezença, q. se acha prompto de tudo; á excepção de cobrir-se o Telheiro do Patio da Conservação p.r não haver telha naquella terra, nem nas Comvezinhas; e de sincoenta e cinco fechaduras e Oitenta e dois lemes p.r alguns Armarios de Quartos interiores, o que tudo já mandei

formar p.<sup>a</sup> retiro das portas de seis armarios, q. ainda faltão; retirando-me antes desta conclusão, por confiar no m.mo Mestre, e assentar, ser mais útil á Real Fazenda a minha Entrada com os Operarios, do que demorar-me com estes; ficando o d.º Mestre contuindo aquella pequena Obra, emquanto V. Mag.de decidia, se elle deve ficar encarregado de conservar o Palacio no estado de pureza e perfeição a que o reduzi, e em que o deixei.

As portas, e janelas que de novo se manufaturarão, forão seis centos e sincoenta e oito; foi reformada toda a pintura, e reduzida á sua antiga beleza, e pozto na Off. Que enviei na dicta carta de 10 de Dezembro de 1816, dissesse que a obra findaria p.r todo aquelle mez, não foi possivel ultimar-se, p.r que algumas officinas estavam mais arruinadas, do que á vista persuadião; e acho a escada Real com tanta indecência, q. assentes dever construila de novo, com maior extensão, e batendo um oitavo em cada degráo, e colocando mais tres p.<sup>a</sup> ficar suave a sobida, e favorável o paço.

E finalm.e assentes devia mandar pôr portas no Portico, q. nunca as teve, e q. são indispensaveis p.<sup>a</sup> obviar o estrago da pintura da Escada, a qual merece todo o resguardo, porque ficou toda reformada e perfeita, apesar de achar-se em partes imperceptivel.

Toda a despeza chega a quinze contos e seis centos mil [símbolo de moeda, cruzado], comprehendidos mil e quinhentos vidros, barras, Mezas, e cabides que mandei contruir em Vendas novas p.<sup>a</sup> os Quartos de Criados, e Criadas.

Lizonjea-me a certeza q. tenho de q. aproveitarão meus exforços, e espero q.e V. Mag.e me honre com este mesmo reconhecim.to.

Lx.<sup>a</sup> 2 de Abril de 1817

João dos Santos

## **BIBLIOTECA NACIONAL DO RIO DE JANEIRO**

*Coleção Arquiteto Costa e Silva*

**Documento 7 – Bilhete a José da Costa e Silva, fazendo-lhe convite para um encontro a fim de aceitar o planto de uma construção. Vila Viçosa, 20 de Janeiro de 1806 – Manuscrito I-3, 29, 076**

Sua Alteza Real o Principe Regente Nosso Senhor he servido que Vm.ce passe a esta Villa para hum objeto do Real Serviço e para a sua condução achara em Aldagalega huã sege.

D.s G.e a Vm.ce

Paço de Villa Viçosa 20 de Janeiro de 1806

João Diogo Barro Leitão e Carvalhoza

**Documento 8 – Carta a José da Costa e Silva, tratando da remessa de uma planta de construção, Elvas, 9 de Maio de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 042**

Sr. Joze da Costa e Silva

Estimarei saber que VM.ce chegou com felicidade a sua caza, e continue a gozar a perfeita saude, que lhe dezejo, e q. igualmente passa bem o Sr. Manoel Caetano, a quem me recomendo.

Da remessa da planta depende como tratámos a brevid.e da obra, para se apromptar a Cantaria, que mais hé precisa, e não entrou na que está encomendada, e dezejando eu q.e tudo o q. he preciso anteciparse, se não atraze, espero a sua resposta e occaziões de servir a VM.ce q. DEOS G.e m. a.

Elvas 9 de Mayo de 1806

De VM.ce

Mt.º vn.or obzeq.zo

Vicente Ferrer de Seqr.<sup>a</sup>

**Documento 9 – Carta a José da Costa e Silva, tratando da remessa da planta, de acordo com entendimento anterior, Elvas, 16 de Maio de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 043.**

Sr. Joze da Costa e Silva

No dia 9 escrevi a VM.ce para que me remetesse a Planta, como tratámos pela dependência d'ella, para o ajuste da mais cantaria, que seja precisa, e não entrou no primeiro contracto: E receando q. não tenho VM.ce recebido a minha Carta dirijo esta á Caza das Reaes obras para mais segurança da entrega: precisando tãobem que VM.ce me

diga se tiver mais demora a sua vinda, se lhe parece conveniente que se aproveite o tempo em começar a mudança da Capela, ou de tudo o que se possa execuzar nesta com mais antecipação, porq. Devendo eu ir ali no dia 27 quero dispôr quanto seja compatível. Fico p.<sup>a</sup> servir a VM.ce que D.s G.

Elvas 16 de Mayo de 1806

De VM.ce

M.to vn.or obzeq.zo

Vicente Ferrer de Seqr.<sup>a</sup>

**Documento 10 – Carta a José da Costa e Silva, pedindo-lhe moldes, alturas para cuidar da construção de canteiros, Elvas, 2 de Junho de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 045**

Sr. Joze da Costa e Silva

Tenho presentes duas cartas de VM.ce de 25 e 31 de Mayo, e com a ? vem ? relação da mais Cantaria q. se deve preparar, o q. logo disporei: e sendo indispensaveis arcos da mesma pedra nas 4 Capelas dos lados, como eu melhor exporei a VM.ce, espero q. logo imediatam.te me mande medida das alturas, e moldes do feitio, p.<sup>a</sup> os encomd.ar, e p.<sup>a</sup> isto já preveni os Canteiros, p.<sup>a</sup> terem pedra arrancada; e assim comodarão, e VM.ce tãobem se hade conformar na utilidade, e perfeição desta obra, pois que não se arruina com escadas, ou outros toque, e athé pela brevid.e, com que se assenta hum Arco de pedra, sem comparação de outros de tejôlo, e sua guarnição. Reparo na falta dos moldes das Reprezas para o Corêto, e tão bem lembro se hade ter bacia, e na relação q. veio, os esperava, pelo que VM.ce em outra Carta exprimia e VM.ce me dirá tãobem se os portados que vem na relação pertencem à Capela; por q. a serem p.<sup>a</sup> outra parte, deve-se primeiro completar o que ali pertença, e qdo o sejão, mais obriga a similhaça da pedra p.<sup>a</sup> se imitarem com os Arcos.

Para a limpeza da Cantaria antiga hé preciso pedra de burnir; queira VM.ce dispor remessa de hum carro dela, para Villa Viçozza a entregar-se a Felipe Neri Bello; e da mesma que vier precisão alguma os Canteiros, para a pagarem p.lo q. sahir, pela falta que tem della para a obra nova. VM.ce tem proporção p.<sup>a</sup> dizerme se o Ill.mo Sr. Thomás Antonio de V.<sup>a</sup> Nova Portugal tem tido moléstia, q poderá saber ? ? Sr. Se recebeo huã Carta m.<sup>a</sup> que eu sem a sua resposta não socego. Fico para servir a VM.ce.

VM.ce com prompta vontade, por ser

De VM.ce

M.to fiel ven.or obzeq.zo

Vicente Ferrer de Seqr.<sup>a</sup>

Elvas 2 de Junho de 1806

**Documento 11 – Carta a José da Costa e Silva, tratando de vários assuntos e falando da retirada de azulejo da capela, Elvas, 30 de Junho de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 048**

Sr. Joze da Costa e Silva

Na falta de Carta de VM.ce, há dois correios, vou participar-lhe que com efeito começou no dia 25 a tirar-se o azulejo da Capela, e o mais desmanxo, que se pode praticar, o q. melhor pode continuar a vista da Planta, que espero VM.ce me remeta pelo Seguro do Corr.º em seu mesmo Nome, sem hesitar na despeza, porque até mesmo pode deste modo demorar-se mais alguns dias, e entretanto fazer eu abreviar o q. se deve fazer, obrando porem o mais seguro á vista da Planta; fico esperando oucazião do seu agrado, por ser

De VM.ce

Mto. Vn.or e obzeq.zo

Vicente Ferrer. Seq.ra

Elvas 30 de Junho de 1806

**Documento 12 – Carta a José da Costa e Silva sobre a construção da Igreja, Villa Viçosa, 15 de Agosto de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 70**

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Estimo que fizese a sua jornada com felis sucesso, e q. achase todas as suas ? boas, e todas as mais pessoas de sua caza, eu cá vou passando bastantem.te incomodado e tenho estranhado a m.ta falta da sua comp.<sup>a</sup> pois me vejo só de dia e de noite, ainda de dia paço intertido com a Obra q. segundo o meu genio não a dezamparo e sou o primeiro q. nella

apareço, he preciso q. assim o faça para se adiantar mais alguma couza, ainda q. nem os ofeciaes, nem a mesma obra ajudão a adiantarse quanto eu dezejo ; a Obra vai continuando como VM.ce vio estão já emligidas as duas Capellas da parte da Capella do Sacram.to o nervo q. há entre ellas ficará galgada esta semana athé a emposta, e já fica emligido athé aos arcos, e se vai assentando a cantaria do Socolo , o arco grande está acabado, e os mesmos ofeciaes os passei a rasgar aporta para o Coro, e se acha já quase pronta, e só lhe falta os alizadores da parte de dentro, a parede do fundo da Igreja já se acha bastantem.te adiantada, mas mandei parar com ella e passei os ofeciaes q. nella andavão para me continuarem com a parede daquela caza escura por me ser m.to nessecária crescela p.<sup>a</sup> encontro da parede da Igreja e de outras mais, pois me tenho visto m.to aflito com tanta taipa e cada vez vai aparecendo mais a onde menos esperava de maneira, q. fui obrigado a mandar cortar alguns pinheiros á tapada para escurar a parede da Igreja, considere VM.ce o q.to me costaria pôr as escoras sem aparelhos nessecarios ainda quis D.s achar hum cabo com q. se tirou o Sino da Cova q. me servio de muito, porem consegui polas com m.to custo, pois não se acha senão taipa, pedra e terra e alguns bocados de pedra e cal q. eu não sei como se sustentava em pé, de maneira q. meteu medo ao Mestre e a mim não menos, considerando q. se viesse alguma chuva vinha toda aterra e o meu empenho todo he crescer com todas as paredes da parte das Tribunas para me poder cobrir e se virem de encontro a mesma Igreja, mas não tenho gente com quem o faça e só me acho com trabalhadores, a escada do Principe está parada por q. não tenho ofeciaes de pedreiro p.<sup>a</sup> ella, e só se achão nesta obra sete ofeciaes e os mais tem abalado, e entre eles a penas averá dois outros q. saibão trabalhar alguma couza, aqui chegarão quarta feira de tarde huns poucos acompanhados de hum cabo como he costume, mas primeiro q. tudo perguntarão q.to avião ganhar respondeulhe Felipe Neri q. três tostoens voltarão logo forão-se embora, e disseram q. o General os mandava mas se lhe não pagarem conforme eles costumavam a ganhar q. se retirasem, eu não creyo q. o General tal disesi, porem eles assim o afirmarão, de tudo se madou dar parte a Vicente Ferreira efico esperando pelas providencias w se elle me não manda os ofeciaes q. me são precisos não se faz a obra p.<sup>a</sup> o tempo e ainda assim será m.to costozo pella dificuldade por q. nem a obra nem os ofeciaes ajudarão ao adiantam.to della, isto segundo o meu genio me estou ralando de dia e de noite. E das providencias q. me derem avisarei a VM.ce.

Façame o favor de me recomendar ao S.r Joaq.m Joze de Azevedo meu comp.e certificandolhe q. o estimo m.to e lhe dezejo m.ta saúde e felicidades a toda a sua família.



Muitas lembranças ao S.r Guilherme, e ao S.r Joze João e ao S.r João Paulo e ao nosso amigo Roque q. eu cá vou comendo as sopas de bacalhão q. elle tanto gostava.

Villa Viçozaa 15 de Agosto de 1806

De VM.ce O mais fiel amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayão

**Documento 13 – Carta a José da Costa e Silva, e como deverá chegar determinado material, Vila Viçosa, 29 de Agosto de 1806 – Manuscrito I-3, 35, 72 (documento sem leitura)**

Recebi a sua Carta de 21 do corrente mês e ? m.to pella certeza q. nella me da da sua boa saúde, eu graças a D.s vou passando menos mal, com m.to trabalho e q. cada ves se vão aumentando mais.

A nossa Obra vai adiantandose q.to he pocivel, os Arcos das Capellas já se vão fechando, e me parece q. por toda esta Semana q, vem ficarão fechados, as duas portas da Igreja estão já a sentadas, e a q. entra p.<sup>a</sup> a Sacristia está acabada de todo, e todo o lado da Igreja desta parte se acha já m.to adiantado e em partes já galgado com [?], o outro lado [? ? ? ?] atrazado por [? ?] tem avido, a parede do fundo da Igreja está completa, a abobada desde [? ?] e a dos arcos athé a parede do fundo já está toda deitada abaixo e parte das paredes deitadas por q. não as achei capazes de poder [? ?] a abobada nova por q. [? ?] toda he feita de pedra e [?] conseguir este [?] o tenho mandado fazer ao haver desembargo, p.<sup>a</sup> poderem trabalhar os ofeciaes dentro da Igreja, os ofeciaes q. acabarão o arco grande, e a porta q. entra p.<sup>a</sup> o Coro os mandei meter a Simalha da Igreja já hum e outra parte, p.<sup>a</sup> servir de [?] p.<sup>a</sup> todos, [?] em principiar a desbastar as [?] q. há no teto p.<sup>a</sup> nellas se meter a moldura q. VM.ce detriminou, não se pode [?], por q. [?] fachas são formadas depois da abobada feita, portanto mexendo em hum tijolo vem tudo abaixo, de maneira q. mandei suspender, e o meu parecer he, visto querer o Princepe [? ? ?] antiguidades daquelle teto he não se lhe mecher nem [? ?] pintura eu mando picar, pois temo q. com as paredes venha desapegando as fachas e caião na cabeça, e VM.ce maneme dizer se he do mesmo [? ? ?] Escada do Princepe já mandei escorar os Madeiram.tos vai se desmanchando a parede de entre meyo e ao mesmo tempo se vai fazendo a escada de madeira, q. já se acha bastantem.te adiantada, no q. respeita a Caza do Tribuna, o Coreto

ainda não tenho nada feito sem que se acabe com os desmanchos e há [? ? ?] todos m.to  
[...] – sem leitura.

Villa Viçozaa 29 de Agosto de 1806

Manoel Caet.º da S.<sup>a</sup> Gayão

**Documento 14 – Carta a José da Costa e Silva, sobre os arcos laterais e tratando da abobada e coro da capela, Elvas, 1 de Setembro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 054**

Ill.mo Sr. Joze da Costa e Silva

Meu Amigo e Sr. Chega de V.<sup>a</sup> V.za permitindome só o tempo certificará V.S.<sup>a</sup> que recebi a sua Carta, sentindo que experimente algum incomodo de resultar de [?], e de todo o dezejo livre, e na melhor saúde para dispôr da minha obediência.

Hoje ficarão fixados os 4 Arcos das Capelas lateraes, e se cuiida em desmanchar os antigos, que erão no Arco [? ?] parce o que forma a quadratura, [? ? ? ?] crescido, dispondo-se tão bem a formar as Lunetas para tecer-se a Abobada do Chôro; e se seguem os mais desmanchos que assim tem enfadado pela poeira embaraçar o trabalho, q. athé fiz na hora de Almoço e Sésta neste exercício, para aproveitar as mais horas de trabalho.

Com a pedra, que veio de burnir me parece temos bastante; mas se assim não acontecer, avizarei para vir o resto que lá ficou.

Avizarei toda a ocazião em que passe que sou

De V.<sup>a</sup>.S.<sup>a</sup>

Mayor ven.or e S.<sup>o</sup> obzeq.zo

Vicente Ferrer Seqr.<sup>a</sup>

Elvas 1º de Set. 1806

**Documento 15 – Carta a José da Costa e Silva, e como deverá chegar determinado material, Vila Viçosa, 1 de Setembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 73**

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Remeto a VM.ce aforma da platibanda do Coreto dos Muzicos e nella verá os ornamentos de talha q. me parece deve levar, e mandalas fazer, e q. venhão já douradas,

o florão do meyo tem hum palmo do diâmetro, os pilares tem meyo palmo de largo, e tem seu refondido, a porporção mandará VM.ce fazer os fastoens, os florens pequenos os mandará fazer governandose pela [?] por q. mando aparelhar amadeira, justam.te por hum dezenho q. me cá fica como esse q. lhe remeto e se tiver alguma couza q. em mendar mandamo dizer atempo, a platibanda da Tribuna do Princepe he semelhante a esta, com a diferença q. os pilares não tornarão athé sima e as Almofadas do meyo ficão quadradas sem ter os cantos cortados p.<sup>a</sup> não levar os florens pequenos e só levar o florão do meyo, q. deve ser do mesmo tamanho pode tambem não levar os florens, por q. como esta vai estar coberta não nescecita de tanta talha, a outra Tribuna seguirei a mesma forma levando sempre o florão do meyo e tudo o mais q. a este respeito VM.ce quizer acrescentar ou diminuir mandamo dizer atempo pois fico já mandando aprontar madeiras p.<sup>a</sup> dar q. fazer aos ofeciaes. Não lhe poço encarecer o adiantamento em q. vay a nossa obra por q. tenho desposto de maneira o modo de se trabalhar q. cada dia se aumenta tanto q. tem feito admirar, e me parece q. se acabará mais breve q. eu pençava, aqui esteve Vicente Ferreira estres tres dias de Feira e se admirou da obra estar tao adiantada, elle tem dado todas as providencias q.tas sao precisas com m.ta prontidão e libaralidade, lembrandose elle mesmo tudo quanto poderá vir a ser preciso ainda mesmo p.<sup>a</sup> os estucadores e pintores, pedindome relação de tudo p.<sup>a</sup> se comprar na feira, toda a madeira q. apareceu, mandou embargar e a comprou, pregos e tudo o mais q. lhe diserão era preciso e conheco nelle tanto gosto na obra, q. está por tudo q.to lhe disserem p.<sup>a</sup> aumento da mesma obra, hoje se retirou p.<sup>a</sup> Elvas e me deixou recomendado q. tudo q.to fose preciso p.<sup>a</sup> o adiantam.to da obra q. lho mandase dizer.

Os Arco das Capellas ficão hoje todos fechados q. com bastante custo se tem conseguido, ficase principiando a fechar, a Tribuna dos Muzicos q. tem dado bastante trabalho por ser muito larga, a tudo o mais a proporção vai adiantandose, amanhã ou depois, principiu com a Tribuna do Princepe e me parece q. por toda a Semana q. vem ficará completa, e talves parte da abobada com as duas lonetas, nestes termos VM.ce vá fazendo aprontar tudo q.to hade vir de Lisboa por q. me parece q. a obra se ade acabar mais breve q. se esperava pois eu não descanço hum só instante, remeto a configuração do Sacrario pequeno, o outro ainda não me tem sido pocivel vello porq. Humas veze estão no coro outras vezes está a Igreja fechda e por outro correyo lhe mandarei.

Dezejo q. disfrute huma perfeita saúde e todas as suas

Villa Viçosa 1 de Setembro de 1806

De VM.ce

Seu mayor amigo e obrigado

Manoel Caet.º da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 16 – Carta da José da Costa e Silva, sobre o termino da obra, e referindo-se a construção da Tribuna do Principe, coreto e janelas, Vila Viçosa, 12 de Setembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 074**

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Remeto a VM.ce a medida do Sacrario, q. pouco mayor he q. o outro como cerá na configuração, e juntam.te a medida de hum dos paineis do teto da Igreja; a obra da Igreja ja esta completa athé o Coreto dos Muzicos, e o resto vai se aprontando com todo o cuidado, afim de escapar ao Inverno porem pareceme q. he de balde toda a minha diligencia por q. o sitio aonde vai a Tribuna do Principe tem sido m.to trabalhadora, por q. como o nembro entre a Tribuna e a Janela he m.to estreito, mandei fazelo de Cantaria em torco bem galiada p.<sup>a</sup> poder com o pezo da Abobada, isto fas com q. senão poça adiantar tao depreça como a outra parte oposta q. já tem a Janella asentada e a parede está quaze galgada com as ombreiras; Esta semana dei principio as paredes, da Tribuna, Coreto, e corredor dos Muzicos, ejá estão galgadas com o plano, a escada do Principe segunda feira se principia a crescer as paredes, os degrão e tudo o mais de madeira pertencente a escada está quaze pronta, s bancos da quadratura mandei devidir toda a estenção em tres bancos como se tinha tratado porem dou a cada hum deles 7 palmos não tenho armado senão os primeiros dois e o terceiro, espero q. VM.ce me mande dizer se que q. seja do mesmo comprim.to dos outros q. vem afazer estenção de 21 palmo e me parece m.to bastante comprim.to p.<sup>a</sup> acomodar oito Conegos por banda.

Fico esperando as suas ordens, e a certeza de q. passe bem e toda a sua família como lhe dezejo.

Villa Viçosa 12 de Setembro de 1806

De VM.ce

Seu mayor amigo e obrigado

Manoel Caet.º da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 17 – Carta a José da Costa e Silva, sobre o chamado de outros operários para a obra e o inicio dos alicerces, Vila Viçosa, 3 de Outubro de 1806 –**  
Manuscrito I-3, 25, 076

Respondido em 16 de Outubro de 1806

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Segunda feira, sube q. Vicente Ferreira não vinha como tinha determinado, Resolvi sem esperar mais nada, e mandei chamar o M.e Canteiro, q. tinha feito o arco de empreitada, e o enconbi de toda a obra de Cantaria, e o mesmo fiz a hum Carpinteiro q. achei mas capax, e dise a Felipe Nero q. mandase chamar o M.e Pedreiro do Paço p.<sup>a</sup> o encarregar da obra de pedreiro, em q.to o Mestre não melhorava, e q. mandase dizer a Vicente Ferreira desra minha Rexulção, e se nisto tivesse alguma duvida, eu responderia a todo o tempo; com efeito não teve duvida nenhuma, e aprovou tudo, mas julgo q. isto fex com q. se rezolvese a mandar o M.e na sua rege q. aqui chegou hoje ainda pouco restabalecido.

A Obra vai adiantandose q.to he pocivel, o lado de fronte das tribunas já se acha galgado na sua Altura com as lonetas de Cantaria metidas, e o avançam.to p.<sup>a</sup> a abobada, e só lhe falta pôr a simalha da parte de fora; às Capellas já lhe mandei tirar o miollo da parede Velha, e se vão goarnecendo, o Coreto dos muzicos já está fechado o arco da bouca, q. bem trabalho tem dado e se vai encontrando a abobada Velha com pedra e cal, porq. Estava carregada com emtulho deitado a cestos, a tribuna do Princepe hoje se principiou a sentar os alizares e se cuida em fechar os arcos da bouca, e com brevidade se principiará a fazer a abobada.

A Escada do Princepe continua a crescer as paredes e vai m.to adiantada, o Corredor q. dá serventia ao Coreto já está acabado e fechado de abobada e se vai goarnecendo.

Dezejo q. disfrute huma perfeita saude e toda a sua família, eu graças a D.s fico bem e mais alguma couza descansado. Lembranças a todos os amigos.

Villa Viçosa 3 de Outubro de 1806

De VM.ce

Am.o m.to obrigado,

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 18 – Carta a José da Costa e Silva, sobre o corte de vidros e trabalho na abobada, Elvas, 20 de Outubro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 060**

Respondida em 26 do C.e mez e anno

Ill.mo Sr. Joze da Costa e Silva

Com huma Carta, q.e hoje recbo de V.S.<sup>a</sup> me socega o cuidado, que me dava a falta de suas respostas, alegrando-me q. V.S.<sup>a</sup> tenha gozado a saúde, que sempre lhe dezejo.

O numero d’Estucadores, ou outros quaisquer opperarios, que devão dahi vir, he que eu torno a preguntar a V.S.<sup>a</sup>.

Tenho noticia de que aqui haverá quem corte os virdros, e quando assim se não verifique, avizarei para que de lá venha quem execute esta opperação.

A demora, que exige a escassez do gêsso, parece-me q. bem se irá vencendo com a que este tempo xuvozo cauza na obra, exigindo primeiro cobrir-se o lugar d’abobada, para esta se haver de construir.

Satisfarei com as medidas dos vidros, como V.S.<sup>a</sup> me recomenda. Fico com prompta vontade p.<sup>a</sup> o que possa mostrar que sou

De V.S.<sup>a</sup>

Mto vn.or obzeq.zo

Vicente Ferrer Seqr.<sup>a</sup>

Elvas 20 d’Obr.º 1806.

**Documento 19 – Carta a José da Costa e Silva, sobre o trabalho no telhado, na abobada e em outras partes da construção, Elvas, 27 de Outubro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 061**

Respondida em 2 de Novembro de 1806

Ill.mo Sr. Joze da Costa e Silva

Pela Carta, que recebo de V.S.<sup>a</sup> fico instruído dos preços do vidro, fazendo a precisa indagação e Dilig.<sup>a</sup> para que venhão de Leiria em direitura a V.<sup>a</sup>V.za, daqui temos quem os corte.



Diga V.S.<sup>a</sup> alguma couza do que passou em Mafra, se ali se falou na nossa obra, com quem, e o que a este respeito se tratasse, e se tãobem falou ao Sr. Conde; porq.e depois de V.S.<sup>a</sup> recolher de V.<sup>a</sup> V.za não lhe havia aparecido, q.e assim me constou. Hontem, e hoje tem estado dias agradáveis, o que concorre para se adiantar o telhado sobre a abobada, q.e hé agora o principal afér. A estada dos Quartos de S.A. já tem a Caxa formada, e portanto no primeiro andar alto e vai seguindo. Continua V.S.<sup>a</sup> a gozar perfeita saúde, que lhe dezejo, porque sou

De V<sup>a</sup>S<sup>a</sup>

Mto vn.or e obzeq.zo

Vicente Ferrer Seqr.<sup>a</sup>

Elvas, 27 d'Obr.<sup>o</sup> 1806

**Documento 20 – Carta a José da Costa e Silva, tratando de vários assuntos e da cobertura do telhado da igreja, Elvas, 10 de Novembro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 064**

Respondida em 20 de Novembro de 1806

Ill.mo Sr. Joze da Costa e Silva

Tenho que responder a esta Carta que hoje recebi de V.S.<sup>a</sup> de 9 do corrente, e outra de 2 do mesmo, q. recebi no Correio passado; e vendo que a demora de V.S.<sup>a</sup> teve de responder-me procedeo de molesstia de huma constipação, sinto muito q. tivesse este incomodo, e agora estimo o seu restabelecimento, e eu tãobem depois de recolher de V.<sup>a</sup> V.za tenho padecido huma grande defluxão.

Hoje remeti duas arrobas de grude p.<sup>a</sup> V.<sup>a</sup> V.za, e já havia ido outra todo p.<sup>a</sup> os Carpint.os e agora mandei averiguar o que mais aparecia, e se me diz que haverá de 3 athé 4 arrobas e o preço hé de 3:400 r.s athé 3:600; e daqui algum parta p.<sup>a</sup> V.<sup>a</sup> V.za, que poderá custar athé 240 por arroba; e com esta informação me dirá V.S.<sup>a</sup> se o devo comprar, ou se fizer melhor conta vir de Lisboa, tanto pelo preço, como pela porção, porque sendo assim mais útil, desporá V.S.<sup>a</sup> mandalo pelo Almocreve a porção, q.e intender, que se haverá de ganhar, e p.<sup>a</sup> mais segurança me dirá se devo comprar de prevenção, aqui tão bem.

Hé acertado q.e venha a pedra de burnir, q.e lá ficou para mais segundo o gasto, q.e deve ter, visto que tãobem serve de pulir a escayola, e por este uzo hé bem lembrada desta prevenção, e eu examinarei a que existe da outra p.<sup>a</sup> informar a V-S-<sup>a</sup> a fim de regular se basta, ou deve vir mais.

Está coberto o telhado da Igreja pela noticia que hontem tive, e talvez q.hoje ou amanhã se começa o Arco da quadratura, seguindo-se no modo possível o trabalho n'abobada, que pode ser venha a ficar-se na Semana seguinte.

Tãobem he chegada já a caixa da escada ao telhado, e vai este a romper-se para o que sobre elles deve crescer.

Se tiverem vindo madeiras novas, me avize V.S.<sup>a</sup> dos preços e qualidades.

Fico ao dispor de V.S.<sup>a</sup> como seu

De V.S.<sup>a</sup>

Mayor vn.or e S.<sup>o</sup> obzeq.zo

Vicente Ferrer Seqr.<sup>a</sup>

Elvas 10 de Nbr.<sup>o</sup> 1806

**Documento 21 – Carta a José da Costa e Silva, sobre o trabalho da igreja e o material recebido, Vila Viçosa, 14 de Novembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 079**

Respondida em 20 de Novembro de 1806

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Amanhã Sabado fica acabado o Tilhado da Igreja e tambem o da Caza da Tribuna do Principe, e segunda feira se principia a fasquiar, e só falta cobrir o Coreto dos Muzicos, e o corredor q. dá entrada a Tribuna porem já está canbotiado e se vai se fasquiando, a abobada principiose a fazer Segunda feira, e trabalhão nella doze ofeciaes já se acha huma grande porção feita, e parece me q. por toda a semana q. vem ficará pronta e acabada, nestes termos parece me q. athé o fim deste mês devem cá ficar os estucadores e tudo o mais q. for preciso p.<sup>a</sup> eles trabalharem, dezejo m.to q. VM.ce venha juntam.te por q. tenho algumas couzas q. com ferir com VM.ce e só a vista poderemos falar, tambem dezejo saber se o Docel do Principe em altura determinada ou como me devo governar p.<sup>a</sup> meter humas pedras na parede com escapolas chumbadas p.<sup>a</sup> se poder armar, e se leva degrãos e quantos são, e o tamanho deles, e do Docel. As Tintas e Oleo q. me manda dizer

na sua Carta de 13 deste mês ainda cá não chegarão, julgo q. não tem ainda tempo. O pó de pedra p.<sup>a</sup> o estuque já está huma grande porção feita e vai se continuando. Cá fico aprontado o quartel p.<sup>a</sup> os Estucadores com barras e tudo o mais q. VM.ce quizer q. cá lhe apronta mandemo dizer.

Dezejo q. lhe asista huma perfeita Saude e a todas as suas manas, Muitas recomendações a todos os amigos.

Villa Viçosa 14 de Nob.ro de 1806

De VM.ce

Muito seu amigo e obrigado,

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 22 – Carta a José da Costa e Silva, sobre a pintura das paredes e da abobada da Igreja, Vila Viçosa, 21 de Novembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 080**

Respond.<sup>a</sup> em 26 de Novembro de 1806

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Vejo o q. me diz na sua Carta de 20 do Corrente a respeito dos Estucadores estimaria m.to q. vm.ce viesse com eles p.<sup>a</sup> lhe detreminar como avia de ser feira a ? e as cores q. deve ter, asim nas paredes da Igreja como na abobada, e as pinturas q. devem levar, porem no cazo q. não possa vir juntam.te com eles, VM.ce lhes detremine a forma como andem fazer o Estuque e as pinturas na abobada velha e q. venhão eles bem insaiados do q. devem fazer, por q. eu a esse resp.to nada lhes poço dizer.

As encomendas q. VM.ce mandou pelo Almocreve aqui chegarão segunda feira.

A resp.to da Caza do Thezouro nada se tem feito, por q. toda a gente está aplicada na Obra da Igreja ainda q. eu a quizesse principiar p.<sup>a</sup> ser acabada ao mesmo tempo q. a Igreja não podia ser por falta de gente, e como o Princepe hade vir às festas da Semana Santa remedeiarse elles com a Caza doThezouro velho, e de pois do Princepe se hir embora antão se fará com mais descanço e menos despeza e asim tem a sentado Vicente F.ra e elle quer q. seja d'abobada e para isso não se podem aproveitar as mesmas paredes, e devem seroutras mais grossas, à porporção da sua largura por tanto deve-se fazer como de novo principiando dos alicerces, e he o q. lhe poço dizer a este resp.to e se VM.ce quer q. se dê principio, sem embargo de se não poder acabar antes q. o Princepe venha

mandemo dizer por q. quando acabar a mayor força da Igreja aplico a gente p.<sup>a</sup> lá pore  
vamo-nos meter na mayor força do Inverno q. pouco ou nada se fará.

A abobada acabou-se de se fechar hoje e tudo o mais se vai fazendo com muita  
actividade.

Sinto m.to a morte do Conde de Villa Verde por q. conhecia q. elle não era seu  
inimigo. D.s permita q. a outro q. vier seja da sua amizade. Dezejo lhe assista huma  
perfeita saúde e a todas as suas manas,

Villa Viçosa 21 de Nob.ro de 1806

De VM.ce m.to obrigado e am.º

Manoel Caet.º da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 23 – Carta a José da Costa e Silva, a respeito da dependência das  
obras e outros trabalhos, Elvas, 28 de Novembro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 068**

Respondida em 11 de Dezembro de 1806

Ill.mo Sr. Jozé da Costa e Silva

Hoje recebi duas Cartas suas de 23 e 26 do Corrente, e fico esperando q. V.S.<sup>a</sup> me  
escreva na volta, que fizer de Mafra, dandome respostas do que lhe tenho participado  
concernentes ás disposições, e mais dependencias da Obra, sem q. lhe esqueça de mandar  
remeter o que p.<sup>a</sup> ela seja preciso p.<sup>a</sup> os estuques, e mais enfeites, que eu não sei lembrar,  
porq.e ignoro o que se applica nesta manipulação.

Esta Semâna fica coberta a Escada dos Quartos de S.A.R. A guarnição exterior da  
Capela, e suas pertenças vai adiantada, assim como o fasqueado das Tribunas, cuidando  
em se cobrir a dos Muzicos, que hé em q. falta o telhado.

Penso que V.S.<sup>a</sup> se não esquecerá de indicar-me os jornaes, que estabelecesse aos  
Operarios que dahi hão de vir, para o seu Avizo me regular. Fico ao dispôr de V.S.<sup>a</sup>  
desejando-lhe constante saúde, porq. Sou

De V.<sup>a</sup>.S.<sup>a</sup>.

Mais fiel vem.or e obreg.do

Vicente Ferrer de Seq.r<sup>a</sup>

Elvas 28 de Nbr.º 1806

**Documento 24 – Carta a José da Costa e Silva, sobre a cobertura e  
guarnecimento da obra e dando informações referentes ao material, Elvas, 5 de  
Dezembro de 1806 – Manuscrito I-3, 27, 070**

Resp.da em 11 de Dezembro de 1806

Ill.mo Sr. Joze da Costa e Silva

Elvas 5 de Dezbr.º 1806

Agora chego de V.<sup>a</sup> V.za contente de vêr a obra coberta, guarneçada, e caiada no exterior, e prompto tudo no interior para o estuque, esperando os Artifices deste q.já tardão. As duas arrobas de cré, que V.S.<sup>a</sup> me disse havia remetido p.lo almocreve, encontrou-se, que he Alvaídde, e portanto comprei cré p.<sup>a</sup> a massilha dos cidros, q. já se assentão nos caxilhos.

Hoje esperava carta sua, e na falta d'ela, penso que se tem demorado mais em Mafra do que esperava. Tenha V.S. saude, porq. Assim lha dezejo, e disponha da minha vontade; porque sou

De V.S.<sup>a</sup>

M.to fiel vem.or mais obg.º

Vicente Ferrer de Seqr.<sup>a</sup>

**Documento 25 – Carta a José da Costa e Silva, sobre as condições das obras da  
abobada da Igreja, Vila Viçosa, 5 de Dezembro de 1806 – Manuscrito I-3, 25, 081**

Respondida em 11 de Dezembro de 1806

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Remeto a VM.ce a forma da moldura do Docel antigo parece-me q. se não deve uzar della por ser, como vê m.to estreita e he mais curta q. a grade em q. se prega a armação, nestes termos seria bom q. VM.ce mandase fazer outra pelos Entalhadores pellas medidas q. lhe remeto, nessa forma em pequeno, e se lhe parecer mandarlhe fazer ornatos, e a moldura picada p.<sup>a</sup> corresponder a grandeza do retabolo, e vir toda pronta, espeçada como bem lhe parecerm p.<sup>a</sup> cá se armar, recomendolhe q. o mande fazer com m.ta brevidade p.<sup>a</sup>

o poder armar no seu logar a tempo; a forma com q. era armado, não me parece bem por q. era dipirdurado no teto com hum groço varão de ferro, e sobião p.<sup>a</sup> elle por huma escada q. lhe arumavão de maneira q. era hum baloiço com m.to perigo, nesta cozo pareceme q. he melhor fazelo firme na parede do Altar mor com dois vergalhoens de ferro, e nas duas portas de diante levar huns varoens ? q. pasem a abobada e vão prender nas armas do madeiram.to e assim ficará mais firme, e asualhado p.<sup>a</sup> se andar por sima delle sem perigo, a enrada p.<sup>a</sup> elle deve ser por detrás da Capella Mor, p.<sup>a</sup> q. q.do vier o retabolo, fazerce no mesmo huma portinha p.<sup>a</sup> por ali se entrar todas as vezes q. se quizer armar, mas nisto não se ppode fazer nada sem q. primeiro venha o Retabolo p.<sup>a</sup> crescer a parede q. áde cobrir o nicho, e juntam.te saber em q. altura deve ficar o docel, todo este meu parecer he afim de livrar andarem com escadas pello meyo da Igreja q. tudo estronpão.

Remeto juntam.te a largura das coiceiras das portas q. devem levar ferrages doiradas.

A balaustrada q. deve o Corpo da Igreja achua m.to capas de servir, e mandeia raspar, e por pronta p.<sup>a</sup> se pintar e doirar como dantes era.

Mandeme dizer se quer q. mande aparelhar as batibanbas das tribunas e como quer q. seja o aparelho, se a olio, ou a tempera, mas lembreme q. se as molduras andem ser doiradas não ser a olio, julgo q. VM.ce mandará pintar ou doirar p.<sup>a</sup> fazer esta obra por q. o q. cá há são borradores.

A obra esta semana ficará toda pronta por fora e a abobada nova tambem está pronta e rebocada, nella deixei ficar o boraco no meyo das lonetas para a saída do fumo, e tem de diâmetro hum palmo e meyo, o da Capella do Sacramento tambem já está a pedra pronta e com brevidade lha mando pôr, e as outras se vão aprontando, todas com a mesma medida, mas não as mando pôr na abobada velha sem q. VM.ce me diga o lugar em q. andemo ser postas e a quantidade. Não lhe esqueça os florens, e adevirtolhe q. o da Capella do Sacramento ade lhe passar pello meyo o varão que segura o alanpaderio q. elles costumão pássalo asima na Semana Santa ou em dias de lausprene.

Todos os dias espero pella chegada dos Estucadores, p.<sup>a</sup> ver se me aprontão a Igreja com brevidade, por q. não a poço çagiar, nem a sentar o altar mor, por cauza dos pés direitos dos andames e só o poço fazer no fim de tudo.

Dezejo q. disfrute huma perfeita saúde e todas as suas manas. muitas lembranças a todos os amigos.

Villa Viçosa 5 de Dezembro de 1806



De VM.ce

Amigo m.to fiel e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 26 – Carta a José da Costa e Silva, sobre o trabalho de pintura e os alicerces do altar, Vila Viçosa, 2 de Janeiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 083**

Respondida em 8 de Janeiro de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Respondo a sua Carta de 28 de Dezembro vejo o q. me diz a respeito do pintor Manoel da Costa falei ao Almocreve a sua acomodação e me dise q. se poderia acomodar na caza q. servido de [?] , e se lhe não agradase, q. podia hir p.<sup>a</sup> o quarto onde esteve João Lourenço, e tem boas cazas, e boa cozinha, e este me parece m.to bom.

A resp.to da Obra vou acabando tudo q.to posso a Igreja achase pronta, já tem o degrao q. devida a quadratura a sentado, e os dois q. sobem ao presbitério tambem se vão a sentando, mandei abrir o alicerce p.<sup>a</sup> o Altar, e esta semana ficará pronto, as Batibambas já estão postas nos seus lugares, mas sem pintura por q. espero q. as pinte os pintores q. vierem, a caza grande chamada das Tribunas está pronta p.<sup>a</sup> se estucar, estou esperando q. acabe o pintor de engeçar o teto e logo mando estucar de branco, e ao mesmo tempo tenho mandado borriar a cantaria dos portaos desta Caza, e de todas as outras athé ao quarto do Princepe, pois estavam pintadas de branco e m.to sujas, e faço tenção de mandar pintar todas estas portas, não o tenho já feito, por q. há cá só hum pintor já mandei pedir outros a Vicente Ferreira porem ainda não chegou, o Corredor q. dá entrada a Tribuna do Princepe esta semana fica estucado e pronto, o Coreto também está estucado, e só lhe falta parte das paredes, julgo q. esta semana ficará pronto, a Escada do Princepe está pronta de pedreiro, e parte estucada de branco vai se cuidando em asentar a Escada de madeira, julgo q. em breves dias ficará pronta, não tenho ainda mandado tapar as portas de pedra e cal como me ordenou, por q. he couza q. se faz breve, e tem sido preciso abertas p.<sup>a</sup> servir por ali os aviam.tos, porem já se estão fazendo os armários q. ellas andem levar, todos os caxilhos de Vidraça estão postos nos seus lugares com Vidros a exceto as duas Janellas da Igreja por lhe faltarem as grades de ferro, as portas interiores estão a mayor parte a sentadas nos seus lugares e pintadas, e só le falta a ultima demão, o Corredor, ou paçage dos Muzicos está pronta, assim como tambem todas as cazas q. ficão

por baixo da Tribuna e Coreto, e só falta ladrilhalas o q. faço logo q. se acabe de caiiar, a cozinha q. VM.ce determinou se fizesse encostada a Sacristia p.<sup>a</sup> goardar os Calises e ornamentos em dias de função já está quaze pronta, todos os mais biscates q. não são poucos se vão acabando com todo o vigor, esperava ter já tudo acabado q. pertence a pedreiro, se não foce Vicente Ferreira mandar despedir huma grande porção de pedreiros, e os melhores, por q. não erão soldados e ganhavão mais fiquei com menos de metade, não me quis opor nisto por q. vejo q. vai a obra vencida, ainda esta semana queria mandar despedir mais mas nisso he q.eu não consenti, e hera hum grande despropozito.

Os alteres pequenos julgo q. virão feitos juntam.te com os retabolos VM.ce me mandará a medida do comprimento do altar, p.<sup>a</sup> saber o tamanho q. eide dar ao degrao depedra.

Adevirto a VM.ce q. será bom q. mande vir juntam.te huma porção do retalho p.<sup>a</sup> fazer cola, p.<sup>a</sup> se pintar as Batibambas, a balaustrada q. deve o corpo da greja q. ade ser doirada por q. cá não o há, o q. há he retalho dos cortidores de peles, e só serve p.<sup>a</sup> engeçar todas mas para couza ais dilicada não he bom.

Estimo m.to q. tods estas minhas fadigas e trabalho, eu tinha asertado com o seu gosto, e sua vontade, e creiame q. se assim não susceder, he por erro do meu entendimento mas não de vontade, dezejava m.to q. VM.ce viece juntamente com os pintores mas senão poder vir com elles peçolhe q. venha logo depois, p.<sup>a</sup> eu ficar de alguma forma mais aliviado deste degredo no q. me vingo he paciar por esta caza principal.te ao Domingo e dia Santo q. me parece tenho feito hum rego no ladrilho com os pés de tanto paciar de dia e de noite sozinho o q. as vezes me tem vindo a fazer companhia são as [?] p.<sup>a</sup> me [?] atrocida do candieiro, a primeira meteume algum susto, parecendome q. seria couza má, mas depois acauteleime com fechar a Janella de noite. Dezejo q. tenha huma felis saúde e todas as suas manas

Villa Viçosa 2 de Janeiro de 1807

De VM.ce

Seu verdadeiro am.<sup>o</sup> e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 27 – Carta a José da Costa e Silva, sobre as obras do altar mor,  
Vila Viçosa, 16 de Janeiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 084**

Respon.da em 22 de Janeiro e 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Terça feira aqui chegou o Almocreve com o geço e hum homem p.<sup>a</sup> o preparar, cá lhe dei comodo p.<sup>a</sup> elle dormir na mesma acomodação q. tinhamos distinado p.<sup>a</sup> os estucadores.

A obra vai continuando a acabarse, esta semana mandei despedir ofeciaes de Alvineos, e só fiquei com soldados; segundo a vontade do Espetor, q. serão des, ou doze, para acabar alguns restos, e goarnecer algumas paredes, O Altar mor já está asentado, desviado da parede 3 palmos e  $\frac{1}{4}$  servindo-me das mesmas pedras, porem a pedra q. o cobre, he inteiriça tem no lugar da pedra d'Ará huma pedrinha quadrada, dizem q. debaixo d'ella estão reliquias, e os Santos óleos, mas como eu as quero mandar limpar pellos Canteiros tenho rezolvido, mandar chamar alguns padres desta Capella p.<sup>a</sup> elles me tirarem as relíquias, e como o Altar ade ser novam.te sagrado pareceme justo q. o Sacerdote as venha tirar julgo que nisto faço bem e VM.ce me mandará dizer o q. entende.

A escada do Princepe vai-se acabando, e todas as portas do quarto do Princepe as mandei pintar a olio cor de perola, e as almofadas cor de Cana; tinha dezejos de mandar por caixilhos de Vidraça em todas a Janella do quarto do Princepe, p.<sup>a</sup> melhor ? do frio mas como Vicente Ferreira não está cá não as mando fazer sem lhe mandar dar parte. Fico fazendo o Risco do Thezouro. Caza d'Armarios e me parece, p. arazo tudo athé aos alicerces pois de outra forma, não se pode fazer couza capaz por q. não acho se não taipa, e não poço nem devo fazer abobada, e paredes de pedra e cal sobre paredes de taipa, porem p.<sup>a</sup> isto sempre devo dar arte a Vicente Ferreira e o q. elle rezolver avizarei a VM.ce.

Dezejo q. disfrute huma perfeita saúde igual ao seu desejo e q. conheça sempre q.m sou.

Villa Viçosa 16 de Janeiro de 1807

De VM.ce

O mais fiel amigo e obrigado,

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 28 – Carta a José da Costa e Silva, sobre vários assuntos, tratando da chegada de um estucador e de um trabalho no corredor da capela, Vila Viçosa, 26 de Janeiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 085**

Respond.<sup>a</sup> em 29 de Janeiro de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Hoje recebi a sua Carta escrita a 22 do Corrente e me dá a noticia de ter partido hum Estucador, o qual aqui chegou hontem elle me disse q. VM.ce vinha juntam.te com o Pinto e João Paulo porem vejo na sua carta q. me não dá noticia da sua vinda q. eu tanto dezejava, epareceme q. não terei tão sedo este gosto.

Farei tudo quanto me detremina na sua carta emq.to a acomodação do Pintor já está destinando o quarto de João Lourenço, e os outros p.<sup>a</sup> a caza q. já lhe ficou detreminada e João Paulo se não quizer ficar com elles virá p.<sup>a</sup> o nosso quarto.

Vicente Ferreira aqui esteve a semana passada e detreminou q. se fizesse o corredor por detrás da Capella do Santissimo ao qual já se deu principio, e detriminou mais q. se fizesse huma grande caza p.<sup>a</sup> guardar todos os aviamentos da Obra p.<sup>a</sup> ficarem dispijadas as cavalharicas q.do o Principe viesse.

Estimo q. VM.ce tenha saúde perfeita igual a seu dezejo.

Villa Viçosa 26 de Janeiro de 1807

De VM.ce

Seu mayor amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 29 – Carta a José da Costa e Silva, pedindo aviamentos para a construção, Vila Viçosa, 2 de Fevereiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 086**

Respond.<sup>a</sup> em 8 de Fevereiro de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Aqui chegarão o Pintor Manoel da Costa, e João Palo e outros Sabado ao meyo dia, prontam.te lhe fui destinar os seus quarteis, e me parece q. ficarão bem aquartelados, e amanha terça Feira principiarão a diliniar o seu trabalho; porem devo dizer a VM.ce q.

elles Estucadores não poderão ainda principiar a trabalhar sem q. venha a area do rio seco, e mais geço por q. o q. tem vindo não chega, rogo a VM.ce queira enviar estes aviaamentos com toda a brevidade para q. elles não estejam parados.

Adevirto mais q. me faça conduzir os ornatos das Batibanbas e a balaustrada das Janelas q. ficão ao lado da Tribuna p.<sup>a</sup> os assentar nos seus logares antes de fazerem a Escaiola por q. depois he mais deficultozo o seu asento; para outro correio avizarei a VM.ce do mais q. me faltar.

Estimo q. disfrute huma perfeita Saude igual ao seu dezejo.

Villa Viçosa 2 de Fevereiro de 1807

De VM.ce seu mayor amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 30 – Carta a José da Costa e Silva, sobre a vinda de outros operários para as obras da Igreja, Elvas, 6 de Fevereiro de 1807 – Manuscrito I-3, 27, 081**

Respondida a 11 do d.<sup>o</sup> Fever.<sup>o</sup> de 1807

Ill.mo Sr. Joze da Costa e Silva

No dia 2 do corr.te chegou aqui a Carta de V.S.<sup>a</sup> de 29 de Janr.<sup>o</sup> que devia vir no dia 30 do mesmo, e isto bem certo porque se lançou com [?], e [?] de já ter partido o Correio do mesmo dia 29.

Hontem recolhi de V.<sup>a</sup> V.za, deixando efetivam.te trabalhando os Pintores e Estucadores nos quartos de S.A. e na escada nova; porem Manoel da Costa não despensa que vinhão o fingidor Narcizo e o outro Manoel da Silva, e pertende q.e sem falta, ali estejam por toda a semâna, que entra, que finda a 11 do corrente Mez, e elle concordou commigo de avizar a V.S.<sup>a</sup> nesta conformidade, mandando-lhes cartas para os mesmos, e dizendo-lhe suas habalações p.<sup>a</sup> mais de prompto serem avizados; e se eles duvidarem a sai marcha voluntariamente recorra V.S.<sup>a</sup> a quem os obrigue, ainda q. Manoel da Costa me segura que eles concordarão em vir, logo que tivessem avizo; diz-me que a Narcizo tem pago 3200, q. se assim vier que vem barato, a Manoel da Silva diz q. tem pago 1600, e q. se vier por 2400, q. não vem cáro; mas agora faço huma reflexão, qual he: que sendo Narcizo fingidor, e parecendo q. poderá vir pelo mesmo q. dahi ganha, qual a razão porque Manoel da Silva simples pintor se lhe hade augmentar de 1600 a 2400. E com este principio quererá jornada proporcionada Narcizo, [?] ser do [?] daquele, que lhe he

inferior, quando alias este he que deveria seguir o exemplo do outro; porem eu tãobem os considero precizos, porq. Os daqui não prehenchem a idéa de Manoel da Costa, nem eu consinto que se trabalhe contra a mesma, para me não fazer cargo este consentimento. Quem mo conta fez-lhe espanto o que está feito, [? ? ?] que trabalhar [? ?] a respeito do q. V.S.<sup>a</sup> lhe propôs p.<sup>a</sup> o que tinha que empregar-se.

As escaputas do [?], que virão são poucas, e mais bem devem sobrar do que faltar.

Remeto aqui huma Cópia da Relação dos gastos que fez João Paulo na viagem p.<sup>a</sup> V.<sup>a</sup> V.za p.<sup>a</sup> que a V.S.<sup>a</sup> devida na dívida, q. exponho na dita Cópia o pagamento q. devo praticar. Concluo esta, oferecendo-me para servir a V.S.<sup>a</sup>, e dezejando-lhe muita perfeita saúde porq. Sou

De V.S.<sup>a</sup>

Mayor vem.or e S.<sup>o</sup> obg.mo

Vicente Ferrer de Seqr.<sup>a</sup>

**Documento 31 – Carta a José da Costa e Silva, a respeito da vinda de operários pintor, fundador e técnico de órgão, Elvas, 16 de Fevereiro – Manuscrito I-3, 27, 084**

Respond.<sup>a</sup> em 18 de Fever.<sup>o</sup> de 1807

Ill.mo Sr. Jozé da Costa e Silva

Hoje esperava Carta de V.S.<sup>a</sup> para saber por ela se com effeito havião partido hontem o Pintor Narcizo Jozé, e o Fingidor Manoel da Silva, como me ensinuava na sua de 11, e para saber o dia, em que começou o seu vencim.to. Tãobem V.S.<sup>a</sup> me diz na mesma que lhe parece que no mesmo dia marchava o Organeiro Antonio Xavier Machado, o que hé bem provavel que ele se não demore, porq. Eu assim expuz ao Ill.mo Sr. João Diogo ser necessario, e penso que nada deverei contribuir a este Artista, por vir mandado por S.A., e assim meso aconteeo quando veio desmanchar o órgão.

A'manhã passo a V.<sup>a</sup> V.xa, e em recolha exporei a V.S.<sup>a</sup> o que deva participai-lhe da obra; entre tanto disponha V.S.<sup>a</sup> da fiel vont.e p.<sup>a</sup> agradecer-lhe, por ser

De V.S.<sup>a</sup>

Mayor vn.or e S.<sup>o</sup> obzeq.zo

Vicente Ferrer de Seqr.<sup>a</sup>



Elvas 16 de Fever.º 1807

**Documento 32 – Carta a José da Costa e Silva, sobre operários pintores para a obra, Vila Viçosa, 23 de Fevereiro de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 088**

Respondida em 26 de Fevereiro de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Na sua Carta de 18 de Fev.ro vejo o q. me diz a resp.to do Pintor João Thomaz, antes de receber a sua carta tinha o Inspector falado com migo a resp.to do Narcizo e me disse, q. visse eu a forma como se podia mandar embora o mais breve q. podese; sucede agora q. o Narcizo quer hir se embora juntam.te q.do for o Machado, e dá por desculpa, q. não passa bem e tem estranhado m.to os ares desta terra nestes termos eu não o embarço, visto a vontade do Inspector e p.<sup>a</sup> prova lhe remeto huma carta q. hoje delle recebi, a qual lhe servirá m.to p.<sup>a</sup> com mais serteza se desculpar com o seu am.º, e o mesmo Inspector me dise q. não queria mais pintores de Lx.<sup>a</sup>, isto he no caso de não haver hordem p.<sup>a</sup> se acabar em tempo detreminado, por q. antão se pediria a gente q. fosse precisa.

A resp.to da Obra não tenho q. lhe dizer mais q. está entrege na mão dos Pintores, elles vão trabalhando q.to lhe he pocivel, a Camara do Princepe está quaze pronta, e o gavinete emediato, juntam.te estão com o tetto da Escada q. brevem.te ficará acabado, e continuarão com as paredes, o tetto da Igreja já tem algumas molduras feitas de geço e tudo o mais se vai acabando. A semana passada dei principio por ordem do Inspector a huma Caza de arrecadação ou armazém p.<sup>a</sup> goardar as madeiras, e [?] de todos os materiais da Obra cuja caza tem de Comp.do 140 palmos e 45 do Largo e já vai m.to adiantada, o Corredor de paçage por detrás da Capella do Santissimo está quaze pronto. He o q.to lhe poço dizer presentemente a resp.to da Obra.

Dezejo q. disfrute huma perfeita saúde como lhe dezejo e a toda a sua família.

Villa Viçosa 23 de Fevereiro de 1807

De VM.ce

Seu verdad.ro amigo

Manoel Caet.º da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 33 – Carta a José da Costa e Silva, sobre despesas com operários e preços de diárias, Elvas, 6 de Março de 1807 – Manuscrito I-3, 27, 088 (sem leitura)**

Respondida em 12 de Março de 1807

Ill.mo Sr. Jozé da Costa e Silva

Agora, que chego de V.<sup>a</sup> V.za recebo a Carta de V.S.<sup>a</sup> do 1º do corr.e, em que me participa marchava no dia seguinte para Mafra, e q. em recolhendo me instruía do que ali tratasse a respeito da obra, e do mais q. eu lhe tenho exposto pertinente a ella; e visto que o Sr. João Diogo diz não ter recebido as minhas Cartas, sirva-se V.S.<sup>a</sup> mandar examinar no Seguro do Corr.º se nele existir Ainda as duas, q. lhe dirigi no Mez de Janeiro, p.<sup>a</sup> com este passo desfazermos o encalho, em que parece tem estado retido.

Hoje marchou Antonio Xavier Machado, e o seu Official Thomaz, e juntam.te com eles Narcizo Jozé, e este, e o d.º Thomáz vão pagos athé o dia da chegada [? ?] pagasse ao Machado a despeza que fez na viage para V.<sup>a</sup> V.za e quisesse elle tãobem lhe [? ?] despeza, q. agora [?] nas pousadas na sua vinda lhe disse que a cobrasse de V.S.<sup>a</sup> [?] cá na sua chegada he se podia saber a importância que [? ? ?] excepto da Calessa, q. o vai conduzir, porque esta logo ali a paguei ao Caleciro. O pintor Manoel da Costa quer mais mil e seiscentos por dia, e com embargo de que elle já leve resp.ta de V.S.<sup>a</sup> respectiva a esta pretenção, encarreguei-me eu movam.te d'ella p.<sup>a</sup> dizer-lhe o que a este respeito rezultar deste avizo, que faço a V.S.<sup>a</sup>; e eu com mais satisfação [?] sua proposta; se elle mostrasse mais [?] adiantamento da pintura nem que no tempo que [? ?] hé expedita; mas tãobem nesta bem pago está.

Manoel Caetâno está agoniado por não terem vindo os Retabulos, porque assentando estes tem mais [?] adiantam.to de obra [?] razão de se começar agora estucar pela Capela Mór, para quando chegar ao lugar da Tribuna de S.A, ficar a mesma tãobem completa [?] como parte do Paço; em que [?] se trabalha p.<sup>a</sup> [...]

(sem leitura)

De V.S.<sup>a</sup>

Mayor vem.or e mais obg.º

Vicente Ferrer de Seqr.<sup>a</sup>

Elvas 6 de Mar.ço 1807

**Documento 34 – Carta a José da Costa e Silva, tratando de vários trabalhos da construção da igreja, Vila Viçosa, 13 de Março de 1807 – Manuscrito I-3, 25, 089**

Respondida ao 22 de de Março de 1807

Snr. Joze da Costa e Silva

Estimo q. disfrute huma perfeita saúde igual ao seu dezejo.

Em q.to ao estado da Obra não tenho q. dizer se não q. está entregue na mão dos Pintores, e Estucadores, e agora he q. parece q. se não adianta nada, porem com estes poucos se vai trabalhando q.to he pocivel, os quartos do Princepe estão quaze prontos, o teto da Escada está acabado, tambem se vay acabando o tetto do gavinete do despacho e juntam.te se vai aparelhando as paredes do mesmo q. tambem são pintadas o tetto da Igreja tambem se vaiadiantando tudo q.to pertence a Estuque e já se vê alguma couza feita, menos de pintura, por q. M.el da Costa ainda não tem tido oucazião e só tem copiado os ornatos da Caixas do tetto da Igreja antiga.

Quando chegar o Almocreve remeterei a VM.ce a forma dos florens p.<sup>a</sup> o tetto da Igreja por q. absolutam.te não podem ser de Estuque e não devem ser se não feito de folha de Cobre p.<sup>a</sup> se dourarem como tínhamos ajustado de principio.

Ao fazer desta recebi a sua Carta de 12 do Corrente vejo q. me diz a respeito da correspondência q. quer de fronte da Tribuna de S. A. Creyo q. se não pode fazer mais q. fingir o arco igual ao da Tribuna, por q. as Janellas q. lhe ficão ao lado já tem correspondência q. he para onde andem servir o vidros de Espelho q. vierão.

Em q.toas Batibanbas serem ornadas com igualdade eu todas as mandei fazer por huma mesma forma a qual eu lhe remeti p.<sup>a</sup> VM.ce mandar fazer os ornatos, da Tribuna de S. A. E coreto dos Muzicos e os mesmos ornatos pode VM.ce mandar fazer p.<sup>a</sup> as outras, eu lhe mandarei o papelinho com as divizoens q. me manda pedir, e tudo o mais q. me ordena.

Villa Viçosa 12 de Março de 1807

De VM.ce

Seu verdadeiro amigo

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 35 – Carta a José da Costa e Silva, enviando-lhe a planta da tribuna e o risco dos batibandas no coro, Vila Viçosa, 20 de Março de 1807 –**  
Manuscrito I-3, 25, 090

Respondida em 26 de Março de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Remeto a VM.ce a planta da Tribuna de S. A. Como me mandou pedir.

O risco das Batibanbas do Coro, e do Arco fronteiro a Capella do Santissimo p.<sup>a</sup> outra oucazião o mandarei, porem entre tanto pode mandar fazer os fastoens p.<sup>a</sup> os pilares por q. são semelhantes, aos outros, da Tribuna de S. A. E Coreto dos Muzicos, e cada huma das d.as Batibambas tem quatro pilares com a mesma Altura e largura.

A respeito da Obra pouco se tem adiantado de pintura por q. como são poucos não se pode ver m.ta obra feita, M.el da Costa ainda anda com o teto do gavinete de despacho, e não sei se o acabará este mez. Manoel da S.<sup>a</sup> anda acabando de fingir os roda-pés do quarto do S. A. E logo q. acabe vai a escada.

M.el da Costa me dis q. lhe he preciso goma de peixe. VM.ce mandará vir pello Almocreve q. daqui parte hoje oito arrates della e q. seja boa.

Estimo q. disfrute huma perfeita saúde igual ao seu dezejo.

Villa Viçosa 20 de Março de 1807

De VM.ce

O mais amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 36 – Carta a José da Costa e Silva, sobre as obras e informando que os batibandes não levam flores, Vila Viçosa, 30 de Março de 1807 –** Manuscrito I-3, 25, 091

Respondida em 2 de Abril de 1807

Snr. Joze da Costa e Silva

Respondo as suas duas Cartas de 22 e 26 q. ambas recebi em sexta feira de Paixão, no q. respeita aos florens da Igreja, tem João Paulo a sentado serem feitos por hum latoeiro q. trabalha cá na Obra, q. diz se atreve a fazelos.

Em q.to aos ornatos q. VM.ce mandou ainda os não vi por q. estão em caza de Felipe Neri esperase pello Inspector q. hade vir terça feira p.<sup>a</sup> se verem, adevirto a VM.ce q. as Batibambas de Coro, e do Arco de fronte da Capella do Santissimo não pode levar florão ao meyo por q. lhe não fiz logar p.<sup>a</sup> elle e as Almofadas são quadradas e só fiz tenção q. levasesm fastoens nos pilares, tambem as almofadas não tem os cantos quebrados por cujo motivo não podem levar os florens pequenos, mas se VM.ce quizer q. os leve, mandemo dizer p.<sup>a</sup> mandar quebrar os cantos p.<sup>a</sup> se poder por os floreons ainda q. hade custar mais por estarem já a sentados em seu logar remetolhe a forma das suas Batibambas para VM.ce ver.

João Paulo diz q. pode VM.ce suspender a arêa do rio ceco.

A goma de peixe tambem pode VM.ce suspender de mandar mais, athé segundo avizo, por q. M.el da Costa pretendia uxor d'ella em todas as portas, e alizares interiores d quarto do Principe, p.<sup>a</sup> as envernizar depois, porem agora já mudou de projeto, só servirá p.<sup>a</sup> a Escada e Batibambas, nestes termos eu falarei com elle p.<sup>a</sup> ver se será preciso vir mais, e do q. passas avizarei a VM.ce.

Remeto a VM.ce a procuração p.<sup>a</sup> me fazer o favor de a mandar entregar ao Luis Boticario p.<sup>a</sup> elle cobrar o meu quartel quando sahir.

Dezejo q. VM.ce tenha huma perfeita saúde e festas m.to felixes igual ao seu desejo.

Villa Viçosa 30 de Março de 1807

De VM.ce

O mais amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Docuemnto 37 – Carta a José da Costa e Silva, tratando da morosidade das obras por falta de pessoal, Vila Viçosa, 20 de Abril de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 003**

Respondida em 23 de Abril de 1807

Snr. Joze da Costa e Silva

Respondo a VM.ce sobre o adiantamento da Obra o que lhe posso dizer he q. vay m.to pouco adiantada tanto de pintura como de Estuque, mas com pouca gente não se pode fazer m.ta obra o Printor M.el da Costa não se discuida hum só instante pinta elle mais em huma hora q. outros em hum dia, e com a perfeição q. VM.ce sabe, tem já pintado cinco caichas, e está acabando a Sexta, q. cada huma dellas lhe leva tres dias.

A abodada nova está quaze metade pronta, tem levado mais tempo por q. se estrovão em hir meter fundos p.<sup>a</sup> se pintar, esta semana passão elles a meter molduras na abobada Antiga p.<sup>a</sup> adiantar trabalho p.<sup>a</sup> o pintor. João Paulo ainda não principiou a escaiola por q. anda fazendo huns fastoens de loiro q. leva o tetto, e diz elle q. a não principia sem acabar tudo no tetto, eu não me discuido em o perceguir temendo a estravagancia do seu genio, porem contudo tem-me admirado sugeitarse tanto o q. eu não esperava.

A escada de S. A. Tem o teetto e paredes já pintadas e fingidas athé ao plano do Gavinete, e agora se vay pintando daqui p.<sup>a</sup> baixo, fica m.to clara e bonita, e tem agradado a todos q. a vem, mas não pode hir m.to depreça por q. he só M.el da S.<sup>a</sup> q. trabalha nella no tetto tem pintada a figura de Mercurio.

O Gavinete de S. A. Estão os dois na rapaze acabando de guarnecer as paredes, o tetto já está acabado, tem no meyo a fugura da justiça, e fica igualm.te bonito, tem já huma das portas lateraes tapada de pedra e cal como me ordenou estou esperando q. acabem de todo para tapar a outra pois tenho tudo pronto p.<sup>a</sup> esse fim.

Os quartos de S. A. Já se lhe está dando a ultima de mãos cor de perola nas portas, já tem todas as Janellas vidraças, e Inspector como vio q. fazião bom comado as vidraças as mandou tambem por nas Janellas de sima as quaes estão quaze feitas.

O corredor na paçage por detrás da Capella do Santissimo está acabado e pronto de tudo.

A sacristia vai se acabando de guarnecer e logo q. esteja pronta se a sentão os caixoens novos.

Todas as mais couzas pertencentes a Igreja se vão acabando.

A Caza em q. vai a paçage p.<sup>a</sup> S.A. hir a Thezouro já lhe dei principio como já lhe mandei dizer crescendo paredes por huma parte, e desmanchando taipa pella outra, e he o q. poço conformar a VM.ce.

Dezejo q. disfrute huma perfeita saúde igual ao seus desejo.

Villa Viçosa 20 de Abril e 1807

De VM.ce

Seu mayor amigo o meu obrigado

Manoel Caet.º da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 38 – Carta a José da Costa e Silva, sobre a construção de novo púlpito e enviando-lhe a planta, Vila Viçosa, 25 de Maio de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 005**

Respondida em 31 de Mayo de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Como he preciso fazerse hum púlpito novo, por q. o antigo está incapaz de servir, remeto hum risco, no mesmo vai notado com nomeros a altura q. tem da linha do chão ao plano do púlpito, e o diâmetro pella parte interior, não sei se será a sua vontade, VM.ce me fará o favor de o examinar e me mandará fazer alguma couza a este respeito q. com o seu avizo o mandarei fazer.

Vou continuando com os desmanchos do Thezouro, acheio em tal estado q. depois de lhe ter mandado tirar a telha e parte do madeiramento, mandei retirar a gente de sima das paredes e o deitei abaixo à pdrada tal era a sua fortaleza, ao mesmo tempo vou enchendo alguns caboucos.

A pintura da Igreja vai-se fazendo com a mesma diligencia M.el da Costa já tem pintado quinze caixas, e ao mesmo tempo os dois rapazes vão pintando as molduras q. as goarnece, e só lhe falta os floreons q. levão nos cantos, mas estes são de Estuque e ainda não tem nenhum feito, eu não me discuido de emportunar João Paulo pello adiantam.to dos Estuques.

A sacristia já está goarnecida de branco e vai se lhe armando os caixoens novos já estão quaze prontos.

A Escada do S. A. Vai se acabando de intar, e tudo o mais se vai aprontando a porporção.

Dezejo q. disfrute huma perfeita saúde igual ao seu desejo.

Villa Viçosa 25 de Mayo de 1807

De VM.ce

Seu verdadeiro amigo e obrigado

Manoel Caet.º da S.<sup>a</sup> Gayao



**Documento 39 – Carta a José da Costa e Silva, sobre uma planta e o andamento da pintura da igreja, Vila Viçosa, 16 de Junho de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 006**

Respondida em 28 de Junho de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Pello Almocreve Santos remeto hum canudo de folha de flandes com os riscos do Thezouro e a Explicação das plantas, e huma procuração p.<sup>a</sup> VM.ce ma entregar ao Luis Boticario, p.<sup>a</sup> cobrar o meu quartel quando sahir, e façame o favor de lhe dizer q. a não mande reconhecer se não depois da data da mesma procuração p.<sup>a</sup> q. lhe não ponhão alguma duvida.

As plantas vão marcadas com nomeros de penas de lápis, p.<sup>a</sup> VM.ce vos mandar por de tinta, no cazo q. queira uzar delles na forma q. os puz, ou p.<sup>a</sup> os imendar como lhe parecer, na mesma explicação vai huma reflexão minha, a resp.to da Caza de Cabido, como se não tem detreminado sitio, lembro me q. por sima da Caza d'Armarios do Conegos, ficará bem, [?], ou continuando a arcada com dois lances, q. devem ser de madeira, athé vencer a altura do plano, tudo q.to der a [? ?] q. [?] m.to a de ficar [?] o pé direito da Caza dos Armarios.

Peçolhe q. me os examine bem, e tudo [? ?] a achar, q. [?] he da sua vontade, mande-mo logo dizer, p.<sup>a</sup> eu ter tempo de [?], por q. vou continuando sem os caboucos q. já estão quaze todos prontos.

Eu vejo q. VM.ce mostrará os Riscos ao Sr. João Diogo estimarão m.to q. asim o faça, por q. natural.te os levará a sua alteza, p.<sup>a</sup> elle ver athé q. altura chega a obra nova do Thezouro, a q.to emcobre a Torre, p.<sup>a</sup> q. ao depois não fique eu culpado em alguma couza.

A pintura da Igreja vai adiantada, tem já pintado 24 caixas esta semana acabará outra, segunda feira já mandei deitar abaixo hum lance do andaime do teto, p.<sup>a</sup> deixar livre paredes p.<sup>a</sup> João Paulo principiar, com a Escaiola, e brevem.te hirá outro lance, e a porporção q. M.el da Costa for acabando, asim vou desmanchando os andaimes.

A escada particular de S. A. Já está acabada de pintar, estou esperando q. se acabe de dar as almofadas das portas p.<sup>a</sup> se envernizar tudo ao mesmo tempo, e hé o q. lhe falta p.<sup>a</sup> fiar inteiram.te acabada.

VM.ce mandará q.do tiver oucazião doius penachos da china p.<sup>a</sup> sacodir a poeira das pinturas, eu o disse ao Inspector, e elle me ordenou q. lhos mandase pedir.

Não lho esqueça a ferrage, dos caichoens da Sacristia, o Inspector me recomenda, q. diga a VM.ce q. sejam fortes, pareceme q. como já lhe mandei dizer q. seria bom, q. mandava alguma amostra, para elle ver ou escolher.

M.el da S.<sup>a</sup> se retira quarta feira por q. tem acabado tudo, quanto podia fingir, e como agora não há outra couza, senão batibambas, e estas não se podem fazer sem q. primeiro se fação as paredes, não tinha onde se interter, razão porq. [?], o Inspector segundo diz fica m.to satisfeito do trabalho q. elle fez; e a mim me parece q. desempinhou bem a sua obrigação.

Dezejo q. disfrute huma perfeita saúde

Villa Viçosa 19 de Junho de 1807

De VM.ce

Seu mayor am.º e obrigado

Manoel Caet.no da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 40 – Carta a José da Costa e Silva, sobre o número de pedreiros aumentando, falando do avanço da obra para gesso nas paredes, Vila Viçosa, 10 de Julho de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 008**

Respondida em 16 de Julho de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Tudo q.to me dis na sua Carta de 2 de Julho e a ? logo, a João Paulo lhe disser o q. VM.ce me determinou, elle ficou hum pouco agoniado, e quaze dando a entender q. erão cartas q. lhe escreviam em se desabono, ao q. eu lhe disse q. era m.to natural q. VM.ce esperase a noticia de se estar fazendo a Escaiola, e athé apresenta ainda se não tinha principiado, e tambem era provável q. o Inspector lhe escrevese a este respeito, athé lhe dise mais q. seria bom principiar com toda a força este trabalho p.<sup>a</sup> q. q.do o Inspector viesse de Elvas ficase satisfeito de ver q. se fazia diligencia p.<sup>a</sup> se adiantar a obra, aprovou logo o meu dito e athé o presente tem trabalhado com mais actividade, já tem a seu seis ofeciaes de Pedreiro, e segunda feira lhe dou mais dois, o trabalho q. fazem agora, he picar as paredes e meter os fundos de geço e pó de pedra; p.<sup>a</sup> sobre isto se por a Escaiola, já está quaze pronto, tudo q.to vai do Coro thé a primeira Capella, e vai continuando, isto

agora não me dezagrada, asim elle à mais tempo tivesse principiado, o lembrete servio de m.to.

O q. respeita ao Estucador Henrique não me pexa de se ter hido embora por q. agora sei q. o jornal q. ganhava oras mereceu, por q. muitas couzas desmanchou, e tornou a fazer, por ficarem mal feiras, e a massa tão mal temperada q. tudo rachava, e tudo isto se me ocultou, e agora he q. mo dizem.

A Obra do Thezouro vai continuando, a falta de cantaria, faz com q. me não adiante tanto q.to eu dezejo

Estimo q. VM.ce fizese a sua jornada de Runa com saúde e felicidades como eu lhe dezejo.

Villa Viçosa 10 de Julho de 1807

De VM.ce

Seu mayor amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 41 – Carta a José da Costa e Silva, tratando de vários assuntos e dando noticia da chegada de dois estucadores, Vila Viçosa, 14 de Agosto de 1807 –**  
Manuscrito I-3, 26, 012

Respondida ao 20 de Agosto de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Aqui chegou o Almocreve cá recebi hum Canastrel em todas as encomendas q. remeto o frasco do Exp.te vem meyo mandase medir achavãolhe 11 libras e meya.

João Paulo há dias sabe q. o mandão retirar, por q. suas filhas lho mandarão dizer, e q. vinhão outros para o seu logar, e o suberei pello seu criado, elle me tem perguntado se VM.ce me tem mandado dizer alguma couza, porem eu segundo a recomendação q. tenho de VM.ce e do Inspector nada lhe tenho dito, elle tem falado alguma couza segundo o seu genio, e mostrase escandalizado de VM.ce por não lhe ter mandado dizer nada, porem eu o tenho sucegado dizendo q. não será couza sua mas sim do Inspector, q. vendo se não principiava com a Escaiola mandaria vir outros p.<sup>a</sup> se fazer com mais brevidade, elle respondeu q. os q. vem não sabem fazer Escaiola e só sim lustro de Sabão q. segundo o aparelho q. já tem a Igreja ficará tão bom como a Escaiola mas nada me adimira do q.

elle diz, o q. me scandaliza he dizerme elle qq. Falando com M.el da Costa a respeito da sua retirada lhe disera q. se queixase dos seus amigos, dando lhe a intender q. eu era culpado de sua retirada e lhe disse mais q. se não desse por despedido, dizendo-lhe eu, ou Felipe Nori sem q. lhe viesse hum avizo de VM.ce ou do Inspector mas nada me admira por q. sei o q. são pintores, e gente de Tiatro João Paulo me diz q. vai de proposito p.<sup>a</sup> saber q.m teceu este enredo vem embargo de eu lhe ter dito q. he couza do Inspector.

No q. resp.ta ao Estado da obra M.el da Costa continua com a mesma diligencia, faltão lhe só 10 caixas no teto velho, o teto da Capella mor, está quaze acabado, porem ainda tem q. fazer nelle os q. vierem, as paredes tem o fundo metido de geço e pó de pedra quaze todo o corpo da Igreja, a Sacristia está quaze pronta, e só lhe falta acabar de fingir as portas e no fim de tudo he q. lhe ponho as ferrages nos caixoes , o Thezouro toda aquella parte q. fica junto ao Paço vaise acabando p.<sup>a</sup> ficar inteiram.te independente no cazo q. venha S. A. Os quartos por onde se faz a passage p.<sup>a</sup> o Thezouro já se está madeirando p.<sup>a</sup> se tilhar, e tudo o mais q.to pertence ao Thezouro está galgado athé o primeiro pavim.to com abobadas fechadas menos a ultima caza q. fica por baixo do Thezouro q. por falta de Cantarias se não tem crescido nesta parte a parede da frente, porem tudo q.to se pode fazer independente de Cantarias se vai fazendo, o corredor q. dá entrada a Sacristia, naquella parte q. fica encostado a Obra novo, no seu alicerce achei hum nacente d'Agua a qual aproveito fazendo-lhe hum pequeno poço q. lhe fica metido no groço da parede da parte de dentro, p.<sup>a</sup> uzo da mesma Igreja de q. estão bem contentes, vou desmanchando as [?] antigas p.<sup>a</sup> se fazerem de novo as quaes são feitas de terra asim como tudo mais.

Dezejolhe huma perfeita saudeigual ao seu dezejo.

Villa Viçosa 14 de Agosto de 1807

De VM.ce

Seu mayor amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

(PS) Depois de ter feito esta chegarão os dois estucadores, Mas me diserão q. julgavão ter já partido João Paulo, por q. Mês não querião por modo nenhum trabalharem de baixo das suas direcçoens, do q. eu lhe respondi q. tudo estava prevenido. João Paulo parte hoje na mesma caleça ainda q. elle queria demorarse mais alguns dias, porem eu fis com elle q. se devia retirar logo, para q. a sua demora não fizesse alguma má disconfiança

ao Inspector assim o fes, dezejava q. VM.ce não he dese a intender q. eu de algum modo concori para a sua retirada não por q. lhe tenha algum sujeição mas por q. sempre dezejei viver bem com todos e tambem p.<sup>a</sup> desvanecer de alguma forma, a suspeita q. M.el da Costa lhe deu a intender, elle me diz agora na despedida q. M.el da Costa tambem concoreu p.<sup>a</sup> elle se hir embora isto por disconfiança q. teve da sua família porem como fala m.to não se lhe poderá dar m.to credito.

**Documento 42 – Carta a José da Costa e Silva, a respeito do prosseguimento do trabalho no teto, Vila Viçosa, 21 de Agosto de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 013**

Respondida em 24 de Agosto de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Os dois Estucadores em q. lhe perparavão algumas couzas nesseçarias p.<sup>a</sup> darem principio a simala, forão trabalhar no teto q. João Paulo deixou por acabar, e tem q. faxer nelle algum tempo, por q. deixou secar algumas couzas, q. devião ser feitas em ? e tambem algumas molduras q. elles tem achado dezapegadas do teto a ponto de cahirem, porem Joze Hiloy logo q. lhe aprontarão os contramoldes foi correr huma porção de simalha p.<sup>a</sup> depois principarem com a Escaiola e dis q. p.<sup>a</sup> os ? q. vem he q. lhe podião dar principio, não achão bons os reboucos, ou fundos, q. se tem feito no corpo da Igreja, por serem feitos, de geço e pó de pedra, q. devião ser com arêa, a qual mandei hoje boscar agradiana q. elles dizem ser boa. O geço q. o Almocreve troxe forão só onze golpelhas, e dise q. hoje aqui chegava o resto, porem estas remaças pequenas faz com q. haja falta, e ontem quinta feira avia já tão pouco q. se suspenderão os ofeciaes q. trabalhão nas paredes da Igreja athé chegar o resto desta viagem.

M.el da Costa vai continuando da mesma forma faltão lhe 8 caixas p.<sup>a</sup> acabar o teto.

Alguns [? ? ?] desta Capella me tem falado p.<sup>a</sup> lhe fazer hum terraço sobre o corredor q. dá entrada a Sacristia naquella parte q. fica junto a sua caza d'Armarios por ser aqui neste sitio o mais largo para [? ?] do seu intervalo ali paciarem, porem eu não o poço fazer sem ordem sua, por q. nos riscos q. lhe mandei não hia apontado; e só sim hião todas as Janellas iguais e gradadas, e para este fim he nesseçario fazer Janella resgada p.<sup>a</sup> dar entrada ao dito terraço, se VM.ce me mandar ordem p.<sup>a</sup> se fazer; adevirto q. ficará com algum defeito, q. he subir para elle com dois degrãos, por ficar a abobada do Corredor mais alta, q. o pavimento da Caza, e por mais cautela q. haja quando se fizer o maçame

do terraço, julgo q. nunca deixava de paçar alguma humidade abaicho, e lhe fará nodoas no teto do Corredor, mas sem embargo destes defeitos q. aqui lhe aponto, se VM.ce quizer q. lhe faça mandeme logo dizer, p.<sup>a</sup> assim o executar.

Dezejo q. disfrute huma perfeita saúde como lhe dezejo.

Villa Viçosa 21 de Agosto de 1807

De VM.ce

Seu mayor amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 43 – Carta a José da Costa e Silva, tratando da obra com outros novos estucadores, Elvas, 24 de Agosto de 1807 – Manuscrito I-3, 28, 036**

Respondida em 27 de Agosto de 1807

Ill.mo Sr. Jozé da Costa e Silva

As boas noticias, que tenho de V.<sup>a</sup> V.za q. fazem adiantar a obra os dois novos Estucadores, accuzão, e agravão ainda mais o desmazelo, e ? ? de João Paulo, que bem merece ser punido pela avulhada semana, que percebêo de jornaes, tratando de pêla huma tão séria obrigação, a que era ligado.

Já no Corr.<sup>o</sup> passado preveni a V.S.<sup>a</sup> d enviar-me a sua Carta do Corr.<sup>o</sup> do dia 27 p.<sup>a</sup> V.<sup>a</sup> V.za, o que agora repito, em meus efficazes dezejões de que V.S.<sup>a</sup> goze perfeita saude, dando-me ocaziões de seu agrado, por ser

De V.S.<sup>a</sup>

M.to f. vn.or mais obg.<sup>o</sup>

Vicente Ferrer de Seqr.<sup>a</sup>

Elvas 24 d'Ag.to 1807

**Documento 44 – Carta a José da Costa e Silva, falando sobre os trabalhos dos estucadores, Vila Viçosa, 4 de Setembro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 014,**

Respondida em 10 de Setembro de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

O Inspector antes de se hir embora quis ver fazer a escaiola, e terça feira principiarão no outro lado do Coro, e continuarão p.<sup>a</sup> diante a facha q. fica por baixo da Janella athé ao intrevalllo das duas Capellas, em q.to se [?] a porção q. já estava feita, p.<sup>a</sup> depois se pulir, e lustrar, o qual forão hoje fazer os Estucadores pella sua mão, e agora he q. vay mostrando q. ficará m.to bonita, eu creyo q. estes dois lhe custará a vencer toda a obra pello grande trabalho q. isto dá, o Inspector me tem dito por algumas vezes q. era impocivel q. João Paulo fizese este trabalho, e q. está inteiram.te capacitado, q. elle não queria outra couza senão vencer dias e afinal não fazer nada, e todas desta terra q. agora tem vindo ver a Igreja dizem o mesmo. A pintura do teto vay quaze vencida faltão só 3 caixas. Quando VM.ce poder maneme huma porção de bal nozes para pregar as ferrages dos caixoens, creyo q. chegarão 2 ou 3 sentos.

Agora corre aqui a noticia q. está feito secretario de Estado o Sr. D. Rodrigo eu o estimo por q. me parece q. elle em outro tempo era seu amigo, e julgo q. ainda o será mandeme dizer se he verdade.

Villa Viçosa 4 de Setembro de 1807

De VM.ce

Seu verdade.ro am.º e obrigado

Manoel Caet.º da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 45 – Carta a José da Costa e Silva, tratando de inúmeros assuntos e aparelho deficiente para o trabalho, Vila Viçosa, 11 de Setembro de 1807 –**  
Manuscrito I-3, 26, 015

Respondida em 11 de Setembro de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Recebi a sua Carta de 10 do Corrente vejo o q. me diz de João Paulo, eu cá tenho tido a noticia das grandes mentiras q. elle por lá tem dito, mas tenho a serteza q. a mayor parte da gente o não acredita, por q. o seu mao comportamento he conhecido por todos. Os dois Estucadores cá vão continuando com a Escaiola com bastante trabalho ppor cauza do mao aparelho q. João Paulo lhe fez, por q. devendo uzar de arêa uzou de pó de pedra; porem asim o mesmo se vão adiantando q.to podem, já estão com a volta da primeira Capella, esta he da mesma pedra amarella, mas hum tanto mais clara e tem M.el da Costa

tem a sentado q. os seguintes destas Capellas sejam de huma pedra escura com manchas de varias cores q. elle dis farão hum bom ifeito, e já lhe pintou huma amostra p.<sup>a</sup> se governarem por ella.

O Inspector me dise quando cá esteve q. fazia tenção de hir a Lx.<sup>a</sup> no fim deste mez e me pediu q. lhe dese hum papel p.<sup>a</sup> elle poder mostrar a obra nova q. se tem feito eu lhe estou tirando huma planta geral q. compriende a Igreja, Thezouro, e tudo o mais q. lhe pertence.

O Almocreve aqui chegou com vinte cinco golpelhas de geço e as tintas, e hoje chegará as cinco q. faltavão elle parte daqui segunda feira leva as mesmas golpelhas, tambem leva os sacos p.<sup>a</sup> trazer arêa do rio seco.

VM.ce mandará tambem doze arrates de flor de emchofre.

Estimo q. disfrute huma perfeita saúde como dezeja.

Villa Viçosa 11 de Setembro de 1807

De VM.ce

Seu ver Paid.ro amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 46 – Carta a José da Costa e Silva, fazendo-lhe pedidos de tintas e dando noticias diversas, Vila Viçosa, 25 de Setembro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 018,**

Respondida em o p.ro de Outubro de 1807

Snr. Joze da Costa e Silva

Aqui chegou o Almocreve hontem quinta feira com jeço elle deu a noticia, ter encontrado quarta feira no caminho de Lx.<sup>a</sup> o Inspector, julgo q. já lá terá chegado.

Segunda feira principiou a pintar M.el da Costa o teto da Capella Mor, com a diligencia do seu costume; aqui lhe remeto huma relação de tintas q. são precisas.

Na sua Carta de 24 do Corrente vejo a noticia q. me da da minha família o q. lhe agradeço m.to.

Estimarei q. disfrute huma perfeita saúde igual ao seu dezejo.

Villa Viçosa 25 de Setembro de 1807

Relação das tintas



X Roxo rei avinagrado – 2 arrates

X Ismalte – 8 S.os

X Vermelhão fino – 2 S.os

X Almagre de Roma – 4 S.os

Alvaiade – 8 arrobas

De VM.ce

Seu verdadeiro amigo e obrigado

Manoel Caet.<sup>o</sup> da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 47 – Carta a José da Costa e Silva, sobre as obras a serem inspeccionadas, Vila Viçosa, 23 de Outubro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 022**

Respondida em o p.ro de Novembro de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Recebi a sua Carta de 22 do Corrente, vejo o q. me diz da suspensão, q. o Inspector lhe dise tinha mandado fazer em algumas couzas, agora lhe torno a dizer q. a suspensão foi geral, a obra está inteiramente parada e só trabalhão nella os Estucadores, e Pintores, e tres borradores q. cá andavão despedirão hum por q. ganhava mais alguma couza, e o Carpinteiro que deixarão ficar abaterão-lhe o jornal.

Agora me dise Felipe Neri q o Inspector lhe mandou dizer me pedise huma relação do adiantamento da obra, eu lhe respondi, q. eu tinha recebido de VM.ce ordem p.<sup>a</sup> lhe mandar agora veja VM.ce q. adiantamento pode ter estando parada, e m.to poucos dias trabalhou depois q. elle foy para Lx.<sup>a</sup>

Em q.to a pintura M.el da Costa vay pintando na Capella Mor com m.to adiantamento.

Os Estucadores tambem se vão adiantando q.to podem, porem estas despediçoens, q. tem feito de ofeciaes e trabalhadores os tem atrasado m.to por q. dois ofeciaes e dois trabalhadores q. trabalhavam com elles se ajudavão m.to bem, estes forão despedidos, e lhes derão outros, e como não estão costumados neste trabalho fax isto hum grande embaraço p.<sup>a</sup> adiantamento da obra, porem contudo elles já tem posto massa desde o Coro athé a primeira Capella de huma e outra parte, e agora está Joze Hiloy pondo massa no

groço do arco de frente da Capella do Santissimo, e M.el Joze está polindo a Escaiola do Coro por q. não tem q.m faça este trabalho.

As cazas q. se fixão chegadas a torre estão cobertas e acabadas, andão-se acabando de borrar as portas.

Estimo q. disfrute huma perfeita saúde como dezeja eu ao presente me acho doente com huma constipação por cauza da mudança de tempo, e me apanhou dezaprecebido porem querendo D.s não será couza de cuidado.

Villa Viçosa, 23 de Outubro de 1807

De VM.ce seu verdade.ro amigo e obrigado

Manoel Caet.º da S.<sup>a</sup> Gayao

**Documento 48 – Carta a José da Costa e Silva, tratando das dificuldades sem auxiliares, achando-se a obra em atraso, Vila Viçosa, 2 de Novembro de 1807 –**  
Manuscrito I-3, 26, 024

Respondida ao [?] de Novembro de 1807

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Na sua Carta ao 1º de Novembro vejo o q. me diz do Inspector querer só conservar o Pintor e os dois Estucadores, asim o tem feito, porem não he praticável q estes homens posão fazer a obra, sem ter q.m lhe oinha os aviam.tos prontos, e lhe moão as tintas, se os Estucadores se pozerem a moer tintas p.<sup>a</sup> a sua Escaiola bem sabe VM.ce q. hum homem q. ganha 4000 a moer tintas, o q. pode fazer hum q. ganha 200, he hum grande prejuízo p.<sup>a</sup> a obra de sua Alteza, e não podem adiantar o seu trabalho, Mas estão bastantemente disgostozos, alem do dezaranzo da obra, faltaremlhe com os pagam.tos, e me dizem q. disconfião m.to disto por q. se o Inspector vir q. estas couzas tomão máo caminho, então não paga a ninguém, e isso he o q. elles receião.

Peçolhe q. se não discuide de procurar oucazião de falar ao Sr. João Diogo e darlhe conta do Estado da obra, creyo q. elle o não saberá p.<sup>a</sup> q. ao depois não julguem q. o seu atrasam.to venha da pouca actividade, e zello, q. eu tenha tido.

Estimarei q. disfrute huma perfeita saúde igual ao seu dezejo.

Villa Viçosa 2 de Novembro de 1807

De VM.ce seu verd.to am.º e obrigado

Manoel Caet.no da S.<sup>a</sup> Gayao

PS: M.el da Costa se recomenda a VM.ce dis q. lhe não responde a sua carta por não a ?, dis q. não tem duvida estar o tempo q. quizerem, mas toda a sua duvida he afinal não ser pago, pois sendo hum homem de tanto credito podia paçar huma letra p.<sup>a</sup> serem pagos, elle q. o não foi por algum máo fim he.

**Documento 49 – Carta a José da Costa e Silva, a respeito do pagamento de dívida aos estucadores e discípulos, Elvas, 23 de Novembro de 1807 – Manuscrito I-3, 28, 042**

Respondida em 26 de Novembro de 1807

Ill.mo Sr. Joze da Costta e Silva

Aqui cheguei no dia 14 tendo proseguido a viagem com bom sucesso, estimarei tãobem q. V.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> tenha passado, e prosiga sem moléstia.

Hontem veio aqui M.el da Costta, e o seu discípulo, e os dois estucadores, e a todos se devem os jornais d’algumas semanas, e não me sendo possivel apromptar-lhos pella falta de providencia p.<sup>a</sup> a precisa despêza da obra conformei-me em q. esta se suspendesse, e q.e elles se retirassem concordando com Manoel da Costa, q.e elle fizesse a despêza do seu transporte, e pagá-se as suas cavalgadas som.te dos dois estucadores, e cobrasse de V.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup> as importancias respectivas, q.e lhes satisfará na conformidade do ajuste q.e fez com huns, e outros, de q.e o mencionado dará conta a V.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup>, e eu estimarei ter occaziões de repetir-lhe a estima com q.e sou

De V.<sup>a</sup> S.<sup>a</sup>

Mto. S. vn.or obzeq.zo

Vicente Ferrer de Seqr.<sup>a</sup>

Elvas 23 de Novbr.<sup>o</sup> de 1807

**Documento 50 – Carta a José da Costa e Silva, sobre a retirada de dois estucadores e dizendo-lhe querer retirar-se da obra, Vila Viçosa, 27 de Novembro de 1807 – Manuscrito I-3, 26, 029**

Snr. Joze da Costa e S.<sup>a</sup>

Aqui me diz M.el da Costa q. recebeu huma Carta sua, e lhe dis q. hade falar ao Sr. João Diogo p.<sup>a</sup> ver se me manda dar Caleça, p.<sup>a</sup> a minha retirada, pareceme q. seria melhor q. lhe pedise licença p.<sup>a</sup> me retirar, por q. a Caleça lá em Lx.<sup>a</sup> me pagaria se quizesse, M.el da Costa faz tenção de partir daqui Domingo 29 do Corrente, os dois Estucadores, já partirão quarta feira, e lá chegão Sabado, eu aqui fico só esperando q. me mande ordem p. me retirar, o q. mais me custa he não ter companhia por q. elles todos partem adiante de mim.

Estimo q. disfrute huma perfeita saúde igual a seu dezejo.

Villa Viçosa 27 de Nob.ro de 1807

De Vm.ce

Seu verdade.ro amigo

Manoel Caet.no da S.<sup>a</sup> Gayao